

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULA CRISTINA DOS REIS

ONDE, AONDE, NA ONDE E A NORMA CULTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

CURITIBA

2017

PAULA CRISTINA DOS REIS

ONDE, AONDE, NA ONDE E A NORMA CULTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Letras, no Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Maria José Foltran

CURITIBA

2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **PAULA CRISTINA DOS REIS** intitulada: **ONDE, AONDE, NA ONDE E A NORMA CULTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa. A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 09 de Outubro de 2017.

MARIA JOSE GNATIA DALCUCHE FOLTRAN
Presidente da Banca Examinadora

DINAMARA PEREIRA MACHADO
Avaliador Externo

JOSÉLIA RIBEIRO
Avaliador Externo

SIMONE AZEVEDO FLORUPI
Avaliador Externo

GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA
Avaliador Interno



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação LETRAS

ATA Nº830

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM LETRAS

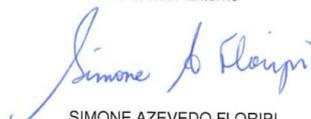
No dia nove de Outubro de dois mil e dezessete às 14:00 horas, na sala 1013, Rua: General Carneiro 460 Edifício D. Pedro I, foram instalados os trabalhos de arguição da doutoranda **PAULA CRISTINA DOS REIS** para a Defesa Pública de sua tese intitulada **ONDE, AONDE, NA ONDE E A NORMA CULTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN (UFPR), DINAMARA PEREIRA MACHADO (UNINTER), JOSÉLIA RIBEIRO (PUC/PR), SIMONE AZEVEDO FLORIPÍ (UFU), GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação da aluna. A doutoranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de doutor está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 09 de Outubro de 2017.


MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Presidente da Banca Examinadora


DINAMARA PEREIRA MACHADO
Avaliador Externo


JOSÉLIA RIBEIRO
Avaliador Externo


SIMONE AZEVEDO FLORIPÍ
Avaliador Externo


GESUALDA DE LOURDES DOS SANTOS RASIA
Avaliador Interno

AGRADECIMENTO

Desafio quase tão grande que escrever a tese é conceber um agradecimento que caiba em tão poucas páginas. Dentre as descobertas e reafirmações desse tempo de estudo, saber que língua é múltipla e, portanto, a padronização é falha, torna a língua ainda mais bela e a aproxima do humano, que também é sujeito a falhas. Esse agradecimento é uma história humana, linda e sujeita a falhas, no registro, nas memórias dos acontecimentos e na história. Vou falhar muito aqui, porque as palavras não esgotam o que transborda o coração, ainda assim, arrisco-me a citar pessoas e situações.

Deus Pai, meu amigo Jesus e minha Nossa Senhora: a fé no céu que me faz ver além das possibilidades humanas, levantar, descobrir que a resiliência, realmente, existe e, caminhando, ver a promessa se cumprir.

Ivete, minha mãe: eu sempre ficava atrás de você, enroscada no seu pé a ponto de você tropeçar em mim. Pretensiosa, já queria seguir seus passos e conseguir administrar tudo e todos ao mesmo tempo, sem deixar faltar carinho e dedicação. Hoje eu estou aqui e sigo sendo a sua aprendiz na escola da vida.

Natal, meu pai, homem de muita cultura e poucos diplomas. Todas as vezes que pensei que não conseguiria, caminhei porque o seu eco dizia constantemente: trabalho o quanto for para que você e seu irmão estudem, porque a herança que deixarei será a oportunidade que ninguém poderá roubar. Duas graduações, uma porção colecionável de pós-graduações, um mestrado e um doutorado dedicado a você.

Meu irmão, Sergio, minha cunhada, Jane, e a compreensão de todos os almoços que não fiquei, de todas as datas que esqueci e de todos os vinhos que não tomei porque tinha que voltar pra casa e estudar. Meu sobrinho Bruno, que um dia ainda vai entender “por que a sua escola nunca tem férias, tia, pra gente sair fazer um programa de somente nós dois na sua casa?”.

Ao meu grande amor, Luciano, que soube entender cada página desta – e de tantas outras – histórias: cada falta de tempo, cada final de semana de presença na tese e ausência da vida, que seguiu compartilhada, porque está perto quem está dentro. Minha estrada ficou mais bela com você!

Minha super mana Michelly, irmã gêmea de pais diferentes. Quantas viagens adiadas, quantas férias canceladas, quantas noites chorando porque não daria conta? Quantas conversas longas ao telefone e pessoalmente que me fizeram respirar fundo e prosseguir.

Adriana, meu polegar da mão direita. Noites de insônia, experiências gastronômicas e uma linda história de sonhos, realidades, vitórias e apoio mútuo.

Minhas lindas e queridas Andressa e Poly que não desistiram de me convidar para nossas noites de risada, aniversários e afins, mesmo sabendo que a maioria das vezes a resposta seria “gente... hoje não consigo!”.

Aos amigos da Comunidade Vale de Saron, que souberam respeitar meu tempo de ausência (e que tempo longo!) entre mestrado e doutorado, sempre sendo meu lugar de descanso e apoio: nesse tempo, o que mais ouvi foi “vai valer a pena” (sem contar o “doutora, agora vai... e agora CHEGA!).

Dina, Maris, Deisily: somos, de fato, um grupo fantástico! A vida é mais fácil e bem mais feliz por estarmos juntas! Agora sim: um quarteto de doutoras!

Aos amigos da UNINTER, com quem divido muito mais que trabalho: divido sonhos, histórias, tempo, **vida**. Somos um grupo que se transforma em família. A todos os integrantes das minhas equipes (Curso de Letras e Setor de Mídias sociais – ESE), todos os coordenadores, tutores, professores, administrativo que, dizendo muito ou pouco, sempre souberam restabelecer meu ânimo a cada dia. Daíne, Gi Cordeiro, Gi Thiel, Rê, André, Silvana, Simone e tantos outros...

Professora Mazé (Maria José Foltran), minha orientadora, que aceitou olhar uma estrada incerta - com curvas e guinadas - acender luzes ao longo da estrada, esperar meu tempo de enxergá-la e me fazer caminhar por ela de forma segura. Obrigada por todo conhecimento compartilhado e por toda humanidade respeitada. Poucas vezes encontrei na vida mãos tão generosas.

Professoras Gesualda (UFPR) e Josélia Ribeiro (PUCPR): sou grata pelas preciosas contribuições desde a banca de qualificação até as sugestões de ajustes na banca de defesa. O olhar respeitoso e certo e os apontamentos minuciosos foram imprescindíveis para que esta tese fosse concluída.

Professoras Dinamara (UNINTER) e Simone (UFU) grata pela disponibilidade de tempo, de leitura atenta e das muitas contribuições realizadas durante o processo de defesa.

Ao Centro Universitário Internacional UNINTER, na pessoa de seu Magnífico Reitor Benhur Gaio, por todo incentivo ao longo dos anos de doutorado e pelo aceite em fornecer elementos de composição de corpus para esta pesquisa.

Quando as palavras já se esgotam, esboço, ainda, um sorriso em meio às lágrimas de emoção e de vitória. Elevo aos céus uma prece de gratidão e dos meus lábios saem o mais sincero “muito, muito obrigada”!

“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente”. (Roger Von Oech)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo principal apresentar uma proposta funcionalista de descrição de usos de **onde**, **aonde** e **na onde** em língua portuguesa brasileira, mostrando uma investigação do processo de variação e mudança linguística do item **onde** e da divisão de espaço deste com as formas inovadoras **aonde** e **na onde**. Trabalhou-se com a hipótese de que, ao se gramaticalizar, **onde** passou a desempenhar papéis linguísticos de referências mais abstratas, deixando as referências mais concretas para as formas **aonde** e **na onde**. Os informantes e corpus obedecem aos parâmetros da Norma Culta Urbana vigente no país (Bortoni-Ricardo, 2005), portanto, os dados foram inseridos no intercruzamento dos polos urbano e letramento, com moderada monitoração estilística. Os informantes são acadêmicos de licenciaturas diversas, de um mesmo Centro Universitário brasileiro, todos optantes pela modalidade de ensino a distância e com ao menos $\frac{1}{4}$ do curso finalizado; o corpus, manifestações virtuais dos informantes em ambiente acadêmico monitorado (AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem). O corpus foi formado por 233 ocorrências de **onde**, 81 de **aonde** e 72 de **na onde**. Para analisá-las, apresentamos uma proposta inédita de **trajetória de abstração progressiva** e, a partir dela, conclui-se a existência de um processo de distribuição complementar em implantação na língua.

Palavras-chave: 1-Variação e mudança linguística. 2-Norma culta urbana. 3- Onde, aonde, na onde. 4-Educação a distância (EaD). 5-Ambiente virtual de aprendizagem (AVA). 6- Português brasileiro

ABSTRACT

This paper has as objective to present a functionalist proposal of description of: *onde*, *aonde* and *na onde* in Brazilian Portuguese, showing an investigation of the process of variation and linguistic change. In this process the form “**onde**”, “**aonde**” and “**na onde**” began to divide spaces in the language. Our hypothesis is that when “onde” was grammaticalized, it began to play linguistic roles of more abstract references, leaving the references more concrete to the forms “**aonde**” and “**na onde**”. The informants and corpus obey the parameters of the Urban Culture Standard of Brazil (Bortoni-Ricardo, 2005), therefore, the data were inserted in the inter-crossing of the urban poles and literacy, with moderate stylistic monitoring. Informants are academics of different degrees from the same Brazilian University Center, all of whom are opted for the modality of distance learning and with at least $\frac{1}{4}$ of the course completed; the corpus is virtual manifestations of informants in a monitored academic environment (Virtual Learning Environment). The corpus was formed by 233 occurrences of where, 81 of where and 72 of where. In order to analyze them, we present an unpublished proposal of a progressive abstraction trajectory and with this, we conclude the existence of a complementary distribution process in implantation in the language.

Key-words: 1-Variation linguistic and linguistic change. 2-Urban culture standard, 3-Onde, aonde, na onde. 4-Distance education (EaD). 5-Virtual learning environment. 5- Brazilian Portuguese

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ORGANIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DO CONHECIMENTO	74
FIGURA 2 - CONSTITUIÇÃO DO CORPUS - ETAPA EXPLANATÓRIA.....	77
FIGURA 3 - AMBIENTE VIRTUAL: TUTORIA.....	77
FIGURA 4 - AMBIENTE VIRTUAL: INTERAÇÃO VIA FÓRUM.....	78
FIGURA 5 - AMBIENTE VIRTUAL: QUESTÕES DISSERTATIVAS	80
FIGURA 6- CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: ETAPA EXPLANATÓRIA	88

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - CLASSIFICAÇÃO DE ONDE EM DIFERENTES GRAMÁTICAS.....	30
TABELA 2 - FASES DA MUDANÇA LÉXICO - GRAMÁTICA	61
TABELA 3 - PERFIL DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	71
TABELA 4 - PERFIL DOS ALUNOS DOS CURSOS PESQUISADOS	71
TABELA 5 - CODIFICAÇÃO - FATORES EXTRALINGUÍSTICOS	87
TABELA 6- CONTITUIÇÃO DO CORPUS - NÚMEROS ABSOLUTOS.....	101
TABELA 7- FAIXA-ETÁRIA X USOS DE ONDE, AONDE, NA ONDE	104
TABELA 8 - SEXO X USOS DE ONDE, AONDE, NA ONDE	104
TABELA 9 - COMPARATIVO DE FUNÇÕES.....	105
TABELA 10 - OCORRÊNCIA ONDE, AONDE, NA ONDE EM FUNÇÃO DE ADVÉRBIOS.....	106
TABELA 11 - OCORRÊNCIAS DE ONDE, AONDE, NA ONDE EM FUNÇÃO DE CONECTIVO.....	107
TABELA 12 - PERCENTUAL DE OCORRÊNCIA DOS CONECTIVOS.....	108
TABELA 13 - OCORRÊNCIA DOS PRONOMES RELATIVOS.....	109
TABELA 14 - PRONOMES RELATIVOS COMO REFERENTE A ESPAÇO FÍSICO	109
TABELA 15 - PRONOMES RELATIVOS COMO REFERENTE A VALOR NOCIONAL.....	110
TABELA 16 - PRONOME RELATIVO COMO REFERENTE A TEMPO E POSSE	110
TABELA 17 - COMPARATIVO PERCENTUAL DE OCORRÊNCIA DE ONDE, AONDE, NA ONDE EM FUNÇÃO DE PRONOMES RELATIVOS.....	110
TABELA 18 - ONDE CONECTIVO E SUAS FUNÇÕES	125
TABELA 19 - AONDE E NA ONDE CONECTIVO E SUAS FUNÇÕES.....	126

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - ETAPA EXPLANATÓRIA: ONDE TCC PROJETO	83
GRÁFICO 2- OCORRÊNCIAS DE ONDE E AONDE	90
GRÁFICO 3 - OCORRÊNCIA DE PREPOSIÇÃO	92
GRÁFICO 4 - NOVA DIVISÃO DO CORPUS.....	93
GRÁFICO 5- OCORRÊNCIAS DOS ITENS X NORMA PADRÃO	102
GRÁFICO 6 - OCORRÊNCIAS X CURSOS.....	103

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - FORMAS DOS ADVÉRBIOS LOCATIVOS NO LATIM, PORTUGUÊS ARCAICO E PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.....	26
QUADRO 2- FORMAS DE LOCATIVO SEGUNDO PIRES DE OLIVEIRA.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	–	Ambiente Virtual de Aprendizagem
EaD	–	Educação a distância
Projeto VARSUL	–	Projeto de Variação Linguística do Sul do país
Grupo D&G	–	Grupo de Discurso & Gramática
PC	-	Português Contemporâneo
PA	-	Português Arcaico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
	CAPÍTULO1- ESTUDOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS.....	25
1.	A DIACRONIA DE <i>ONDE</i>	25
2	<i>ONDE</i> E <i>AONDE</i>: DISCUSSÕES ACERCA DAS CLASSIFICAÇÕES	28
3	<i>ONDE</i>: ESTUDOS LINGUÍSTICOS	32
3.1	AS GRAMÁTICAS DE NEVES E PERINI.....	33
3.2	VARIAÇÃO E USO DE <i>ONDE</i> NO PORTUGUÊS ARCAICO – BOMFIM	35
3.3	OS CAMINHOS DO ' <i>ONDE</i> ': UMA CONTRIBUIÇÃO DA SEMÂNTICA AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA – PIRES DE OLIVEIRA.....	36
	O locativo espacial	37
	O locativo Temporal	37
	O locativo abstrato	38
	O locativo relativo.....	39
	Conclusões de Pires de Oliveira	40
3.4	OLIVEIRA: <i>ONDE</i> NA LÍNGUA FALADA E ESCRITA DE NATAL	41
	Metáfora espacial ou física.....	42
	Metáfora temporal	44
3.5	SOUZA – A MULTIFUNCIONALIDADE DE <i>ONDE</i> EM DADOS ORAIS DE SALVADOR.....	45
	<i>Onde</i> com valor de espaço físico	46
	<i>Onde</i> com valor de tempo	46
	<i>Onde</i> com valor de Posse	47
	Os estudos de Kersch	47
3.6	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	49
	CAPÍTULO 2 –GRAMATICALIZAÇÃO	51
1	A GRAMATICALIZAÇÃO	51
2	ESTUDOS DA GRAMATICALIZAÇÃO: SURGIMENTO E CONCEITOS ...	53
2.1	DIACRONIA, SINCRONIA E PANCRONIA	56
	Direção da mudança	57
	Natureza da mudança	59

Resumo Histórico	59
3 PARADIGMA DA GRAMATICALIZAÇÃO	60
4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	64
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	65
1 NORMA: DISCUSSÃO DE CONCEITOS	65
1.1 NORMAS PADRÃO X NORMA CULTA	67
2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A SOCIEDADE MODERNA	70
2.1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO PERFIL	70
2.2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONSTITUIÇÃO E PÚBLICO-ALVO	72
3 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE DOS DADOS	75
3.1 ETAPA EXPLANATÓRIA	76
Constituição do corpus	76
3.1.1.1 Diálogos aluno x tutor em ambiente de “tutoria	77
3.1.1.2 Textos de fórum	78
3.1.1.3 Respostas a questões dissertativas em provas formais	79
3.1.1.4 Texto argumentativo/ dissertativo - TCC projeto	82
3.2 ETAPA CONSTITUTIVA DO CORPUS	87
Detalhamento dos dados	90
<i>Onde e aonde</i> : fatores linguísticos	90
4 ANÁLISE DOS DADOS, DISCUSSÃO TEÓRICA E PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO	93
4.1 COMO REFERENTE A ESPAÇO FÍSICO	94
4.2 COMO REFERENTE A TEMPO	96
4.3 COMO REFERENTE A ESPAÇO FÍSICO AMPLIADO OU NOÇÃO	97
4.4 REFERENTE A POSSE	98
4.5 NÃO CATEGORIZADOS	99
4.6 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS	102
5 FUNÇÃO DOS ITENS ONDE, AONDE, NA ONDE	104
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO E PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO	111
1 GRAMATICALIZAÇÃO	112
1.1 A RECATEGORIZAÇÃO	112
1.2 SEMANTIZAÇÃO	116
1.3 DISCURSIVIZAÇÃO	118

2	ONDE, AONDE, NA ONDE E A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO.....	119
2.1	RESUMO DO CAPÍTULO.....	126
	CONCLUSÃO	129
	REFERÊNCIAS.....	135

1 INTRODUÇÃO

Toda língua é modificada ao longo do tempo pela força do uso de seus falantes. Formas e estruturas podem perder a expressividade linguística e serem deixadas de lado, entrarem em desuso, desaparecerem e serem substituídas por novas. Outras vezes, palavras que possuíam sentidos variados, estratificam-se e as estruturas se fossilizam em um sentido específico, mas continuam presentes na língua. Há ainda os itens que fazem o caminho inverso: passam de um sentido restrito a usos mais ampliados, com sentidos múltiplos e em contextos diversos, tanto na língua oral quanto na escrita, em modalidades mais e menos monitoradas.

Esta tese, que apresenta uma proposta funcionalista de descrição de dados, pretende mostrar uma investigação acerca da variação e mudança linguística que o item **onde** possa ter sofrido na língua portuguesa brasileira, tendo passado a dividir espaço com **aonde** e **na onde**, em contextos diversos. Esta pesquisa sincrônica, parte de parâmetros de estudos linguísticos já consagrados, e visa ampliar o corpus de análise de **onde** e apresentar, de forma inédita uma análise descritiva ampliada de **onde** e contrastiva com formas **aonde** e **na onde**, o que se mostra uma contribuição relevante aos estudos linguísticos, uma vez que os itens inovadores não foram foco de estudo ou descrição.

A proposta principal desta tese é descrever o uso de **onde**, **aonde** e **na onde**, observando se as três formas se encontram em usos conviventes em todos os contextos ou se desempenham funções distintas na língua, tendo uma ou outra forma se especializado em alguma função ou contexto. Para tanto, levantamos algumas hipóteses que serão descritas ao longo desta introdução.

O corpus foi montado tomando por base interações virtuais em ambiente educacional monitorado (AVA – ambiente virtual de aprendizagem) de acadêmicos de cursos de licenciaturas diversas, de um mesmo Centro Universitário Brasileiro, todos optantes da modalidade de ensino a distância. O Centro Universitário possui aproximadamente 430 polos, entretanto, selecionamos apenas polos de grandes centros para a coleta de dados dos acadêmicos. A citar: Curitiba, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Recife, Porto Alegre. Para a seleção dos informantes, consideramos os seguintes fatores: sexo, faixa-etária e curso.

A seleção dos informantes e do ambiente de interação partiu dos pilares que nutrem os padrões da chamada Norma Culta Urbana, que está pautada em Bortoni-Ricardo (2005). A autora distribui as variedades em três *continua* que se entrecruzam: o **continuum** rural-urbano, o de oralidade-letramento e o de monitoração estilística. Considerando essas características, constata-se que as variedades que exercem, hoje, a maior força de atração sobre as demais são as faladas pelas populações tradicionalmente urbanas, situadas pela escala de renda de média para alta, classe caracterizada por níveis de escolaridade e acesso aos bens culturais. Adotando o modelo dos três contínuos, Bortoni-Ricardo caracteriza as variedades 'cultas' como aquelas que se distribuem no entrecruzamento do polo urbano (no eixo rural-urbano) com o polo letramento (no eixo oralidade-letramento). No eixo de monitoração estilística, essas variedades, como todas as demais, veiculam diferentes estilos, desde os menos até os mais monitorados.

A partir disso, consideramos que o ambiente virtual acadêmico pesquisado e, por conseguinte os informantes e as interações manifestadas por eles, inserem-se nos polos urbano e letramento, com moderada monitoração estilística. As interações formais realizadas de forma escritas, nesse ambiente, portanto, serão tomadas neste trabalho como indícios de uma norma culta vigente no Brasil.

Antes da constituição efetiva do corpus de pesquisa, foi necessário observar as formas de comunicação escrita existentes dentro do Ambiente Virtual de Aprendizagem. Essa análise prévia constituiu a etapa que chamamos de explanatória e nos propiciou selecionar o local mais produtivo para a ocorrência do objeto de pesquisa. A segunda etapa, chamada de Etapa Constitutiva do Corpus, foi realizada com maior rigor acadêmico, com delimitação de critérios extralinguísticos e linguísticos para a separação e posterior análise dos dados.

Com o corpus constituído, todos os dados de **onde**, **aonde** e **na onde** foram categorizados e codificados. Os exemplos apresentados mostram dados transcritos fielmente, incluindo eventuais inadequações de registro formal.

Para a categorização dos dados, consideramos classificações de referência já apresentadas nos estudos de Kersch (1996), Oliveira (1997), Pires de Oliveira (1998), e Souza (2003):

- referência a espaço físico;
- referência a tempo;
- referência a espaço físico mais ampliado ou mais abstrato ou com valor nocional;
- referência a posse;
- outros casos não categorizados.

A partir dessa classificação, para que pudéssemos realizar uma análise contrastiva, separamos os dados em bases paralelas: uma para **onde**, outra para **aonde**. O próximo passo foi analisar a presença x ausência de preposições antecedendo o item. Essa análise nos levou à observação do aparecimento de um uso combinatório recorrente: **na onde**, formado por **em+a+onde**. Essa constatação nos levou a uma nova separação da base de dados: passamos, então, trabalhar com três constituições paralelas: **onde**, **aonde** e **na onde**.

Sequencialmente, buscamos observar qual o tipo de frase encontrado nos dados: frases afirmativas e frases interrogativas. Por fim, classificamos os dados quanto à função de advérbio, pronome relativo ou conectivo.

Para recolher os dados para futura análise, optamos em fazer uso do programa *WordSmith Tools*, um importante recurso da Linguística de Corpus. Nosso objetivo ao selecionar o programa não é assumir as bases teóricas desse segmento, mas apenas utilizá-lo como um facilitador na constituição do grupo de análise e o posterior contraste entre eles.

O programa, de acordo com Berber Sardinha (2004, p.4), foi desenvolvido unicamente para análise linguística, funciona com base em três princípios: ocorrência de dados – um item linguístico deve ocorrer para ser observado pelo programa; recorrência – análise da frequência dos dados; coocorrência - análise com presença de outros itens, pois: “Ele obtém significância na medida que é interpretado como parte de um conjunto formado por outros itens”. O *WordSmith Tools* é composto por 3 ferramentas, 4 utilitários, 17 instrumentos e inúmeras funções e opções de ajustes. É preciso que fique registrado que não faremos uso de todo seu potencial, nem apresentaremos um manual de como fazê-lo.

A hipótese inicial desta pesquisa é a de que, ao se gramaticalizar, **onde** passou a desempenhar na língua portuguesa brasileira, papéis linguísticos com

referências mais abstratas, deixando as referenciações mais concretas para **aonde** e **na onde**.

Partindo dessa hipótese, nosso primeiro objetivo é indicar uma possível proposta de escala de referente concreto x abstrato, a qual chamaremos de **trajetória de abstração progressiva de onde**. Para tanto, trabalharemos a partir de três classificações da função sintática do item (advérbios, pronomes relativos e conectivos) justapostas com as classificações de referências (espaço físico concreto, abstrato, temporal, posse) já indicadas nos estudos de **onde** e adotadas nesta tese para os estudos de **onde**, **aonde** e **na onde**.

Em nossa linha de representação, itens usados em função de advérbio apontariam para a representação mais concreta e itens em função de conectivos para os contextos de referência mais abstrata. Os itens em função de pronome relativo seriam distribuídos e escalonados obedecendo à seguinte ordem:

Advérbio > Pronome Relativo com referência a espaço físico > Pronome relativo referente a espaço abstrato ou com valor nocional > Pronome relativo referente a tempo ou posse > conectivo

Para que seja possível registrar os graus de abstração, recorreremos à criação de marcações de medição que começam em [++++concreto] e terminam em [- - - concreto]. Assim, teremos:

Advérbio [++++ concreto] > Relativo com referência a espaço físico [+++- concreto] > referente a espaço abstrato ou com valor > [++ - - concreto] > Pronome relativo referente a tempo ou posse [+ - - concreto > Conectivo [- - - - concreto]

Dentro desse pensamento e dessa linha de abstração, a hipótese de trabalho é a de que **onde** tenha passado a ocupar um lugar cada vez mais à direita na escala enquanto **aonde** e **na onde** teriam ocupado os locais cada vez mais à esquerda.

O segundo objetivo desta pesquisa é constatar se os fatores sociais selecionados são ou não relevantes na seleção de uso de uma das formas linguísticas. Para tanto, separamos no corpus os acadêmicos de Letras dos acadêmicos das demais licenciaturas e buscamos evidências que indiquem se a utilização das formas **onde**, **aonde** e **na onde** segue a mesma sistemática apresentada nas demais licenciaturas ou se os acadêmicos de Letras, de alguma forma, apresentam percentuais de utilização distintos. Partimos da hipótese de haver

uma maior manutenção das regras normativas nos dados dos acadêmicos de Letras.

A norma padrão indica que **onde** deve ser utilizado para referenciar um local físico concreto e é, tradicionalmente, classificado pelas gramáticas, sejam normativa, escolar ou esquematizada, ora como advérbio ora como pronome relativo. Apesar dessa prescrição de uso, não é incomum observarmos novos usos para **onde**, fazendo referência a espaço abstrato, tempo, posse, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Nesta tese, trouxemos dados que exemplifica a multifuncionalidade e a multicategoriação de **onde** e que nos permite ampliar com as discussões acerca dos caminhos percorridos por **onde** em seu processo de variação e mudança linguística, além de apresentar os contrapontos deste com **aonde** e **na onde**.

Esta tese foi organizada em 4 capítulos. No primeiro, intitulado “Estudos diacrônicos e sincrônicos” buscamos localizar historicamente o item **onde**, desde o latim até o português brasileiro, mostrando os aspectos apontados como norma de uso nas gramáticas e aspectos descritos pelos estudos linguísticos. Os estudos linguísticos apresentados neste capítulo servirão de base para o desenvolvimento dos estudos realizados nesta tese.

Dedicamos o segundo capítulo para tratar da “Gramaticalização”, apresentar seus fundamentos históricos e delinear, a partir deles, o pensamento adotado para análise dos dados sobre **onde**, **aonde**, **na onde** à luz da gramaticalização.

No terceiro capítulo “ Metodologia de pesquisa e apresentação dos dados”, traremos os dados do corpus constituído para este estudo e apresentaremos uma análise descritiva de **onde**, **aonde** e **na onde** buscando indicar elementos que confirmem ou refutem a hipótese de que, ao se gramaticalizar, **onde** tenha passado a desempenhar papéis linguísticos com referências mais abstratas, deixando as referências mais concretas para **aonde** e **na onde**.

No quarto capítulo “Análise dos dados, discussão teórica e proposta de classificação”, apresentaremos a argumentação teórica desta pesquisa em contraposição aos dados levantados no corpus.

CAPÍTULO 1 - ESTUDOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS

Este capítulo tem por objetivo localizar historicamente o item **onde**, desde o latim até o português brasileiro, mostrando os aspectos prescritos pela gramática normativa e aspectos descritos pelos estudos linguísticos. Para melhor leitura, dividimos o capítulo em três partes: na primeira, apresentaremos uma breve caracterização histórica do item **onde**, enfocando aspectos de mudança morfológica e semântica no trajeto do latim ao Português Brasileiro. Na segunda parte, apresentaremos a visão da gramática normativa quanto à classificação e ao uso de **onde**, mostrando, a partir de um estudo prévio realizado por Zilles e Kersch (2015), a prescrição indicada em 27 gramáticas da Língua Portuguesa. Buscaremos, ainda, apresentar a visão normativa quanto ao uso de **aonde**.

Na terceira parte, indicaremos as diretrizes propostas por alguns dos principais estudos linguísticos que visaram descrever **onde** em Português Brasileiro. Nessa esfera, destacam-se autores como Bomfim (1993), Kersch (1996), Oliveira (1997), Pires de Oliveira (1998), Souza (2003), Zilles e Kersch (2015).

1. A DIACRONIA DE ONDE

A palavra **onde** em português provém dos advérbios latinos *unde, ubi, quo e qua*. A respeito dos advérbios, Câmara Júnior indica que

“Nas antigas línguas indo-européias, entre as quais o latim, o advérbio se caracterizava, em face das formas nominais ou pronominais em que se filiava, por ser um nome ou pronome fixado num determinado caso (que era frequentemente o ablativo) ou ter uma estrutura peculiar com um sufixo típico.” (CÂMARA JÚNIOR, 1976: 116)

Pereira (1919, p. 544) classifica **onde** como um advérbio de lugar e diz que “dispõe a língua de advérbios simples oriundos do latim e de locuções adverbiais para indicar as várias circunstâncias de lugar¹: **onde, aonde, adonde (...)**”. De acordo com o autor, **onde** proveio da forma latina **unde**

¹ Citação transcrita de forma fiel à grafia original da obra.

que significa donde. Em latim, o lugar **onde**, donde e para **onde**, exprime-se respectivamente por – ubi, unde, quo. (...) *Unde* nos primeiros documentos da língua apresenta-se com seu valor etimológico (...) posteriormente desapareceu *hu, u (ubi)* da língua, e **onde** (*unde*) veio preencher-lhe a falta. Destes factos históricos, resultou o não distinguirem os nossos clássicos entre – **onde**, **aonde**, donde e adonde. PEREIRA (1919, p.544)

Os clássicos, como Camões, não faziam distinção entre as formas **onde**, **aonde**, **donde** e **adonde**, porém, houve o surgimento de uma corrente, que apesar de não ser histórica, é, segundo Pereira (1919, p. 545), lógica e aceitável e buscou “aproveitar as fórmulas **onde**, **aonde** e *donde* fazendo-as corresponder; **onde**= *ubi*, **aonde** = *quo* (para **onde**); *donde*= *unde*”.

De acordo com essa nova corrente, então, distinguia-se a proveniência (*unde*) da localização estática (*ubi*), da direção (*quo*) e da passagem (*qua*). Na passagem do latim para o português antigo, *unde* transformou-se em **onde** e assumiu o sentido de ‘lugar em que/lugar **onde**’, atribuído em latim a *ubi*. *Ubi*, por sua vez, derivou as formas *hu* e *u*, que desapareceram do português, sendo substituídas por **onde**. *Quo* e *Qua* foram substituídas por **onde** e pelas formas preposicionadas de *hu* e *u*.

Essa passagem pode ser demonstrada de forma sintética no Quadro 1, redigido a partir de Bomfim (1993)

QUADRO 1 - FORMAS DOS ADVÉRBIOS LOCATIVOS NO LATIM, PORTUGUÊS ARCAICO E PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Sentido/acepção	Latim	Português arcaico	Português contemporâneo
Localização estática	<i>Ubi</i>	Hu, u	Onde
Proveniência	<i>Unde</i>	Unde/ onde	De onde
Direção	<i>Quo</i>	Pera onde , pera unde, pera u	Para onde
Passagem	<i>Qua</i>	Per onde /per unde/ per u	Por onde

FONTE: REIS (2017)

Na passagem do latim para o português antigo e, posteriormente, para o português contemporâneo, houve um enfraquecimento semântico das partículas, o que demandou o uso de preposições junto à forma para marcar proveniência, direção e passagem. Apenas a utilização de **onde** no sentido de localização estática permaneceu sem ser preposicionada. Atualmente, o que observamos é uma tendência ao uso exclusivo de **onde**, resultado da convergência de todas as formas

latinas (Bomfim, 1993), trazendo em si os sentidos de localização estática, proveniência, direção e passagem.

De acordo com Bomfim (1993 p.99), tanto em latim quanto em português arcaico, as formas **unde/onde** eram usadas no sentido de proveniência. Esse fato histórico pode ter gerado em português contemporâneo o chamado uso discursivo de **onde**, usado para relacionar ideias ou termos de uma oração. Esse uso, que “estabelece uma ligação intra ou extrafrástica entre segmentos do texto, por necessidade argumentativa” (Bomfim, 1993 p.99), é exemplificado pela autora usando textos dos séculos XIII e XIV, como o excerto:

“Depois que el foi em terra, achou os corações tam duros e tam envoltos nos pecados mortaaes, que tam maaus lhe eram de tornar a si, quam maaui seria uu homem molentar ua pedra mui grande. **Onde** disse el póla boca do seu profeta Davi: - “eu soo senlheiro na minha paixam”. (BOMFIM, 1993, p.99)

A respeito do **onde** discursivo, Zilles e Kersch (2015, p. 168) apresentam uma análise acerca da mesma temática, a partir da qual afirmam que não é possível encontrar no texto um referente para o item, uma vez que se trata unicamente de um elemento desencadear do discurso, algo como a expressão “de modo que”. Na verdade, Kersch (1996 *apud* Zilles e Kersch 2015, p.168) apresentou estudos de ocorrências de **onde** discursivo em textos arcaicos. Nesse estudo, traz como exemplo vários textos, como o excerto do século XIII:

“Senhur, conue que quando ouvirdes os pleytos, pera guardar a onrra da vossa dignidade, que seyades em bóo loguar honesto, **onde**² uos possam uéer e ouuir os que na preytos ante uos”. (KERSH, 1996 *apud* ZILLES e KERSH, 2015)

Nesse exemplo, **onde** é usado sem referente anterior. “ainda que pudesse pensar que ‘lugar honesto’ fosse antecedente de **onde**, percebe-se, observando mais atentamente, que estar em ‘um lugar honesto’ é a condição para que ‘vos possam ver’, ou seja, “...que estejais em bom lugar honesto, *de modo que* vos possam ver e ouvir”. (Zilles e Kersch 2015 p. 168)

As análises diacrônicas e sincrônicas apresentadas por Bomfim (1993), e confirmadas posteriormente por Kersch (1996), indicam a utilização de **onde** na

² **Onde** – grifo meu

articulação de orações de forma muito mais ampla que as indicações prescritas na gramática normativa. De acordo com Zilles e Kersch (2015, p.169), “a convergência das quatro formas latinas para uma só forma em português fez com que **onde** em nossa língua tivesse sentidos e funções variados, que persistem até a atualidade”.

Mattos e Silva (1989 p.246) também registra exemplos variados apresentando **onde** em uso sem referência a um antecedente, mas expressando uma conclusão “decorrente de argumentação desenvolvida no discurso, equivalente ao atual **donde**, *logo*.” Mattos e Silva (1989, p.247), da mesma forma que Bomfim (1993) e Kersch (1996), reforça a suposição de que os múltiplos sentidos e funções encontrados nos textos arcaicos analisados podem ter permanecido na língua portuguesa atual.

2 ONDE E AONDE: DISCUSSÕES ACERCA DAS CLASSIFICAÇÕES

Em português brasileiro, não encontramos uma unicidade na classificação³ do item **onde**, seja em gramáticas normativas ou nas chamadas gramáticas escolares. Não é nosso objetivo comparar a forma com que cada gramática trata do tema, nem mesmo discutir conceitos classificatórios desta ou daquela gramática, mas apenas apresentar a não normatividade de padronização classificatória da literatura que dissemina o conceito de língua padrão. Por essa razão, não separaremos tipos de gramática, nem mesmo consideraremos a distância temporal entre a publicação de uma ou de outra.

Rocha Lima (1999), por exemplo, analisa **onde** como um advérbio relativo, mas o insere na lista dos pronomes relativos; assim como fez Cintra (1983). Já no cenário funcionalista, Neves (2003 p. 557-558) afirma que **onde** pode ser classificado como um advérbio interrogativo (1) e como pronome relativo (2).

(1) **Onde** é que ele está?

(2) O mau tempo obrigou o avião a descer na Itália, **onde** Felisbina se especializou em operetas.

A mesma classificação dupla aparece em Cipro Neto e Infante (2003), ao tratar das oração subordinadas adjetivas

³ Conforme veremos na Tabela 1 – de título “classificação de **onde** em diferentes gramáticas”, apresentada por Zilles & Kersch (2016)

Onde só é pronome relativo quando equivale a *em que*. Quando se diz “**Onde** você nasceu?”, não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, *onde* é advérbio interrogativo (CIPRO NETO; INFANTE, 2003, p. 423)

Já em Cunha e Cintra (2007), **onde** está inserido unicamente como um pronome relativo, embora os autores mencionem que alguns gramáticos classificam **onde** como advérbio relativo em função deste desempenhar, normalmente, a função de um adjunto adverbial. A não uniformidade de classificação de **onde** também pode ser constatada ao comparar o tratamento dado por Bechara (1999), Cegalla (2000), Cipro Neto e Infante (2003) que apresentam o **onde** tanto na classe dos relativos quanto na classe dos advérbios de lugar, e por Almeida (1997) e Rocha Lima (1999), que classificam o item apenas como advérbio.

Uma análise detalhada a respeito da ausência de uniformidade de classificação de **onde** foi trazida à tona por Ziles & Kersch (2016, p.149) quando realizaram um levantamento gramatical consistente com a finalidade de traçar um quadro histórico acerca da prescrição gramatical do uso de **onde**. O estudo mostrou um paralelo entre as classificações apresentadas em 27 gramáticas da língua portuguesa publicadas entre 1830 e 2007, de autores portugueses e brasileiros. Como era de se esperar, o estudo apontou para a ausência de uniformidade no que tange à classificação de **onde**, classificado “ora como advérbio ou advérbio pronominal relativo, ora como pronome relativo, ora como conjunção coordenativa ou subordinativa”. Outro ponto de destaque no estudo foi a “dispersão de informação. As gramáticas consultadas apresentaram a informação sobre **onde** em diferentes seções e capítulos, de modo que, para o leitor, torna-se difícil localizar e compreender a questão de uma maneira global”. (p. 153)

Conforme será apresentado na Tabela 1, Ziles & Kersch (2016) realizaram um substancial levantamento comparativo entre gramáticas, no qual é possível identificar nas gramáticas normativas 6 possibilidades de análises para o item **onde**, sendo elas: (1) **onde** como pronome relativo; (2) **onde** como advérbio relativo; (3) **onde** como advérbio que introduz orações subordinadas adverbiais locativas; (4) **onde** como conjunção coordenativa conclusiva; (5) **onde** como conjunção coordenativa adversativa; (6) **onde** como conjunção subordinativa modal.

TABELA 1 - CLASSIFICAÇÃO DE **ONDE** EM DIFERENTES GRAMÁTICAS

Gramática (ano de publicação)	Análises					
	1	2	3	4	5	6
Barbosa (1830)				X	X	
Leoni (1858)	X			X		
Brandão (1888)	X					
Boscoli (1898)			X			
Cabanita (1901)		X				
Brito (1912)	X					
Gomes (1913)	X					
Ribeiro (1918)			X			
Ribeiro (1919)			X			
Autran (1921)	X					X
Maciel (1922)	X					
Maciel (1925)	X					
Barbuda (1926)				X		
Pereira (1927)		X				
Freitas (1938)	X					
Souza da Silveira(1940)				X		
Bueno (1944)	X			X		
Figueiredo (1944)	X					
Gama Kury (1959)	X		X			
Nascentes (1960)	X					
Cherubim (1963)	X			X		
Said Ali (1964)	X					
Cunha (1983)		X				
Luft (1986)	X					
Rocha Lima (1988)		X				
Almeida (1992)		X				
Cunha e Cintra(2007)	X					
Totais	16	5	4	6	1	1

LEGENDA	
(1)	Pronome relativo
(2)	Advérbio relativo
(3)	Advérbio que introduz orações subordinadas adverbiais locativas
(4)	Conjunção coordenativa conclusiva
(5)	Conjunção coordenativa adversativa
(6)	Conjunção subordinativa modal

FONTE: ZILES & KERSCH (2016 P.149)

Conforme nos direcionam os dados, cerca de 55% das gramáticas observadas classificam **onde** como um pronome relativo, totalizando 16 das 27 gramáticas analisadas. De acordo com as pesquisadoras, dessa classificação de pronomes relativos, 13 gramáticas prescrevem que os usos de **onde** sejam restritos aos casos em que o antecedente seja um lugar físico. Afirmações diferentes dessa, encontramos apenas registradas por três gramáticos: Gomes (1913), Bueno (1944) e a gramática histórica de Said Ali (1964), que sustentam que “o antecedente de **onde** pode ser uma “coisa”, e não só um “lugar” (Ziles & Kersch 2016 p. 152).

Se para **onde** o quadro de tratativas gramaticais é escasso, ele ficou ainda mais restrito na pesquisa quanto à utilização de **aonde**. De um modo geral, não encontramos menção a esse item e quando existe, são apenas mencionadas a partir de exemplos bastante prototípicos. De acordo com as observações feitas por Ziles & Kersch (2016) no levantamento das 27 gramáticas, apenas 4 fazem menção ao item **aonde**.

- I- Brandão (1988 apud ZILES & KERSCH, 2016) – classifica **aonde** como um pronome relativo, juntamente com **onde**;
- II- Bueno (1944 apud ZILES & KERSCH, 2016) – apresenta sutilmente uma distinção entre **onde, donde, aonde**, afirmando que essa distinção é algo recente;
- III- Said Ali (1964 apud ZILES & KERSCH, 2016) – apresenta diferença entre três formas: **onde, donde, aonde**. **Onde** expressão noção locativa; **donde** noção de procedência e **aonde** noção diretiva.
- IV- Cunha e Cintra (2007 apud ZILES & KERSCH, 2016) - não apresenta classificação para **aonde**, mas menciona que há uma distinção entre **onde** e **aonde**, mas que ela é praticamente anulada na linguagem coloquial e que já não era observada pelos clássicos da literatura.

Na busca por maiores indicações, optamos em verificar o que dizem as chamadas “gramáticas esquematizadas” ou “gramáticas escolares”. Consultamos Nogueira (1989), Bechara (1999), Bechara (2010) e Martino (2012).

Martino (2012) não menciona **aonde** em nenhuma das classificações apresentadas, apenas indica a classificação e uso de **onde**; Bechara (2010) não faz menção nem aponta classificação ou uso para as formas **onde** e **aonde**.

Em Nogueira (1989), encontramos as referências mais detalhadas quanto ao uso de **aonde** em contraposição com as formas **onde** e **donde** e ligados sempre aos verbos ir, vir e morar.

“Diga-se “**Onde** moras?” (quietação); “Donde vens?” (proveniência); “**Aonde** vais?” (destino sem demora); “Para **onde** vais?” (destino com demora); “Por **onde** passaste?” (passagem através de)”. (NOGUEIRA, 1989, p.270)

Em Bechara (1999, p.118), encontramos um único exemplo que o autor chamou de utilização correta de **aonde**, também sem explicações: “A praia **aonde** te diriges parece perigosa”, seguido da seguinte explicação:

modernamente os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de **onde** e **aonde**, reservando o primeiro para a idéia de repouso e o segundo para a de movimento. [...] Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre os escritores brasileiros e portugueses (BECHARA, 1999, p. 487-488).

As indicações de um uso padrão de **onde** e **aonde** não esgotam as possibilidades frente à dinâmica da língua e a seus processos de variação e mudança linguística. Fato este que nos impele a apresentar os avanços dos estudos linguísticos na descrição, em seção própria. Entretanto, para as comparações teóricas que se fizerem necessárias, assumiremos os pressupostos normativistas de que **onde** deve ser usado somente como referência a espaço físico concreto e **aonde** é formado pela junção da preposição “a”, exigida por um verbo de movimento como ir, vir, ao vocábulo **onde**.

3 **ONDE: ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

As pesquisas de descrição do uso cotidiano de **onde** indicam que os dados reais da fala não estão restritos às indicações presentes nas gramáticas normativa, esquematizada ou escolar. Os exemplos trazidos por Kersch (1996), com o intuito de demonstrar a existência concreta e corriqueira de **onde** com antecedente “coisa”, mencionado pela minoria dos gramáticos, são bons indicativos dessa não restrição:

- (3) Participar de uma banca **onde** havia quatro inscritos (...).
- (4) Horário de pique **onde** há grande consumo de água já diminui bastante a vasão.
- (5) Eu acho que numa situação, por exemplo, **onde** ocorra uma agressão sem uma arma...
- (6) A linha básica é a linha da transparência, é a linha **onde** nós vamos buscar passar todos os trabalhos que o governo federal vem realizando.

A autora continua sua descrição de dados, argumentando em favor de uma possibilidade de uso de **onde** em contextos diversos e com funções bastante distintas. Os exemplos de (7) a (11) demonstram o que Zilles (1996) chamou de “um uso mais abstrato” de **onde**:

- (7) Fiz uma classe **onde** os estudantes eram europeus ou asiáticos.
- (8) O senhor está ouvindo os envolvidos **onde** aí tem uma série de situações...
- (9) Com cinco anos estava brincando em minha casa e resolvi ser desmontador e tirei os parafusos da mesa de minha casa, **onde** engoli um parafuso de 4 cm.
- (10) A televisão ocupou um espaço muito grande na família, **onde** nós somos ouvintes sem podermos discutir.
- (11) Em Medicina existem temas que são polêmicos, **onde** não se consegue um consenso que dure sequer uma década.

É bastante vasta a gama de estudos linguísticos realizados ao longo dos anos cujo objetivo de análise se debruça sobre elencar, descrever ou discutir as possibilidades de uso de **onde** em Língua Portuguesa. Buscaremos, a seguir, apresentar essa pluralidade de olhar acerca de **onde**, baseando-nos nos caminhos já percorridos por: Bomfim (1993), Pires de Oliveira (1998), Oliveira (2000), Coelho (2001), Cambraia (2002), Souza(2003), Kersch (1996), Zilles e Kersch (2015) . Antes, porém, indicaremos qual o tratamento dado a **onde** nas gramáticas descritivas de Neves (2004) e Perini (2002).

3.1 AS GRAMÁTICAS DE NEVES E PERINI

Em Neves (2004), **onde** é incluído na classe dos advérbios e dos pronomes relativos. No que tange à segunda classificação, a autora repete o que é dito pela

maioria das gramáticas normativas: “pronome **onde** sempre funciona como adjunto ou complemento adverbial de lugar”, e “quando possui antecedente é sempre equivalente a **em que**” (Neves, 2004, p. 386) e, em seguida, exemplifica: “A casa **onde** mora há quase 40 anos, desde que saiu do Colégio Sacré Coeur de Jésus, está encravada numa encosta da Gávea, na rua que leva o nome do sogro, o desembargador João Borges. (CAA)”.

A respeito dos casos que não se encaixam nas explicações mencionadas, Neves (2004) diz que “O pronome relativo **ONDE** é muitas vezes empregado equivalendo a **em que**, mas sem valor locativo, o que não tem justificativa” (Neves, 2004, p. 386).

Em Neves (2006), encontramos uma nova referência da autora a respeito do item **onde**, mas, em verdade, nada foi acrescentado ao que já dissera:

ONDE refere-se a lugar e indica permanência.
É advérbio interrogativo (“em que lugar...?”). **ONDE** é que ele está?
É pronome relativo (“no qual (lugar)”). O mau tempo obrigou o avião a descer na Itália, **ONDE** Felisbina se especializou em operetas (ACT).
Entretanto, como pronome relativo, **onde** vem sendo usado sem referência a lugar, simplesmente equivalendo a **em que**, no qual, o **que** é condenado nas lições normativas.
(NEVES, 2006, p. 557-558)

Perini (2002, p. 139) não faz menção direta quanto ao item **onde**. Encontramos, apenas, uma abordagem – bastante sucinta – que fala a respeito dos relativos: “elementos introdutórios de uma construção especial, a construção relativa, [...] uma oração subordinada, cuja função é a de modificador” que se caracteriza por:

- (a) presença de um relativo (os relativos são **que, o qual, quem, onde, cujo**), precedido às vezes de uma preposição;
- (b) presença de estrutura oracional aparentemente incompleta, logo após o relativo;
- (c) articulação de um elemento nominal (parte de um SN) + o relativo = a estrutura oracional mencionada, formando uma seqüência que é um SN; o elemento inicial nem sempre está presente. (PERINI, 2002, p. 140).

3.2 VARIAÇÃO E USO DE **ONDE** NO PORTUGUÊS ARCAICO – BOMFIM

Conforme registrado na seção acerca dos aspectos históricos de **onde** desde o Latim, a partícula **onde** e suas formas preposicionadas têm proveniência dos advérbios latinos **ubi**, **unde**, **quo** e **qua**, que, por sua vez, derivaram-se de pronomes demonstrativos. Da forma latina **ubi**, originou-se a forma **u** no Português Arcaico e a forma **Onde** do Português contemporâneo. Bomfim (1993) é um dos nomes de destaque no estudo do Português Arcaico, debruçando-se sobre os estudos da variação linguística das formas **u** e **onde** ao longo dos séculos XIII, XIV, XV e XVI. De acordo com a autora, sua observação inicial aconteceu com o intuito de buscar registros históricos da utilização de **u** e **onde**. Isso tornou possível indicar que “as gramáticas históricas, dicionários etimológicos e glossários registram a presença de **u** e **onde** no português arcaico e a substituição do primeiro pelo segundo”. (BOMFIM, 1993 p.98)

Como derivante dessa primeira observação, a autora criou novos objetivos de estudo:

- Mapear a época de aparecimento da variação **u - onde**;
- Descrever os contextos favorecedores de uma e de outra forma;
- Descrever as modificações ocorridas até o desaparecimento de **u** e uso predominante de **onde**;
- Precisar a época de implementação da mudança **u – onde**.

Dessas análises de Bomfim (1993), surgiu a primeira constatação: tanto **u** quanto **onde** funcionavam na língua como pronomes relativos e interrogativos, opondo-se semanticamente: **u**, em uma etapa mais antiga do português, indicou localização estática, em seguida, passou a expressar direção. **Onde** surge e se estabelece na língua indicando proveniência. No século XV, as formas **u** e **onde** se mostram nitidamente em variação, não sendo possível descrever os limites de utilização de uma e de outra. Já no século XVI, as formas sofrem uma possível neutralização e **u** passa a ter seu uso numericamente restrito e é encontrado apenas em alguns autores, como Gil Vicente e Sá de Miranda, e de forma bastante limitada.

Partindo de suas análises, detalhamentos de estudos e de um longo processo reflexivo, Bonfin (1993 p.106) hipotetizou que o processo de enfraquecimento semântico das ideias de proveniência e de direção causou, ao longo do século XVI,

a necessidade do uso de preposições para marcar essa ideia. Para a autora, “A marcação da oposição semântica por preposições, (...) se de um lado é motivo, de outro é consequência da neutralização semântica dos elementos.” Bomfim (1993, p. 107). A autora não se ateve a explicar o desprestígio de uma forma e a preferência por outra, no entanto, afirmou que a generalização do uso de **onde** com valor de localização só foi possível em função do “esvaziamento semântico da acepção de proveniência”.

Há, portanto, dois fatores que favoreceram a variação e mudança de **u** e **onde** no período estudado: a neutralização semântica dos dois elementos e a marcação de oposição semântica por preposição. Destes, destacam-se a neutralização semântica se mostrou como sendo o principal.

Dentro dos séculos recortados para a análise, Bomfim (1993) deixou resgistrado, ainda, outras ocorrências de utilização de **onde**, a citar:

- **Onde** como equivalente ao relativo **que**;
- **Onde** como recurso de marcação temporal;
- **Onde** como recurso discursivo.

Apesar de tal registro, optou em não analisar as formas citadas, em função de não fazerem parte dos possíveis elementos de gatilho de variação e mudança de **u** e **onde**, que era o objetivo de seus estudos.

3.3 OS CAMINHOS DO ‘**ONDE**’: UMA CONTRIBUIÇÃO DA SEMÂNTICA AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA – PIRES DE OLIVEIRA

Os estudos descritivos de Pires de Oliveira (1998) partiram dos problemas elencados ao contrastar Gramática tradicional e ensino. De acordo com a autora, a metodologia de ensino aplicada nas aulas de Língua Portuguesa é falha. Esse fato, associado a uma gramática (normativa) que não se preocupa em descrever os fenômenos da língua, resulta em aulas de Língua Portuguesa ineficazes e incapazes de fornecerem aos alunos subsídios suficientemente sólidos para a formação de leitores críticos e de bons escritores.

Os estudos e críticas de Pires de Oliveira (1998) são bastante abrangentes. Por esse motivo, faremos um recorte especificamente acerca da partícula **onde**. Para explicar e descrever o uso polissêmico do item, a autora aportou-se na Semântica

Cognitiva e examinou um corpus formado por usos pronominais de **onde**, ou seja, quando a partícula recupera uma informação anterior, algo anteriormente enunciado em um sintagma nominal.

De acordo com as pesquisas, **onde** possui várias possibilidades de uso e explica essa polissemia pelo processo semântico de projeção. A autora afirma que os diferentes usos aplicados ao item não acontecem de forma aleatória, ao contrário, são de escolhas lógicas, podendo ser explicados pela expansão semântica de um domínio sobre outros domínios. O estudo pressupõe usos prototípicos e usos periféricos e a transposição de **onde** com referente a espaço físico para outros domínios (como temporal, locativo abstrato, etc.), isso aconteceria obedecendo a uma lógica subjacente de expansão semântica. Existiriam, ainda, os chamados “casos exóticos⁴” que são utilizações que indicariam pouca familiaridade do usuário da língua com a norma culta.

O locativo espacial

O locativo espacial é o primeiro sentido proposto por Pires de Oliveira (1988). Trata-se da função de **onde** já reconhecida pela Gramática Tradicional. A autora parte de um exemplo da gramática de Celso Cunha (1972 apud PIRES DE OLIVEIRA, 1988):

(12) Sou o mar sem borrasca, **onde** enfim se descansa.

Nesse uso, **onde** retoma um sintagma nominal que expressa uma localização, daí a terminologia de locativo espacial. Em boa parte dos casos citados pelo gramático, **onde** aparece descrito como um adjunto adverbial de lugar, porque pode ser substituído por “lugar em que”.

O locativo Temporal

O segundo sentido de **onde** apresentado por Pires de Oliveira (1998) é o locativo temporal. Embora este não apareça descrito na gramática normativa, exemplos de

⁴ Casos exóticos se resumem a utilização do que outros autores, como Bomfim (1993), chamaram de uso discursivo. Tal como em: “Tem faltado apoio, **onde** nós temos enfrentado muitas dificuldade” (Kersch 1996 p. 78)

uso são facilmente encontrados na oralidade e em registros da mídia escrita cotidiana. A autora exemplifica sua afirmação a partir de dados do VARSUL.⁵

(13) (...) nessa época de férias **onde** a gente passava mais tempo juntos.

Em (13), **onde** indica um espaço na linha do tempo, um momento, uma duração de tempo e não um lugar físico. Assim, se tentássemos aplicar em (13) a substituição de **onde** por “lugar em que”, obteríamos uma sentença agramatical (13a)

(13a) * (...) nessa época de férias lugar em que a gente passava mais tempo juntos.

De acordo com Pires de Oliveira (1998), o que explica essa possibilidade de uso temporal de **onde** é a “projeção do vocabulário espacial para outro domínio, o do tempo”, recuperando o tempo espacialmente. Assim, em (13), “época de férias” não é um lugar, mas um momento, um recorte de tempo, um espaço inserido na linha temporal.

O locativo abstrato

A terceira descrição de **onde** apresentada pela autora é a de locativo abstrato. Da mesma forma que o locativo temporal, o locativo abstrato é facilmente encontrado na oralidade e na língua escrita, entretanto não é registrado como forma de uso pela gramática normativa. Ele é caracterizado por retomar um sintagma nominal, moldá-lo como um lugar e apresentá-lo como se fosse um espaço. Observemos em (14) um exemplo prototípico dado pela autora:

(14) Ele soluciona o problema, propondo a análise paralela dessas sentenças, utilizando a teoria das descrições definidas, **onde** a sentença analisada não tem sujeito simples, ao qual possa se fazer referência” (texto de pós-graduação em linguística – UFSC).

⁵ Projeto de Variação Linguística do Sul do País

No exemplo, **onde** retoma [teoria das descrições definidas]. E, segundo a explicação dada pela autora, “teorias” são comumente concebidas como uma forma de “espaço tridimensional”, nela é possível inserir e retirar coisas. A partir dessa concepção, é que se afirma que **onde** retoma $_{SN}$ [teoria das descrições definidas] e apresenta esse sintagma como um espaço, uma espécie de lugar em que “(...) a sentença analisada não tem sujeito simples (...)”.

O locativo relativo

O locativo relativo é a quarta forma apresentada no estudo. Tal projeção é classificada pela autora como periférica e marginal. Em (15), observaremos **onde** se afastando do núcleo de significação de “**onde lugar físico**”, aproximando-se mais de um “*que relativo*”.

(15) Em seguida, os professores, **onde** votaram favorável a iniciativa do sindicato, decidiram pela greve. (Boletim do Sindicato do Professores).

No exemplo, **onde** retoma $_{SN}$ [os professores]. Nesse sintagma nominal, a concepção de lugar físico é bastante atenuada, tendo em si o conceito de conjunto ou grupo. Observemos as adaptações explicativas (15a) e (15b).

(15a) Em seguida, os professores, **que** votaram favorável a iniciativa do sindicato, decidiram pela greve.

(15b) *Em seguida, os professores, **lugar em que** votaram favorável a iniciativa do sindicato, decidiram pela greve.

Em (15a) verificamos a possibilidade de substituição de **onde** locativo relativo por **que** relativo, sem mudança de sentido e sem afetar a gramaticalidade da sentença. Em (15b), na tentativa de aproximar o $_{SN}$ [os professores] do sentido retomado por um locativo espacial, obtemos uma sequência agramatical.

Conclusões de Pires de Oliveira

As reflexões finais da autora indicam que, ao falar do uso diversificado de **onde**, estamos tratando de um fenômeno de polissemia. Nessa concepção, cabe aceitar que na estrutura polissêmica há usos mais prototípicos, que representam melhor determinado item lexical, e usos mais periféricos, que se afastam mais de determinados itens. No caso de **onde**, o núcleo prototípico de representação apresenta duas propriedades:

- a) A de retomar um sintagma nominal;
- b) a de apresentar esse sintagma nominal como um lugar físico.

Pires de Oliveira (1998) apresentou quatro formas de locativo e suas respectivas descrições e usos. Partindo delas, teríamos a seguinte representação de **onde locativo** do mais prototípico para o mais periférico:

QUADRO 2- FORMAS DE LOCATIVO SEGUNDO PIRES DE OLIVEIRA



FONTE: REIS (2017)

Todos os usos descritos de **onde** apresentam entre si relações de semelhança: retomam sintagmas nominais e o apresentam como lugar físico, ora de forma marcada – se de uso mais prototípico - ora de forma mais atenuada – se de uso mais periférico. Os diversos usos, portanto, se explicam por meio do processo semântico de formação de relação de “parentesco” entre os itens lexicais: uma lógica subjacente.

3.4 OLIVEIRA: **ONDE** NA LÍNGUA FALADA E ESCRITA DE NATAL

O objetivo da pesquisa de Oliveira (1997) foi discutir e elencar os desvios de norma padrão mais recorrentes nos relatórios escritos de alunos do segundo grau⁶. Dentre todas as questões levantadas no estudo, destacaremos as indicações relativas às maneiras de utilização de **onde** sem sentido de lugar: ora referindo-se a tempo, ora usado unicamente como elemento textual.

Para aprofundar a discussão de uso de **onde**, a autora optou por observar os diferentes usos do item no Corpus D&G de Natal⁷. Essa análise mostrou que o uso do item **onde** com sentido de espaço físico é o mais frequente (83%), tanto para língua oral (66%) quanto para língua escrita (17%).

No sentido de espaço virtual⁸, vem em segundo lugar: totalizando 10% das ocorrências da língua falada. Usado como referente a espaço discursivo soma um total de 3%, seguido do significado textual, com pouco mais de 2%. **Onde** no sentido de tempo é o menos frequente: 1% do total do corpus e predominando na língua falada.

De forma mais aprofundada, a análise de Oliveira (1997) apontou as seguintes formas de análise para o uso de **onde**: metáfora espacial ou física, metáfora temporal e metáfora textual.

Oliveira (1997), assim como Pires de Oliveira (1996), apresenta **onde** numa perspectiva polissêmica, mantendo certa instância de continuidade migrando, numa trajetória de abstração progressiva, do sentido mais concreto para o mais abstrato. O sentido básico e mais concreto é o espaço físico, tornando-se gradativamente mais abstrato ao referir-se ao sentido ampliado de espaço virtual e, ainda mais, ao referir-se a tempo. O grau mais alto de abstratização⁹ acontece quando o item se tornar vazio de sentido e passa a ser usado como marcador discursivo.

Ao apresentar essa possibilidade, supõe-se que **onde** esteja em meio a um processo de gramaticalização, buscando regularização de novas funções e significados. A abstratização é dividida e escalonada nas três metáforas já

⁶ Segundo grau é a mesma faixa de estudos que, modernamente, recebe o rótulo de Ensino Médio. Optamos em manter no texto o termo originalmente usado pela autora.

⁷ Corpus do Grupo Discurso & Gramática (D&G), que trabalha com pesquisa na área de linguística funcional, com especial atenção para os processos de mudança linguística e gramaticalização.

⁸ Espaço virtual é o mesmo que outros autores denominaram espaço ampliado ou abstrato

⁹ Oliveira (1997) usa a palavra “abstratização”, assim como Neves (1997) e outros autores para fazer referência a uma parte do processo de gramaticalização.

apresentadas: espaço, tempo e texto, seguindo, nessa ordem, uma escala do mais concreto para o mais abstrato, relacionando-se uma com as outras numa linha unidirecional. Dentro da metáfora espacial, temos a noção de espaço dividida em três – seguindo a mesma lógica escalar – espaço físico, espaço virtual e espaço discursivo.

Oliveira (1997) apoiou-se em Hopper (1991) ao citar o conceito de *layering* (camadas) para explicar o processo de sobreposição dos sentidos de **onde**. De acordo com o pensamento exposto, os novos usos surgem na língua e vão sendo acrescentados ao uso já cristalizado, sobrepondo-se em espécies de camadas. No que diz respeito a **onde**, todas as formas de uso permanecem ligadas ao sentido de espaço físico, afastando-se dele, de forma progressiva e paulatina, camada a camada.

Metáfora espacial ou física

A metáfora física é a apresentação de **onde** desempenhando sua função de pronome relativo, com sentido de espaço físico. Conforme já mencionado, dentro da metáfora física encontram-se as ocorrências de espaço físico, espaço virtual e espaço discursivo.

No corpus analisado, com sentido de espaço físico, **onde** apresentou maior frequência na língua falada (79%) que na escrita (21%). Oliveira (1997, p. 309) exemplifica:

- (16) ... no banheiro nós vamos encontrar... um espelho... um box... **onde** é o local que a gente toma banho... vamos encontrar um espelho... uma prateleira... **onde** fica os utensílios pessoais... vamos encontrar um cesto de roupas... (Língua Falada, 8ª série, p.309)

Em (16) encontramos duas ocorrências de **onde**, na primeira retoma o $_{SN}$ [um box] e na segunda $_{SN}$ [uma prateleira], ambos SN de referência física.

O espaço virtual é também chamado de espaço abstrato, que não é mensurável e nem existe de forma palpável, mas que pode ser recuperado na mente do falante. De acordo com Oliveira (1997, p. 381), espaço físico e espaço virtual possuem o mesmo funcionamento sintático, mas se diferenciam em grau de abstração e que, ao contrário do físico, o **onde** referente a espaço virtual ocorre

mais em língua escrita que falada. Em (17) temos um exemplo de espaço virtual em registro escrito:

(17) Ao término dos cinco anos, Jô teve um sonho **onde** Deus perguntou-lhe se apesar dos cinco anos de sofrimento, ele ainda tinha a mesma fé. (OLIVEIRA, 1997 p.384).

Como se percebe, **onde** retoma _{SN}[sonho], que não é palpável, nem mensurável e bem menos concreto que _{SN}[um box] e _{SN}[uma prateleira], apresentados em (17).

Um terceiro grau de abstratização se mostra no chamado **onde** espaço discursivo. De acordo com a autora, o sentido canônico de espaço físico sofreu erosão semântica e está cada vez mais distante. Nessa forma de uso, ainda se conserva um pouco de sentido de espaço, entretanto, não mais espaço físico, ligado ao mundo real, mas a um espaço no discurso. **Onde** espaço discursivo é equivalente, portanto, a **isto**. Oliveira (1997 p. 320) exemplifica:

(18) O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. **Onde** eu acho um desafio. Pois eu tenho de chegar à perfeição (...).

De acordo com a autora, ao substituímos **onde** por **isto** (31a), observamos a nítida referência a um espaço no texto.

(18a) O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. **Isto** eu acho um desafio. Pois eu tenho de chegar à perfeição (...).

No estudo, destaca-se, ainda, o que a autora chamou de sobreposição semântica típica do processo de gramaticalização: um **onde** espacial discursivo, mas que não perdeu totalmente o sentido de espaço físico. A sobreposição de sentidos nas chamadas camadas (Hopper, 1991) permite dupla interpretação. Como no exemplo da língua falada:

(19) bem ... eu vou falar sobre uma cidade que se chama Espírito Santo... ela se localiza próximo a Goianinha... (...) é uma cidade **onde** cativa... ela ficou no

meu coração... (...) nós vamos descendo... **onde** é essa quadra... nós encontramos um ponto... **onde** esse ponto marcou marcou a um/ uma mudança na minha vida... foi uma igreja... que tem:: por nome Assembléia de Deus e ela fica assim centralizada numa descida... (...) ...eu ia pros pontos mais turísticos... mas só o que eu aproveitava mesmo lá como eu falei no início... foi o que eu mais gostei... foi essa igreja né... **onde** mudou minha vida...(OLIVEIRA, 1997, p.83)

Oliveira (1997) explica a ambiguidade de sobreposição semântica do exemplo: pela narrativa, podemos entender tanto que a igreja foi o agente da mudança na vida do informante, como também que ela foi o espaço físico **onde** se realiza essa mudança.

Metáfora temporal

A metáfora temporal é o segundo estágio da abstratização de **onde**. Para chegar neste estágio, o item deve ter passado primeiro pelos três graus de abstração dentro do bloco de metáfora física até atingir o sentido de tempo.

- (20) ... quando chegou no acampamento... ele pegou a comida que tava tudo junto e dividiu... sendo que... cada pessoa comia de cada coisa uma... (...) depois disso... teve a noite onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos. (OLIVEIRA, 1997, p.304)

Em (20) vemos **onde** representando um “espaço de tempo”, e por isso é chamado de metáfora temporal: possui um referente anafórico que parte de um conceito mais concreto e apresenta um conceito mais abstrato.

Onde textual

O terceiro estágio de abstratização apresentado por Oliveira (1997) é o **onde** textual. Nesse estágio, **onde** é vazio de significado e funciona unicamente como um recurso para estruturar o discurso. Como no exemplo que apresenta:

(21) então eu sou super contra a pena de morte... e também a pena de morte só pode ser adotada em país em que a justiça realmente é super eficiente... não é o caso do Brasil... em que a justiça é falha... **onde₁** ela bota muita vez nas cadeias as pessoas que são inocentes... às vezes pessoas que roubam... um saco de feijão... um relógio... tá na cadeia... enquanto que outros que deu prejuízo a sociedade... milhões e milhões... bilhões até... de dinheiro que foi tirado da população e tá aí à solta... por quê? porque tem dinheiro... **onde₂** a justiça do Brasil só é válida para os pobres... (...) deveria está lutando por outras... por outro métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para os seus filhos... **onde₃** as pessoas poderiam viver num país bom... certo? **Onde₄** realmente iria acabar com a criminalidade... (OLIVEIRA, 1997, p.314)

A função de **onde** nas orações apresentadas em (21) é muito mais a de um conectivo e uma estratégia de organização de ideias do que qualquer forma de veiculação de informações de espaço físico. Em **onde₃** e **onde₄**, por sinal, encontramos uma utilização totalmente vazia de significado, não apresentando nenhum referente recuperável.

3.5 SOUZA – A MULTIFUNCIONALIDADE DE **ONDE** EM DADOS ORAIS DE SALVADOR

Sob as bases teóricas do Funcionalismo Linguístico, enfocando as características sociolinguísticas no estudo do paradigma da Gramaticalização, Souza (2003) pesquisou a ocorrência de **onde** nos dados da fala de Salvador, constituindo um trabalho de caráter funcional intitulado “A multifuncionalidade do **onde** na fala de Salvador”.

A pesquisa selecionou como principal grupo de fatores “os valores de **onde**”. A partir deste, foram elencados os fatores sociais (como escolaridade, sexo, faixa etária). Os valores de **onde** foram subdivididos nas seguintes classificações: **onde** com valor de espaço físico; **onde** com valor de noção; **onde** com valor de tempo; **onde** com valor de posse.

Onde com valor de espaço físico

A classificação de **onde** enquanto espaço físico engloba tanto espaços físicos quando espaços imagéticos, mais abstratos.

- (22) Pelo menos no Costa e Silva **onde** eu estudo, no Heloísa já é do governo também, o colégio que eu estudei não exigia tanto, eu sei. (souza,2003 p.224)

Em (22), encontramos um exemplo de uso prototípico de **onde** como espaço físico, retomando “Costa e Silva” que, pelo contexto, deduzimos ser um colégio.

Onde com valor de noção

A respeito do **onde** com valor de espaço mais abstrato, também chamado de valor de noção, Souza (2003) afirma que esses usos são criados por transferência metafórica que estão na base dos sentidos de **onde**, construindo sua polissemia. Esse tipo de **onde** é usado para fazer a localização de situação, sentimentos ou situações

- (23) atualmente está bem mais cedo, e com isso, crianças do sexo feminino, essa é a minha marcação em relação às novelas das seis, **onde** você vê sexo explícito mesmo, nu, pessoa nua mesmo (...) (SOUZA, 2003 p.225)

Conforme se observa em (35), **onde** retoma SN[novela das seis], como um “espaço” não concreto em que ocorrem [cenar de sexo explícito mesmo, nu, pessoa nua mesmo].

Onde com valor de tempo

O **onde** com valor temporal assume a função de anáfora e se refere a uma expressão temporal ou a elementos que são colocados na linha do tempo da narrativa. Normalmente, de acordo com a autora, **onde temporal** pode ser substituído pelo sentido de “em que” ou de “quando”. Um bom exemplo é apresentado por Souza (2003, p.228).

(24) nós podemos ver por esses dias que estamos passando, os dias atuais, na virada do século vinte e um, não é? Vem do século XX, na virada do século XXI, **onde** a nossa inflação está um negócio sério .

Em (24), **onde** retoma a virada do [século XXI], localizando um espaço de tempo dentro da linha temporal.

Onde com valor de Posse

De acordo com Souza (2003, p.229), o **onde** com valor de posse é substituível por **cujo** e é o uso com sentido mais afastado do sentido de espaço físico e se dá pela “projeção do domínio do espaço para um domínio mais abstrato”, conforme vemos em (25):

(25) Pois é, é um assunto complexo, muito grande, que compreende por sempre aspectos, sobretudo da Bahia, **onde** a história territorial da Bahia ainda não está escrita.

Nesse caso, o possuidor é retomado com um pronome lembrete [**da** Bahia]. Ao fazermos a substituição de **onde** por **cujo** (25a) observamos de forma mais clara a ideia de posse:

(25a) Pois é, é um assunto complexo, muito grande, que compreende por sempre aspectos, sobretudo da Bahia, **cuj**a história territorial ainda não está escrita.

Os estudos de Kersch

Kersch, ao longo de mais de uma década, vem dispensando esforços no estudo sistemático da partícula **onde**. Utilizando-se de diferentes corpora, a autora discorre largamente acerca das prescrições e descrições de uso de **Onde** no Português Brasileiro.

Kersch (1996), assumindo uma abordagem funcionalista, tomou como objeto de análise a palavra **onde** em contextos orais e escritos. A autora dividiu seus estudos em duas sessões: a primeira, nomeada de explanatória, foi uma coleta assistemática das ocorrências de **onde** em língua portuguesa brasileira utilizando-se

de dados da escrita e dados orais de programas de rádio e televisão. A segunda etapa de sua pesquisa foi nomeada de “estudo descritivo” e a coleta de dados passou a ocorrer de forma sistemática e organizada.

O estudo explanatório de Kersch (1996) possibilitou a observação de dados de forma global e a constatação primeira de que as indicações tradicionais da gramática normativa não dariam conta de explicar as utilizações contextuais de **onde**. A autora destacou o aparecimento de “**onde** não-locativo, condicionado pelo contexto explicativo” tanto na fala quanto na escrita. Essa constatação norteou a organização da etapa descritiva: uma análise do item **onde** em contextos explicativos. Em função do objeto de análise, buscou selecionar um contexto profícuo de observação e optou em analisar textos com predominância descritiva/argumentativa.

A segunda etapa do estudo de Kersch (1996) dividiu os dados coletados em dois grupos (essa divisão leva em consideração o caráter locativo prescrito pela gramática): **onde** usado de forma padrão normativo e **onde** “com valor diferenciado”. Esse segundo grupo foi dividido em:

- **onde** com valor de espaço nocional;
- **onde** com valor de tempo;
- **onde** com valor de posse (equivalente a cujo);
- **onde** equivalente a **o qual**
- **onde** com valor discursivo;
- e outros casos¹⁰, que equivalem a utilizações de **onde** em que havia problemas de regência.

Kersch (1996) buscou analisar o percentual de ocorrência de cada tipo de **onde** elencado nos grupos de fatores, considerando tanto contextos orais quanto escritos. A conclusão foi que:

- a) Tanto nos dados da fala quanto da escrita, **onde** com valor de espaço nocional é o mais usado, com cerca de 40% das ocorrências em cada uma das modalidades;

¹⁰ Por exemplo: “É só você ligar nas datas e locais **aonde** o posto vai estar” p.75

- b) **Onde** com valor discursivo ocorre apenas em contextos escritos e soma aproximadamente 34% das ocorrências;
- c) **Onde** com valor locativo soma aproximadamente 20% das ocorrências.

Partindo dos percentuais, a autora teceu uma descrição mais detalhada das ocorrências de **onde** com valor discursivo. O estudo constatou que essa forma de uso possui, nos contextos analisados, valor semântico bastante limitado sendo eles:

- a) Conclusão;
- b) Explicação;
- c) Causa;
- d) Condição;
- e) Finalidade.

A autora conclui seus estudos, comparando os dados do português contemporâneo (PC) às ocorrências do português arcaico (PA) e indica que tanto PC quanto em PA existem duas formas de **onde**: um pronome relativo, que faz referência a lugar/ espaço físico, espaço nocional, tempo, posse ou coisa; e outro, conectivo coordenativo, que traz ideias de conclusão e foi denominado de **onde** discursivo.

3.6 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O capítulo de revisão bibliográfica apresentou historicamente **onde** desde o latim até chegar à forma de uso atual no Português Brasileiro. Foram indicadas as referências classificatórias a partir das noções da gramática normativa da língua portuguesa e as descrições feitas pelos estudos linguísticos mais modernos. É importante fixar alguns pontos de relevância que serão usados na estruturação da discussão desta tese.

Não nos prenderemos a discutir de forma aprofundada os indicativos de uso da norma padrão referentes ao itens **onde** e **aonde**, entretanto, usaremos as noções classificatórias expostas, como referências para construir discussões, como as que serão apresentadas nas classificações de função de **onde** como um pronome

relativo, advérbio, ou outras categorias¹¹. Da norma padrão, assumiremos três pontos:

- a) **onde** é usado apenas com referência a local físico concreto;
- b) **aonde** só deve ser usado quando o verbo da sentença indicar movimento e requisitar preposição **a**, formando o vocábulo **aonde**;
- c) **na onde** não é citado pela gramática como uma forma aceitável.

Os estudos linguísticos que descrevem a utilização de **onde** são unânimes em indicar que este possui múltiplas possibilidades de utilização e, por conseguinte, de classificação e análise de **onde**. Todos, entretanto, possuem em comum o elencar de classificação tipológica de referência de **onde** partindo de uma noção mais concreta ou física para noções mais abstratas, tais como as nomenclaturas de espaço físico concreto, de espaço físico abstrato, referências de tempo e posse.

É a partir dessa linha comum presente nos estudos de Oliveira (1997), Pires de Oliveira (1998), Kersch (1996) e Souza (2003) que construiremos as separações de dados e análises desta tese e adotaremos as seguintes classificações:

- **Onde** com referência a espaço físico;
- **Onde** com referência a espaço físico mais ampliado ou mais abstrato ou com valor nocional;
- **Onde** com referência a tempo;
- **Onde** com referência a posse.

Outra questão que emerge da fundamentação teórica apresentada é a análise de **onde** por meio da teoria dos protótipos, apresentada por Pires de Oliveira (1998). A existência de itens mais prototípicos e mais periféricos será base para a proposta de escala da trajetória de abstração progressiva que apresentaremos ao longo desta tese.

Uma terceira questão a ser mencionada é a de que os estudos linguísticos não tratam em nenhum momento das formas **aonde** e **na onde**. Não teremos, portanto, um estudo-base específico de aporte para a realização desse contraste. Assim sendo, para a construção e análise desses itens, optamos em partir das mesmas referências de classificação que utilizaremos para **onde**.

¹¹ Classificadas e mencionadas na Tabela 1

CAPÍTULO 2 – GRAMATICALIZAÇÃO

No capítulo 2, apresentaremos um histórico dos estudos da gramaticalização, dentro do quadro teórico funcionalista, apontando para definições sob perspectivas de vieses diacrônico, sincrônico e pancrônico. Em seguida, delimitaremos a temática traçando um panorama da concepção adotada para tratamento dos dados deste trabalho.

Não é objetivo desta tese apresentar críticas ou contrapontos à teoria, nem mesmo fazer um estudo aprofundado desta base, mas, unicamente, partir de um panorama global em que se possa situar os aportes e opções de pesquisa a serem utilizados nas análises que virão a posteriori.

1 A GRAMATICALIZAÇÃO

O paradigma da gramaticalização está inserido no quadro teórico funcionalista. A linguística funcional propõe um modelo de análise que explica as estruturas da língua, a partir de sua função no contexto de interação social. Dentro desse pensamento, as formas linguísticas só podem ser explicadas quando consideramos de forma concomitante a força que a função exerce sobre a linguagem, uma vez que, como afirma Pezzati (2004, p.168), a gramática é sempre subordinada ao uso da língua, ao discurso.

São as necessidades discursivas/ comunicativas indicadas pela comunidade de uso que devem determinar as formas linguísticas mais funcionais é por essa razão que a gramática de uma língua está sempre em constante mudança.

Temos em Givón (1995 *apud* MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 28) algumas características básicas da teoria funcionalista:

a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica; mudança e variação estão sempre presentes; sentido é contextualmente dependente e não-atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável e não-rígida; as gramáticas são emergentes; as regras de gramática permitem algumas exceções.

Os estudos e as hipóteses de gramaticalização visam apontar explicações para as variações e mudanças linguísticas de uma língua. Basicamente, todos os

estudos partem de dois pontos imutáveis: de uma concepção de língua como um elemento em constante atividade e o postular— de forma explícita ou não - a existência de uma “gramática emergente”: aberta, sempre passível de mudanças e afetada pelo uso que lhe é dado cotidianamente.

Os estudiosos que observam os fenômenos de variação e mudança linguística via estudos da gramaticalização, podem ser divididos de acordo com suas concepções ou com o método de trabalho adotado: a gramaticalização pode ser considerada como um processo ou como um paradigma; o fenômeno de estudo pode ser observado sob perspectiva diacrônica, sincrônica ou, mais recentemente, pancrônica.

Conforme explica Gonçalves et al (2007), a gramaticalização é considerada um *processo* se se detiver na identificação e na análise de itens que se tornam mais gramaticais; é considerada um *paradigma* se observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas, será um fenômeno observado sob uma perspectiva metodológica *diacrônica* se o foco estiver voltado à explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua; terá uma perspectiva *sincrônica* se o foco de observação for a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua. Uma terceira possibilidade metodológica é a combinação dos olhares diacrônico e sincrônico, numa perspectiva chamada de *pancrônica*.

A ideia de gramaticalização, de acordo com Poggio (2003, p. 59), tem aparecido, na literatura, retomada por outros nomes sinônimos. Há, entretanto, que se ter prudência na utilização destes, uma vez que a retomada de sentido nem sempre se dá de forma a abranger a amplitude do tema. Há autores que indicam uma diferença entre os termos *gramaticalização* e *gramaticização*: enquanto o primeiro estaria ligado a uma pesquisa com perspectiva histórica, ou seja, diacrônica; o segundo nomearia os estudos ligados a uma perspectiva sincrônica. Essa divisão não é aceita de forma unânime.

De forma ocasional, ainda, encontramos outros vários termos usados como sinônimos de gramaticalização, conforme aponta Rosário (2007): gramatização, apagamento semântico, condensação, enfraquecimento semântico, morfologização, reanálise, redução, sintaticização etc. Segundo a autora, os termos nem sempre são

sinônimos perfeitos, pois podem expressar ora uma característica sintática/semântica do fenômeno de análise, ora apenas um estágio etc.

Embora haja múltiplas abordagens e explicações - desde as que restringem à mudança de itens lexicais, até as que preferem abordagens acima do nível da palavra – é possível, em linhas gerais, entender a gramaticalização como “as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial”. (GONÇALVES et al, 2007, p. 17).

2 ESTUDOS DA GRAMATICALIZAÇÃO: SURGIMENTO E CONCEITOS

Os estudos de gramaticalização possuem uma história de surgimento bastante longínqua, datando de épocas remotas no século X, na China. Um escritor, de nome Zhou Bo-qi, da dinastia Yuan, apontava para o fenômeno de mudança de símbolos cheios para símbolos vazios. Os estudos seguiram em processo de desenvolvimento durante o século XVII, tendo como destaque os filósofos franceses Etienne Bonnot de Condillac e Jean Jacques Rousseau e o inglês Tooke.

Os franceses trabalhavam sob o prisma de que os lexemas concretos teriam forte atuação tanto na origem de vocábulos abstratos quanto nas complexidades gramaticais. De acordo com Rosário (2007, p.2), “parece ser de Condillac (1746) a percepção de que as flexões verbais, como os sufixos, teriam vindo de palavras independentes mais antigas”. Já Horne Tooke recebeu o título de pai dos estudos em gramaticalização e, segundo Rosário (2007, p.3), indicou que “o segredo das palavras reside em sua etimologia”, sendo que “advérbios, preposições e conjunções resultariam da abreviação ou “mutilação” de “palavras necessárias”, ou seja, de nomes e de verbos”.

No século XVIII, surgem nomes importantes como Franz Bopp, Humboldt, Wulnner, Schlegel, Bréal, Whitney, entre outros. Todos com trabalhos de influência no refinamento progressivo das indicações feitas nos séculos anteriores. No século XX, em meados das décadas iniciais, surge, na França, Antoine Meillet (1912): o primeiro autor a empregar o termo gramaticalização, numa acepção muito próxima à adotada atualmente pelo funcionalismo. Ressalta-se, entretanto, que a importância do autor não está unicamente ligada à criação do termo, mas na indicação dos estudos da gramaticalização como uma atividade relevante na ciência da linguagem.

Meillet (1912) define gramaticalização como um dos principais processos de mudança linguística, que consiste na passagem de uma palavra autônoma para um elemento gramatical. A gramaticalização em Meillet, envolve essencialmente a passagem do léxico para a gramática, com o lado gramatical comportando a sequência sintaxe → morfologia. Teríamos, então, a seguinte representação:

[item lexical] → [item gramatical]



[item sintático] → [item morfológico]

De acordo com Rosário (2007, p.3), essa passagem de um item lexical para um item gramatical se dá através de um **continuum** indicando “transição de itens lexicais (mots principaux) para auxiliares e outros morfemas com função gramatical (mots accessoires), também chamadas de “palavras vazias” (mots vides)”. Outra contribuição de Meillet (1912), é a ideia de que o aumento de frequência de uso está em correlação inversa à perda do valor expressivo das palavras.

A partir de Meillet (1912), surgiram vários estudiosos que, de forma mais aprofundada, desenvolveram pesquisas sobre gramaticalização. A literatura registra influência “de nomes como: Sapir, Benveniste e Kurylowicz, Lehmann, Heine, Claudi, Givón, Hoper, Traugott, Bybee, Pagliuca, entre outros” (ROSÁRIO, 2007, p. 12). Apesar de distintos em alguns pontos, todos os estudos compartilham do mesmo pensamento no que tange a duas questões:

I) a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado; e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórios, de outro;

II) a consideração de que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

Kurylowicz (1965) define gramaticalização como um processo de morfologização, que pode levar à mudança de estatuto de um item não somente de lexical a gramatical, mas também de menos para mais gramatical. De acordo com o autor, a gramaticalização consistiria no aumento do percurso de um morfema que avançaria do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um

estado mais gramatical. Haveria, então, duas trajetórias de mudança: a de elementos linguísticos do léxico para a gramática, e a trajetória de elementos menos gramaticais para categorias mais gramaticais.

Lehman (1982), ao conceituar gramaticalização, assume a proposição de Kurylowicz (1965). E, nesse mesmo sentido, se apresenta a definição adotada por Heine, Claudi & Hünemeyer (1991, p.3) que afirmam que a gramaticalização consiste no “crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, de um formante derivacional para um formante flexional”.

Vários estudiosos têm buscado diferenciar o processo de gramaticalização de outro processo chamado lexicalização. Encontramos em Rosário (2007), por exemplo, a afirmação de que, quando palavras pertencentes a classes abertas (tais como os nomes) mudam para classes fechadas (como a classe dos advérbios), isto constituiria um exemplo de gramaticalização. Já em Antilla (1972), esse mesmo exemplo é usado não como um processo de gramaticalização, mas de lexicalização. Para esse tipo de segmentação, no entanto, Heine, Claudi & Hünemeyer (1991) afirmam que é realizada uma restrição desnecessária no conceito de gramaticalização e que seria necessário um grande número de conceitos diferentes para explicar os vários processos referentes a um mesmo fenômeno.

Em muitos trabalhos, o termo “gramaticalização” faz referência apenas à fase inicial do processo de mudança. Ou seja, à mudança da estrutura lexical para a gramatical. Há outros autores, como Hyman (1984 apud Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991), entretanto, que usam o termo para designar a passagem da pragmática para a sintaxe. Conforme narra Rosário (2007):

“Samuels (1971), por exemplo, defende que a gramaticalização ocorre quando uma palavra torna-se suficientemente vazia de significado lexical. Sankoff (1988), por sua vez, afirma que a gramaticalização ocorre quando uma palavra que expressa conteúdo ou um morfema pertencente a classes abertas transforma-se em palavras funcionais ou morfemas de classes de palavras fechadas. (...) (ROSÁRIO, 2007, p.86)

2.1 DIACRONIA, SINCRONIA E PANCRONIA

Até a década de 1970, de forma unânime, a gramaticalização foi vista como integrante da linguística histórica e seus estudos remetiam unicamente a um processo diacrônico. Tal metodologia era usada “como um meio de análise da evolução linguística, de reconstrução da história de uma dada língua ou de um grupo de línguas.” (ROSÁRIO, 2007 p.5).

Traugott & Heine (1991), no entanto, afirmam que, embora em momentos anteriores o termo “gramaticalização” tenha indicado apenas estudos de base histórica, defende-se que ele designa um processo tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação. Há ainda os autores que privilegiam somente recortes sincrônicos - como Thompson & Mulac (1999 apud Rosário, 2007) - cujo enfoque é, justamente, o estudo da organização sincrônica - e os que privilegiam os estudos pancrônicos – Givón (1979), Du Bois (1985), Traugott & Heine (1991), entre outros – cujo enfoque é a estrutura gramatical.

Hopper e Traugott (1993, p. 2) estabelecem de forma clara uma distinção entre a perspectiva diacrônica e a sincrônica: enquanto a primeira, também dita histórica, tem como enfoque a investigação das fontes das formas gramaticais e dos caminhos de mudança que afetam essas formas, a segunda observa a gramaticalização enquanto fenômeno sintático, discursivo-pragmático. Os autores indicam, ainda, que, enquanto os estudos diacrônicos apontam para um conjunto de mudanças linguísticas em que itens lexicais tornam-se mais gramaticais, em certos usos, os estudos sincrônicos observam os fenômenos do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico.

“Grammaticalization has been studied from two perspectives. One of these is historical, investigating the sources of grammatical forms and the typical pathways of change that affect them. From this perspective, grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes through which a lexical item in certain uses .” (HOPPER E TRAUOGOTT, 1993, p. 3)

De acordo com Naro & Braga (2000), com o passar dos anos, os estudos com base na gramaticalização sofreram forte ampliação e, hoje, uma quantidade vasta de formas de pesquisa englobam esse universo de estudos, desde estudos e análises do itinerário de um termo ou forma linguística ao longo do tempo, até estudos de construções gramaticais emergentes.

Poggio (2003) é defensora de uma visão pancrônica. Para a autora, o rompimento com a dicotomia sincronia x diacronia é fundamental e afirma: “Se o objetivo (do estudo) é traçar uma trajetória desde as origens da forma gramatical, passando pelas suas mudanças até o seu estágio atual como um fenômeno discursivo-pragmático, deve-se adotar uma abordagem pancrônica” (POGGIO, 2003, p. 23-24). É nessa forma de abordagem que podem ser combinadas tanto a informação obtida em um estudo sincrônico quanto a obtida em um estudo diacrônico “para se ter uma ideia mais densa, dispondo de compreensão mais consistente dos fenômenos pesquisados”. Conforme Poggio (Op., cit., p.62), a gramaticalização vista sob viés pancrônico pode “ser descrita como um processo sem referência ao tempo”.

A mesma perspectiva pancrônica é indicada por Pereira (2004) quando afirma que a gramaticalização apresenta uma perspectiva diacrônica, porque envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, porque implica variação.

Direção da mudança

O processo de gramaticalização é fundamentalmente unidirecional. Conforme afirmam Traugott e König (1991, p.208):

“Grammaticalization refers primarily to the dynamic, unidirectional historical process whereby lexical items in the course of time acquire a new status as grammatical, morphosyntactic forms, and in the process come to code relations that either were not coded before or were coded differently” (TRAUGOTT E KÖNIG, 1991, p.208)

Essa unidirecionalidade, não unânime entre os pesquisadores, indicaria que as mudanças linguísticas ocorreriam num *continuum* que se estabeleceria sempre do menos para o mais gramatical e jamais vice-versa. Alguns autores – tais como Kahr (1976); Campbell (1991) - apresentam contra-argumentos à unidirecionalidade e investigam o fenômeno da gramaticalização partindo de um sentido contrário ao habitual: do mais gramatical para o menos. De acordo com Pereira (2004, p.8) esses argumentos são deveras “incipientes se comparados à enorme gama de exemplos atestadores da unidirecionalidade”.

Segundo Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991 p.4), as pesquisas contrárias às afirmações de unidirecionalidade apresentam exemplos de desgramaticalização e regramaticalização. E explica:

“The former (degrammaticalization) is present when the direction of grammaticalization is reversed, that is, when a more grammatical unit develops into a less grammatical one, while the latter (regrammaticalization) applies when forms without any function acquire a grammatical function” (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991, p.4)

Além da perspectiva da unidirecionalidade ou não da gramaticalização, encontramos os apontamentos de Givón (1979) - compartilhados por vários pesquisadores, conforme cita Tragott & Heine (1991 p. 21): “Genetti (1991), Haiman (1991), Herrig (1991) Hook (1991), Hopper (1991), Lichtenberk (1991) e Shibatini”, que apresentam estudos que partem do discurso para a morfossintaxe e a defesa da existência não de um sentido único, mas de um processo cíclico que se caracteriza por:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero.

A partir de Givón (1979, p. 209), introduziu-se o “discurso” numa concepção de macrossintaxe, como um parâmetro maior para o entendimento da estrutura da língua e o desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais. Para o autor, o discurso, que é um modo não planejado de comunicação informal, passa a ser favorecedor da emergência de novos modelos gramaticais. Em função disso, Givón (1979) prefere o termo **sintetização** ao termo gramaticalização, já que o modelo proposto não se atém à análise/ reanálise de léxico e gramática.

Givón (1979), então, que anteriormente afirmara que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (GIVÓN, 1971 apud GIVÓN, 1979 p.187) acrescenta que “ a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”. Essa afirmação é um importante argumento no sentido de que, conforme aponta Gonçalves et al (2007, p.25) “no processo de gramaticalização, o modo mais pragmático de comunicação abre caminho para um modo mais sintático; com isso, expressões linguísticas com vinculação sintática fraca se transformam em expressões sintáticas fortemente ligadas”. Essa interface dita discursivo-pragmática tem se tornado um campo de estudos crescente na linha da gramaticalização.

Natureza da mudança

Outro aspecto de relevância é a observação da natureza da mudança. Encontramos, na literatura, a indicação de que elas não ocorrem de forma abrupta. Ou seja, paulatinamente, uma categoria vai se afastando de seu núcleo conceitual e se aproximando de outro. Esse processo transitório poderá levar séculos, passando por uma série de transições graduais.

No surgimento de novas formas na língua, o processo é igualmente gradual e não implica, ao menos de imediato, a exclusão de uma forma antiga para que outra ocupe seu lugar. Ao menos durante certo tempo, permanecem na língua a forma antiga e a variante inovadora, em competição, num **contínuo**. Conforme afirmam Hopper & Traugott (1997)

“Basic to work on grammaticalization is the concept of a ‘cline’ (...) From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of gradual transitions, transitions that tend to be similar in type across languages. (HOPPER; TRAUGOTT, 1997, p.6)

De acordo com Rosário (2007, p.12) esse **continuum** de mudanças sem limites precisos ou definidos aparece na literatura sob diversos nomes, a citar: “a) Cline – Hopper e Traugott (1993); b) Path– Bybee et al. (1994); c) Pathway - Bisang (1996); d) Grammaticalization chain – Heine (1992; 1993)”.

Resumo Histórico

O breve histórico apresentado não esgota a linha de pensamentos e as discussões dos estudos de gramaticalização. A literatura clássica aborda a perspectiva de gramaticalização centrada no léxico, tratando de mudanças léxico > gramática. Conforme apresenta Rosário (2007 p.14), a “Gramaticalização pode ser definida como o processo de desenvolvimento de estruturas gramaticais a partir de estruturas lexicais e de estruturas mais gramaticais a partir de estruturas menos gramaticais”.

Os estudos modernos acerca das formas em processo de gramaticalização apresentam uma amplitude de análise. Optaremos, entretanto, pelos estudos da gramaticalização pelo viés das construções sintáticas. Dessa forma, os princípios funcionalistas estariam interseccionados com os da gramática construcional. Nessa

vertente, a gramaticalização é apresentada como sendo a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, a construção gramatical resultante pode continuar a receber novas funções gramaticais.

Gonçalves et al. (2007, p. 27), apresenta, de forma resumida, uma escala evolutiva dos estudos de gramaticalização:

(i) a versão de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do [lexical] > [gramatical]

(ii) a oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao *clíne* de Meillet, a passagem do [-gramatical] > [+ gramatical].

(iii) as versões dos estudos atuais: [qualquer material linguístico] > [+gramatical].

3 PARADIGMA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Há formas diversas de descrever, conceituar e analisar os fenômenos de variação e mudança linguística pelo viés da gramaticalização. Convém destacar que, para esta pesquisa, optou-se pela concepção de gramaticalização que assume a migração de um item do léxico e do discurso para a gramática ou de um item já gramatical para um *status* mais gramatical. Dessa forma, é possível descrever gramaticalização como a que

designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 46).

No que diz respeito às categorias lexicais, podem ser identificadas fases que caracterizam a mudança do léxico > gramática ou do item [- gramatical] > [+gramatical]. Segundo Gonçalves (2007, p.37), teríamos o seguinte quadro representativo:

TABELA 2 - FASES DA MUDANÇA LÉXICO - GRAMÁTICA

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Fonologia	Mais material fonológico > menos material fonológico	Redução fonológica
Morfologia	Lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	Recategorização (morfologização)
Sintaxe	Menor coesão > maior coesão	Reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	Concreto > abstrato	Dessemantização, processos metafóricos
Pragmática	Estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	Sintaticização

FONTE: GONÇALVES (2007)

Os estudos a respeito do percurso de mudança que um item linguístico possa fazer também foi alvo das análises de Castilho (1997, p. 31), que afirmou que, ao se gramaticalizar, um item lexical sofre mudança de categoria sintática, ou seja, se recategoriza e, a partir daí, “recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema”.

Partindo das afirmações do autor, é possível dizer que o processo de gramaticalização pode afetar os elementos linguísticos nos diversos níveis do sistema linguístico: os itens lexicais e/ou gramaticais em fase de gramaticalização são afetados na forma (fonética, morfológica, sintática), no conteúdo (semântica) e no uso (pragmática, discurso). Observando a trajetória dos itens, Castilho (1997) elencou alguns estágios dessa mudança: [i] sintatização, [ii] morfologização, [iii] redução fonológica, [iv] estágio zero, fase que reinstaura todo o processo.

Complementar ao pensamento de Castilho (1997), encontramos Neves (2006, p.20-21), que comenta que “características como a perda de complexidade semântica, de liberdade sintática e de substância fonética, com a contraparte de ganho em significação morfossintática” nada mais são do que consequências do “processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

O processo que um item linguístico faz, ao passar pela variação e mudança forma o chamado **continuum** de mudanças e, de acordo com Heine & Reh (1984

apud Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991) dentro desse **contínuo**, quanto mais uma forma se gramaticaliza, mais:

- a) perde complexidade semântica, significação funcional e/ou valor expressivo;
- b) perde significação pragmática e mais ganha significação sintática;
- c) se constata que é reduzido o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático;
- d) há decréscimo na variabilidade sintática, ou seja, mais a posição na oração torna-se fixa;
- e) seu uso se torna obrigatório em certos contextos e não-gramatical em outros;
- f) aglutina-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;
- g) há perda de substância fonética.

A partir dessas observações, tanto Martelotta, Votre e Cezario (1996), quanto Bybee e Pagliuca (apud Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991, p.17) indicam novas características inerentes ao processo de gramaticalização, como o chamado “processo de generalização”, ou “enfraquecimento do conteúdo semântico”, que deve ser entendido de duas formas: por um lado, um morfema mais utilizado acaba tendo uma maior distribuição, já que é usado em um maior número de contextos; por outro lado, o morfema tende a ser mais geral porque perde determinadas características específicas de significado.

Além de notarem que os morfemas que sofrem o processo de gramaticalização são caracterizados por um uso muito frequente e geral, Bybee e Pagliuca (1984 apud Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991) também perceberam que o uso favorece o aumento de ocorrências, uma vez que os morfemas sofrem esse processo. Assim, frequência e gramaticalização estão intimamente ligadas.

De acordo com Martelotta, Votre e Cezario (1996), é possível apontar para outro tipo de mudança linguística, chamado de discursivização, que é associação à gramaticalização, embora não de mesma natureza. O termo discursivização é utilizado “para designar esse outro processo de mudança, que leva elemento linguístico a perder suas restrições gramaticais, sobretudo de ordenação vocabular, e assumir restrições de caráter pragmático e interativo” (Martelotta, Votre e Cezario, 1996, p. 60).

A partir daí é possível indicar três direções no processo de mudança linguística:

- Item lexical > item gramatical
- Item menos gramatical > item mais gramatical;
- Item lexical/gramatical > item discursivo.

Como exemplo deste último, Martelotta, Votre e Cezário (1996, p.47) mencionam a partícula **aí**, destacando o contraste entre o item usado em função gramatical, repleto de conteúdo semânticos, e, na sequência, **aí** usados como recurso discursivo: “... primeiro tu vai me dizer o que tem dentro dessa caixa **aí**¹²... eu falei aqui não tem nada não... **aí** ele falou assim... mentira... eu sei que essa caixa aí é da Redley...”

Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 47) identificam sete fenômenos de mudança linguística que podem acontecer no processo de gramaticalização:

- I) Trajetória de elemento linguístico do léxico à gramática;
- II) Trajetória de vocábulo a morfema;
- III) Trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (ou mais regular);
- IV) Trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial;
- V) Trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função gramatical;
- VI) Trajetória dos processos de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática, através de regularização e sistematização;
- VII) Trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas.

Faz-se importante ressaltar que os processos de gramaticalização dos itens lexicais não acontecem de maneira uniforme e nem possuem obrigatoriedade de chegarem ao fim das etapas ou de passarem por todos os estágios dos processos elencados.

¹² Grifo nosso

4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Aportando-nos nas construções teóricas formuladas por Castilho (1997), Givón (1979), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Hopper e Traugott, (1993), Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Neves (2006), construímos a fundamentação necessária para compor a base de análise do processo de variação e mudança linguística de **onde**.

Para esta tese, adotaremos a visão de gramaticalização não como um paradigma, mas como um processo, uma vez que este estudo se encaixa não na preocupação de focalizar a maneira como a forma **onde** surge e é usada na língua, mas em analisar seu uso. O estudo terá uma perspectiva sincrônica, visto que pretendemos identificar os graus do processo de gramaticalização.

Embora muitos estudiosos busquem diferenciar gramaticalização de lexicalização, optamos em concordar com apud Heine, Claudi & Hünemeyer (1991) e analisaremos todos os fenômenos de **onde** sem distinguir uma da outra.

Com base nesses fundamentos, buscaremos evidências para a hipótese de que **onde** possa ser descrito em uma trajetória que contemple recategorização e semantização.

Considerando a não uniformidade de processos que um item passa ao se gramaticalizar, em **onde**, provavelmente, não encontraremos traços de redução fonológica ou de morfologização, indicados por Givón (1979) e por Castilho (1997) nem indícios de algumas das sete trajetórias de mudança linguística apontadas por Martelotta, Votre e Cezario (1996).

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

No capítulo 3, indicaremos a metodologia usada ao longo desta tese, evidenciando os caminhos e mecanismos adotados durante a coleta dos dados para a constituição do corpus.

Conforme já mencionado na introdução desta tese, nossos dados foram colhidos de textos de alunos de graduação da modalidade EaD e tomados como manifestações da norma culta vigente no Brasil. Para justificarmos essa questão, optamos em conceituar Norma padrão e Norma Culta e em evidenciar a solidez da educação a distância e, por conseguinte, dos informantes provindos dessa modalidade, para depois evidenciar a inclusão dos dados como representação de uma determinada norma.

Após a contextualização, apresentaremos os dados, juntamente com a discussão a partir das análises propostas e da base teórica adotada.

1 NORMA: DISCUSSÃO DE CONCEITOS¹³

A discussão em torno da norma não é nova nos estudos da língua. Esse debate traz à tona as perguntas de quem tem ou não a competência, ou o direito, de determinar o que é uma manifestação linguística culta da língua nacional. Quando falamos de norma no Brasil, o que parece estar em voga é a determinação de quem tem ou não a competência de definir o que é o português brasileiro.

Não é objetivo desta tese fazer uma discussão aprofundada a respeito dos conceitos elencados no estabelecimento das normas ligadas ao português brasileiro. Entretanto, por considerarmos a concepção heterogênea da língua e por tomarmos por verdade as manifestações registradas no corpus desta tese como exemplos da norma culta vigente no país, será necessário estabelecer, minimamente, uma linha de entendimento acerca desses conceitos.

Falar sobre norma é levantar uma discussão complexa. Nosso ponto de partida é, ao mesmo tempo, o reconhecimento da heterogeneidade linguística como

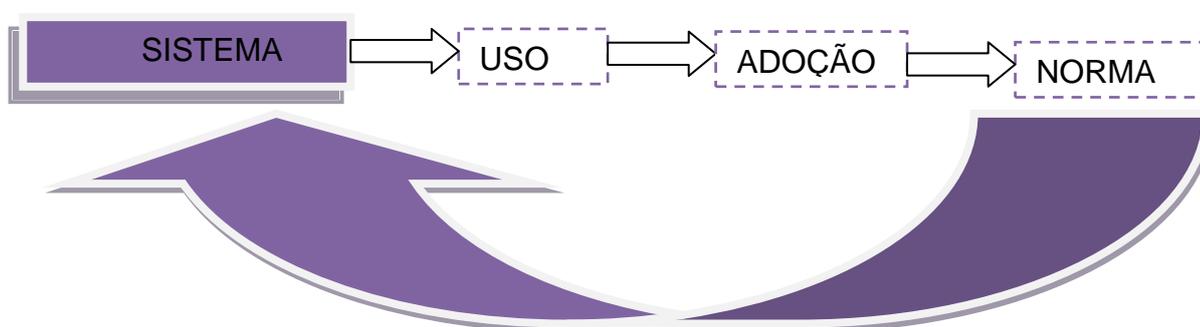
¹³ Para a elaboração das discussões, agradeço imensamente as observações das professoras Gesualda (UFPR) e Josélia Ribeiro (PUCPR)

princípio básico para levar os falantes ao desenvolvimento de competências de sua língua e o reconhecimento de que uma análise quantitativa de usos não é capaz de traduzir uso em norma. Ademais, concordamos com Guibourg (1987, p. 30) que, a respeito do estudo das normas, afirmou que “los fenómenos complejos no pueden ser cabalmente comprendidos”.

Antes de discutirmos norma, vejamos o que nos diz Coseriu (1987) a respeito da inserção da norma em uma relação tripartida: sistema x norma x fala. O sistema precede o uso e contém a norma, sendo esta uma espécie de filtro social do sistema. O sistema, obviamente mais amplo que a norma, se realiza a partir das possibilidades oferecidas por ela. De acordo com o autor (1980, p. 123) dependendo do ponto de vista adotado para a análise, é verdadeiro assumir uma das duas posições opostas: o sistema precede o uso e contém a norma ou, ainda, o sistema é atingido pela norma quando ela é mais ampla que o sistema. Nessa segunda possibilidade, ao mesmo tempo em que o sistema precede a norma, está contido nela.

A passagem de níveis *sistema – uso – norma* não é automática. De acordo com Coseriu (1987, p.72), entre o *uso* – que pode ser tanto individual ou restrito a um grupo de falantes – que é flutuante e não obrigatório e a *norma* que é obrigatória a um grupo de falantes, há uma fase de acomodação chamada *adoção*.

Sendo assim, após ser estabelecida uma norma que se torne abrangente aos falantes de uma língua, o uso sistemático da língua pode alcançar e mudar o *sistema*.



Fonte: REIS (2017)

Embora a questão posta seja de fato, bastante compreensível e aceitável, o tratamento da norma não é. Além das discussões conceituais sobre o significado da palavra norma, temos uma variedade de classificação sobre os tipos de normas

existentes. Rey (1972), fala de norma objetiva, prescritiva e de norma subjetiva: enquanto a primeira é a colhida a partir do uso social, a segunda é aquela registrada nos manuais e a terceira, o ideal de uso a ser alcançado. Aléong (1983) apresenta dois conceitos: normas implícitas, que não é registrada/codificada, e normas explícitas, que são as codificadas nos manuais. Temos ainda os termos mais comumente conhecidos como: norma culta, popular, não culta, prescritiva, descritiva, tradicional, padrão, standard, canônica, etc.

Como a finalidade desta tese não é esgotar a discussão acerca dos conceitos e estabelecimentos de normas, deixaremos de lado as demais classificações e nos dedicaremos a indicar as classificações de norma padrão e de norma culta e o impacto dessa diferenciação no estabelecimento do perfil de falante culto.

1.1 NORMAS PADRÃO X NORMA CULTA

Norma padrão ou Língua padrão é a denominação comumente dada a um conjunto de normas linguísticas baseadas nos usos consagrados da língua, presentes nos chamados “bons escritos”, o que privilegia a modalidade escrita. Essas normas partem de uma atitude linguística estabilizadora, caminhando de encontro ao princípio da heterogeneidade linguística. De acordo com Faraco (2002, p.40)

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua-padrão.

A língua padrão é um ideal a ser atingido pelo falante da língua. Falante esse que parece se distanciar cada vez mais dela. Ao tratar de língua padrão, Faraco (2004) ressalta que, ao longo da história

a cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou um processo fortemente unificador (...) que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralização as variações e controlar as mudanças. Ao resultado desse processo, a essa norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua padrão. FARACO (2002, p.40)

Assim, a norma culta se refere à linguagem empregada de forma real pelos cidadãos pertencentes aos segmentos mais favorecidos da sociedade. De acordo com Castilho (2010), é preciso desmistificar o pensamento existente em relação a real função dos textos dos escritores de renome:

os escritores não trabalham para nos abastecer de regras gramaticais. Eles exploram ao máximo as potencialidades da língua, segundo um projeto estético próprio. Ora, as regularidades que as gramáticas identiicam devem fundamentar-se no uso comum da língua, quando conversamos, quando lemos jornais, como cidadãos de uma democracia. Isso não exclui a fruição das obras literárias, mas é uma completa inversão de propósitos fundamentar-nos nelas para descrever uma língua. CASTILHO (2010, p.31-32)

Muitas estruturas presentes na língua padrão tem se tornado cada vez mais raras, inclusive em textos com alto grau de formalidade. Nesses textos, o que aparece em uso é a chamada língua culta, ou norma culta, que são formas linguísticas que existem na realidade social e são próprias de falantes cultos em seus usos mais monitorados. Conforme nos aponta Faraco (2002):

São, em geral, as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal e à cultura escrita. (FARACO, 2002, p.173)

A definição dos chamados *falantes cultos* obedece a critérios objetivos: escolaridade superior completa e antecedentes biográfico-culturais urbanos. No português brasileiro, o que verificamos, na verdade, é a existência de uma verdadeira dicotomia língua padrão x língua culta, e que “há um século, os letrados brasileiros vivem uma situação de esquizofrenia linguística, enredados por uma cultura do erro que afeta pesadamente o nosso imaginário sobre a língua, as nossas relações sociais e o ensino do português”. (Faraco,2002, p.109).

Para melhor entender a questão da variedade e diversidade do português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2005 p.52) propôs três contínuos:

O primeiro *continuum* é o da urbanização e se destina à análise sociolinguística dos falantes da língua.

2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A SOCIEDADE MODERNA

O corpus foi montado tomando por base interação virtuais em ambiente educacional monitorado (AVA – ambiente virtual de aprendizagem) de acadêmicos de cursos de licenciaturas diversas, de um mesmo Centro Universitário Brasileiro, todos optantes da modalidade de ensino a distância. O centro Universitário possui aproximadamente 430 polos espalhados por todo o país, entretanto, selecionamos apenas polos de grandes centros para a coleta de dados dos acadêmicos: Curitiba, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Recife, Porto Alegre.

Para garantir a pureza de qualquer eventual análise sociolinguística, ao selecionar os informantes seguimos as recomendações:

- Nascidos na cidade de coleta de dados;
- Filhos de pais também nascidos na cidade de coleta de dados;
- Informante não morou fora da cidade de origem no período de aquisição da linguagem.

Para alinhar as considerações acerca da representatividade desses informantes, é necessário compreendermos o estabelecimento da EAD dentro da sociedade atual.

2.1 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO PERFIL

O Centro Universitário Pesquisado, além da atuação com educação a distância, possui cursos presenciais e semipresenciais, com metodologia de ensino híbrida. De acordo com os dados informados pela IES, o discente da educação a distância possui o mesmo perfil do da educação presencial: faixa-etária diversa, tendo maior concentração de público mais jovem, de renda variada.

Vejamos um resumo dos principais dados do perfil do estudante, compilados a partir das informações do PDI institucional:

TABELA 3 - PERFIL DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

INDICADORES	PERFIL
FAIXA ETÁRIA	40,4% estão abaixo dos 25 anos de idade 33,3% tem entre 25 e 35 anos de idade 11% acima de 35 anos de idade
RENDA FAMILIAR	Até 3 salários-mínimos 38,7% 3a 5 salários-mínimos 30,1% 5 a 10 salários-mínimos 20,2% Acima de 10 salários-mínimos 11,9%
ENSINO MÉDIO	75% são provenientes do ensino público
MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO	70% para desenvolver projetos futuros e melhorar a condição profissional

FONTE: REIS (2017)

Para construirmos um melhor cenário acerca dos alunos que constituiriam o corpus de pesquisa, selecionamos os dados observáveis no questionário sócio-econômico preenchido por eles e aplicamos um questionário de sondagem da modalidade de ensino. Retiramos as seguintes indicações:

TABELA 4 - PERFIL DOS ALUNOS DOS CURSOS PESQUISADOS

INDICADORES	PERFIL
RENDA FAMILIAR	Até 3 salários-mínimos 27,1% 3a 5 salários-mínimos 32,5% 5 a 10 salários-mínimos 28,1% Acima de 10 salários-mínimos 12,3%
ENSINO MÉDIO	62% do ensino público 38% do ensino particular
JÁ POSSUI OUTRA GRADUAÇÃO?	69% Não 31% Sim
POSSUI PÓS-GRADUAÇÃO?	87% Não 13% Sim
MAIOR DIFICULDADE COM A MODALIDADE EAD	72% A internet (em minha casa/celular) é ruim

FONTE: REIS (2017)

Em uma questão discursiva, ao serem questionados o porquê de escolherem a modalidade de ensino a distância, as principais respostas mostraram: respeito à autonomia do adulto aprendente, metodologia inovadora e que instiga à pesquisa, maior flexibilidade de horários e economia de tempo x mobilidade urbana, não precisando deslocar-se todos os dias até uma sala de aula presencial.

2.2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONSTITUIÇÃO E PÚBLICO-ALVO

O desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informatização transformou o mundo em uma localidade sem fronteiras, sem muros ao conhecimento ou delimitações territoriais. Hoje, afirmamos sem medo que “o profissional da Educação que não enfrentar essa nova organização planetária corre o risco de ser ultrapassado pela história, ser vencido pela nova realidade geopolítica e pela educação além-sala-de-aula” (MACHADO & REIS, 2011 p.181). Para compreender educação a distância é preciso, antes, internalizar a transitoriedade social e demais fatores, sejam políticos ou econômicos, que contribuem para a transformação do tempo e do espaço.

De acordo com Preti (1996 p.19) “a educação a distância é, pois, uma modalidade não tradicional, típica da era industrial e tecnológica, cobrindo distintas formas de ensino-aprendizagem, dispendo de métodos, técnicas e recursos, postos à disposição da sociedade”. É correto afirmar, portanto, que a implementação e a evolução da Educação a distância está ligada diretamente às necessidades sociais e às demandas do mercado de trabalho. De acordo com os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, essa modalidade de ensino é adequada às sociedades contemporâneas e às necessidades e anseios da sociedade da época. Isso porque a EAD

possibilita que as pessoas tenham condições eficientes e eficazes de compartilhar o conhecimento, debatendo, questionando e reformulando ideias, valores, percepções e experiências, sem a necessidade da palavra impressa e da presencialidade física. Isso supera a lógica das formas tradicionais de educação, como a obrigatoriedade do professor e do aluno em um mesmo ambiente físico, mas sem anular aquilo que é essencial: o conteúdo socialmente elaborado dentro de necessidades e interesses comuns. (MACHADO, 2009 p. 72)

Desde a implementação da EAD no Brasil, no início da década de 80, encontramos etapas distintas no quadro de evolução da EAD, que, acompanhando a própria evolução social, impactou diretamente na metodologia de ensino, nas tecnologias utilizadas e no público-alvo dessa modalidade. De acordo com Kearsley (2007 apud MACHADO 2009, p. 25)

[...] a primeira geração ocorreu quando o meio de comunicação era o texto, e a instrução por correspondência. A segunda geração foi o ensino por meio da difusão pelo rádio e pela televisão. A terceira geração não foi muito caracterizada pela tecnologia de comunicação, mas, preferencialmente pela invenção de uma modalidade de organização da educação, de modo mais notável nas *universidades abertas*. [...].

Hoje, os estudos de inovação da tecnologia em favor da educação, direcionam-nos para as discussões a respeito das novas gerações da educação a distância, baseadas na

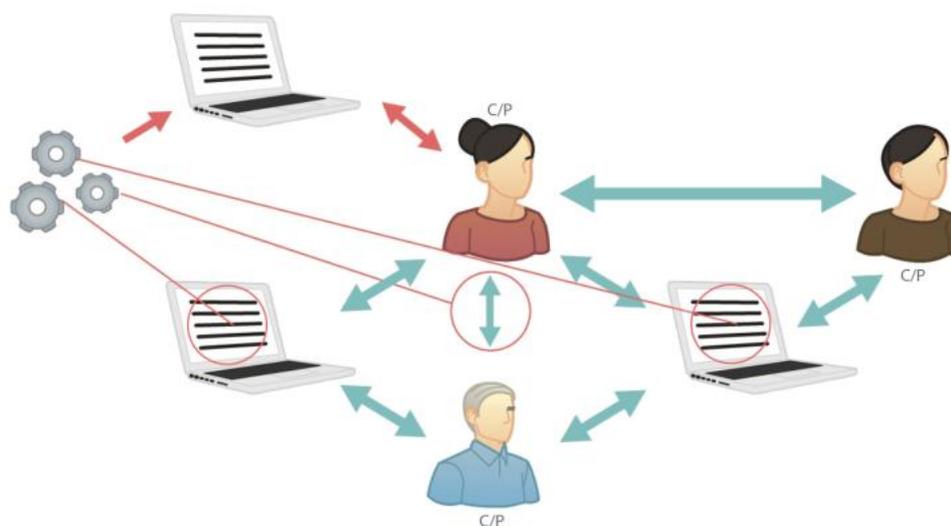
evolução da tecnologia da informação e comunicação, em especial, no advento da web 2.0 – com as redes de contato a distância – e, mais modernamente, a web 3.0 cuja inteligência artificial em conjunto com a interação e compartilhamento de informações, favorece a organização e integração do conhecimento. (REIS, 2014 p.80)

No momento atual, já se caminha a passos largos para o rompimento total do preconceito de que os estudantes da modalidade EaD são aqueles que não tiveram êxito no ensino presencial ou que precisam de uma formação facilitada. Rompeu-se o estigma de que estudar a distância é uma falta de opção e EaD passou a ser considerada o rompimento de paradigmas educacionais que vem ao encontro dos anseios da geração moderna, formada por nativos digitais¹⁴, cuja primeira geração atinge a maioria entre os anos de 2010 e 2019, e por imigrantes digitais¹⁵, seres mais exigentes, críticos e conscientes da expressividade de suas vozes. Nesse contexto, as palavras de ordem são conhecimento compartilhado e construção colaborativa do saber. Conforme ilustra a figura:

¹⁴ “é um termo que tem sido usado no mundo moderno para designar aquele que nasceu e cresceu em meio à tecnologia digital. São crianças que aos dois ou três anos já navegavam na internet, que aos sete assistiam aos seus cliques musicais favoritos na rede e aos nove já possuíam *blogs* e perfis em redes sociais. Para estes, é impensável um mundo estático entre folhas de papel e livros, um mundo sem computadores, sem pesquisas virtuais e comunicações rápidas” (REIS, P.C 2014 p.83)

¹⁵ “Conheceram de perto as bibliotecas e gastaram bastante tempo pesquisando em livros e enciclopédias escolares para concluir seus trabalhos. Embora tenha nascido no século passado, o imigrante digital foi capaz de fazer uma excelente passagem e convive bem com a modernidade tecnológica” (REIS, P.C 2014 p.83)

FIGURA 1 - ORGANIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DO CONHECIMENTO



FONTE: REIS (2014, P.82)

Em verdade, a nova geração da educação a distância reflete a sociedade cujos limites da presencialidade já foram vencidos e incorporados na vivência cotidiana. Conforme observamos, a tecnologia é usada como forma de mediação do conhecimento que acontece de maneira mais autônoma e, ao mesmo tempo, compartilhada. A formação das redes de construção colaborativa do conhecimento são, na verdade, expansões das redes de contato presencial e nas manifestações linguísticas ocorridas em ambiente virtual podemos observar, como em qualquer outra manifestação linguística, a pluralidade do português brasileiro.

Para esta tese, tomaremos por verdade que os dados colhidos nas manifestações linguísticas do Ambiente Virtual de Aprendizagem representam a norma culta urbana vigente no país. Utilizando-nos dos contínuos de Bortini- Ricardo (2005), localizamos nossos dados da seguinte maneira:

No *continuum* da urbanização, todos os dados fazem parte da classificação área urbana. Isso porque selecionamos informantes apenas dos grandes centros.

Continuum da urbanização



Quanto ao *continuum* da monitoração estilística, podemos encontrar variados graus de monitoração: desde os menos, até os mais monitorados. Dos dados recolhidos, podemos propor que os dados dos fóruns virtuais estariam num grau de monitoração menor que as questões discursivas e estas em um grau menor de monitoração estilística que os textos do TCC projeto.

Continuum da monitoração estilística

-----Tutoria----- Dados fóruns -----Dados questões-----TCC projeto ----->
 - monitoração + monitoração

Relativo ao *continuum* da oralidade, também poderíamos propor uma crescente.

Continuum da oralidade/letramento

-----Tutoria----- Dados fóruns -----Dados questões-----TCC projeto ----->
 Eventos de oralidade eventos de letramento

Nos registros de tutoria, encontramos dados de maior recorrência na oralidade¹⁶, como o início de frase com a utilização de próclise e uso de vocativos que indicam maior proximidade com o interlocutor. Já nos textos do TCC projeto, temos uma maior observação de recursos mais monitorados do mundo letrado.

3 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE DOS DADOS

Com a finalidade de observar a produtividade de **onde** no ambiente virtual de aprendizagem – AVA e delimitar a melhor forma de tratamento dos dados, esta pesquisa se dividiu em duas etapas: a primeira etapa, com objetivo explanatório, teve por característica a sondagem de ambientes e de produtividade do objeto de pesquisa; a segunda, com maior rigor acadêmico, teve caráter constitutivo do corpus e de análises e, por essa razão, foi nomeada de “constituição e análise do corpus”.

Durante a etapa explanatória, testamos ambientes de ocorrência de **onde** e buscamos verificar se o fenômeno era passível de observação, categorização e análise. Observamos também qual ambiente seria mais produtivo para coleta de dados e constituição do corpus para a etapa seguinte.

¹⁶ Por exemplos: Profeeeeee, me ajuda a achar o meu erro na questão 3?!?! Juro que não vejo pq a nota não é a total. Brigada! (OF1M)

A segunda etapa teve por objetivo constituir, efetivamente, o corpus de pesquisa a partir das delimitações feitas na etapa anterior. Definimos, então, com maior rigor, grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que possibilitarão melhor observação e a análise de **onde** que, por razões que serão expostas ao longo do capítulo, passou a integrar um grupo contrastivo com outros dois: **aonde** e **na onde**.

3.1 ETAPA EXPLANATÓRIA

A etapa explanatória possuiu o objetivo geral de analisar quantitativamente “**onde**” em suas múltiplas manifestações escritas no Ambiente Virtual de Aprendizagem AVA UNIVIRTUS. Especificamente, buscou-se observar se:

- a) Considerando as prescrições gramaticais normativas, há ocorrências de **onde** padrão e não padrão;
- b) O ambiente de interação virtual é produtivo para coleta de dados de **onde**.

Durante a etapa explanatória, não distinguimos “**onde**” de “**aonde**”. Todas as formas foram computadas e analisadas conjuntamente.

Constituição do corpus

O ambiente virtual de aprendizagem AVA UNIVIRTUS possui variadas formas de interação professor–aluno e aluno–aluno e de exposição argumentativa escrita. Dentre elas, selecionamos quatro possibilidades de manifestação de escrita formal entre acadêmico e professor:

- 1- Diálogos aluno x professor em ambiente de “tutoria”;
- 2- Diálogos aluno x professor em ambiente “fórum”;
- 3- Respostas a questões dissertativas em avaliações formais;
- 4- Texto argumentativo/ dissertativo, integrante da disciplina TCC projeto.

A partir das formas de interação, foram selecionados 12 acadêmicos de cursos de licenciatura diversos, todas da modalidade EaD, com, ao menos, ¼ do curso concluído e com participação efetiva nos 4 mecanismos de interação. Esse direcionamento possibilitou estabelecer uma sondagem do mesmo acadêmico em manifestações diferentes e categorizar, para a próxima etapa do projeto, o

instrumento de interação que se mostrou ou não produtivo quanto à realização de **onde**.

FIGURA 2 - CONSTITUIÇÃO DO CORPUS - ETAPA EXPLANATÓRIA



FONTE: REIS (2017)

As interações realizadas pelos 12 acadêmicos possibilitaram a formação de um banco de 63 ocorrências de **onde**. Observemos, a seguir, a descrição dos ambientes e as interações coletadas em cada um deles.

3.1.1.1 Diálogos aluno x tutor em ambiente de “tutoria

O ambiente de tutoria é uma manifestação livre do acadêmico, sem nenhum comando prévio do professor-tutor. A finalidade do mecanismo de interação é o contato direto aluno–professor. Foram selecionadas 12 tutorias, uma de cada acadêmico. Conforme exemplifica a figura (3):

FIGURA 3 - AMBIENTE VIRTUAL: TUTORIA

Fonte: AVA UNIVIRTUS

O ambiente não se mostrou produtivo para a observação das ocorrências de **onde**. A maioria das interações são breves e aparecem na forma de pergunta. Das 12 interações, houve apenas uma ocorrência do item pesquisado:

Interação I – ambiente tutoria

“Gostaria de saber (1) **onde** estão os simulados das práticas formativas, pra mim não entrou nenhum ou eu que não estou procurando no lugar certo. Obrigado.”

3.1.1.2 Textos de fórum

Os fóruns acontecem um a cada aula. As discussões ocorrem a partir de uma questão norteadora, colocada no ambiente virtual pelo professor-tutor da disciplina. Para esta observação, selecionamos a questão da disciplina de Libras (figura 3), que foi comum aos 12 acadêmicos observados.

FIGURA 4 - AMBIENTE VIRTUAL: INTERAÇÃO VIA FÓRUM

TÓPICOS	RESPOSTAS
<p>Aula 1 - O movimento identidade surda</p> <p>O preconceito contra surdos ainda é bastante comum em nossa sociedade. Na luta para reverter esse quadro, surgiu o movimento Identidade Surda. Você conhece este movimento? Você acredita que o preconceito em relação à pessoas surdas diminuiu nos últimos anos? Compartilhe sua opinião com os colegas!</p>	46

Fonte: AVA UNIVIRTUS

Dos 12 acadêmicos monitorados, encontramos 8 ocorrências de **onde** utilizadas por 7 acadêmicos.

Interação I – ambiente fórum

(...) passei por uma situação com duas pessoas surdas (1) **onde** eu precisava resolver um problema e se não fosse uma terceira pessoa para me ajudar, que sabia libras, eu estaria perdida. (...)

Interação II – ambiente fórum

“(...) Vejo casos na própria família do surdo, (2) **onde** pai e mãe mandam ele para a escola (inclusão social) porque não sabem lidar ou se comunicar.”

Interação III – ambiente fórum

(...) O preconceito no Brasil é de um tamanho desanimador, principalmente em cidade pequena **(3) onde** os surdos tem pouca chance.”

Interação IV – ambiente fórum

“Conheço pouco o movimento. Tive contato com alguns surdos na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Curitiba, **(4) onde** se faz um trabalho relevante.”

Interação V – ambiente fórum

“Uma outra luta que presencio é a falta de tradutores no sistema de educação, pois é um direito já conquistado por essa comunidade que **(5) onde** tiver um aluno surdo este possa ter um professor tradutor para orientá lo, mas pela falta de profissionais habilitados para isso a exclusão ainda permanece nas escolas.”

Interação VI – ambiente fórum

“Eu conheço muito bem o preconceito que ele sofreu, pois ele sempre esteve inserido em um meio social **(6) onde** ele era o único surdo, mais velho ele começou a namorar com uma garota surda e estão juntos até hoje e começaram a frequentar um meio **(7) onde** só tem surdos.”

Interação VII – ambiente fórum

“Ola!Boa noite ,professora e colegas, hoje ainda existe,infelizmente o preconceito, na nossa sociedade,por mais que, temos recursos ,ainda sim, tem preconceito, as pessoas deficientes auditivas, ou seja, surdos: nascidos com essa deficiência, ou seja na gestação,**(8) onde** ocorre fatores hereditários,na hora do parto acontece a falta de oxigenação do cérebro, e ainda temos quando são adquiridas,doenças, como: meningite,caxumba sarampo, e etc...”

3.1.1.3 Respostas a questões dissertativas em provas formais

As questões discursivas fazem parte da constituição avaliativa formal da instituição. Em cada prova presencial, além das questões objetivas, o aluno realiza três questões discursivas. Dentre as questões discursivas, da fase A-I de 2016, foi

selecionada a questão referente à disciplina de Ética e Educação (figura 4), comum a todos os acadêmicos.

FIGURA 5 - AMBIENTE VIRTUAL: QUESTÕES DISSERTATIVAS

Leia a citação a seguir:

"Ética é o conjunto de valores e princípios que usamos para responder a três grandes questões da vida: quero?; devo?; posso?"

CORTELLA. M. **Qual é a tua obra?** 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 71

A citação faz referência a um tradicional teste de ética. Com base no livro da disciplina, como podemos tomar decisões de uma forma ética?

Fonte: AVA UNIVIRTUS

Como as respostas são, em maioria, extensas, selecionei apenas os trechos de ocorrência de **onde**, totalizando 15 ocorrências.¹⁷

Interação I – questão discursiva

"(...) Então seria preciso mudar alguns métodos (1) **onde** o professor pudesse transmitir o conhecimento ideológico, o que seria essencial para o aluno. (...)

Interação II – questão discursiva

"É uma questão fácil e difícil de responder. (2) **Onde** Fácil por que ética se confunde com a própria educação. Difícil por que, como respondi na primeira questão, todos criamos nossas próprias verdade (3) **aonde**, claro, passamos (ou tentamos passar) a frente. (...)

Interação III – questão discursiva

"Na aula três mesmo, vimos um vídeo (4) **onde** Rolando Boldrin declama uma citação de Rui Barbosa. Diz assim: ""De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os

¹⁷ Na etapa explanatória, não fizemos distinção entre **onde**, **aonde**, **na onde**. Todas foram contadas sob o rótulo de **onde**.

poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”

Interação IV – questão discursiva

“ (...) o difícil mesmo é ser honesto sempre nos momentos (5) **na onde** ninguém vê você, (6) **onde** você passa despercebido. “

Interação V – questão discursiva

“por exemplo, arredondar nota (7) **onde** o aluno não se dedica é um caso de falta de ética. Mas cada caso é um caso.”

Interação VI – questão discursiva

“Agir com ética é sempre ouvir todos os lados de uma história. Por exemplo, você está ouvindo os envolvidos em uma discussão (8) **onde** aí tem uma série de situações que precisam ser julgadas.”

Interação VII – questão discursiva

“Existem temas que são difíceis de discutir, de chegar a um consenso comum. Temas polêmicos, (9) **onde** não conseguimos saber o que é ou não é ético.”

Interação VIII – questão discursiva

“ Ética é o conjunto de valores (10) **onde** eu devo refletir se posso eu devo realizar algo”

Interação XI – questão discursiva

(...) Vivemos em um momento (11) **onde** vem muito bem ao encontro dessa citação: Cada indivíduo coloca em seu aspecto moral toda cultura que carrega, seus medos, anseios, desejos e, no Brasil, nesse momentos são os deuses da moralidade e da ética. O mais interessante é o antagonismo moral vivido pelos deuses. De um lado, (12) **onde** há alguém com a certeza absoluta que está ajudando a população a ter dignidade e moralidade e do outro, (13) **onde** há

alguém sendo perseguido por pessoais imorais. O fato é que enquanto indivíduos, (14) **onde** somos grandes criadores de verdades e ética, nos tornando grandes moralistas (...)

Interação X – questão discursiva

“ Ética utilitarista é uma teoria (15) **anonde** a sociedade e estabelecimento da cultura não são puramente naturais mais são soluções dadas pela cultura em que homem vive”(...)

3.1.1.4 Texto argumentativo/ dissertativo - TCC projeto

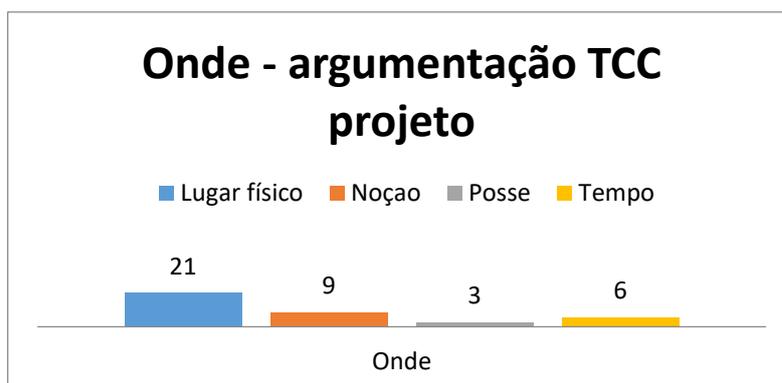
O TCC projeto é a parte inicial do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico das licenciaturas. Durante o desenvolvimento dessa disciplina, o acadêmico deve elaborar um miniprojeto e nele há uma lauda dissertativa apresentando os principais argumentos acerca da relevância do tema escolhido. Foi encontrado um total de 39 ocorrências de **onde** nos textos dos 12 acadêmicos monitorados.

Para melhor observar as ocorrências, separamo-las utilizando as seguintes categorias:

- a) **onde** referente a espaço físico (equivalente a **em que**);
- b) **onde** referente a tempo (equivalente a **quando**);
- c) **onde** como noção(sem referência a espaço físico ou com referência a espaço físico mais ampliado ou abstrato);
- d) **onde** referente a posse (equivalente a **cujo**).

Tais categorizações já foram utilizadas em pesquisadas linguísticas anteriores, tais como as desenvolvidas por Bomfim (1993), Souza (2003) entre outros.

O Gráfico 1 mostra as 39 ocorrências de **onde** deste ambiente, já em suas divisões de categorias: lugar físico, noção, posse e tempo.

GRÁFICO 1 - ETAPA EXPLANATÓRIA: **ONDE** TCC PROJETO

FONTE: REIS (2017)

a) **Onde** referente a espaço físico

Onde espaço físico possui o maior número de ocorrências, totalizando 21 das 39 ocorrências.

Interação I – Texto argumentativo

“A escola Castro Alves ⁽¹⁾**onde** eu vou estar aplicando o projeto de intervenção, fica na periferia.”

“A biblioteca pública ⁽²⁾**onde** eu busquei a coleção de livros antigos (...)”

“(...) na pesquisa de campo eu tive uma experiência enriquecedora. Foram 10 casas ⁽³⁾**aonde** eu fui muito bem recebido. (...)”

“(...) como a biblioteca itinerante se organizou lá na comunidade, ⁽⁴⁾**aonde** tem tanta pobreza e falta de todas as coisas.”

Interação II – Texto argumentativo

“observar se estava em boas ou más condições a biblioteca ⁽⁵⁾**aonde** a observação foi feita (...) se estava em boas ou más condições a escola ⁽⁶⁾**aonde** o projeto foi aplicado (...)”

“como isso se aplica na escola ⁽⁷⁾**onde** trabalham/ estagiam e como isso é direcionado na universidade/ faculdade ⁽⁸⁾**onde** estudam”

Interação III – Texto argumentativo

“Fazer um comparativo do desempenho do aluno no polo ⁽⁹⁾**onde** a internet é boa, ⁽¹⁰⁾**onde** o tutor está presente e no polo ⁽¹¹⁾**aonde** a internet é via rádio e os tutores nem sempre está disponível”.

Interação IV – Texto argumentativo

“observar se a formação acadêmica ajudou na melhoria do índice do município (...) se saiu da cidade ⁽¹²⁾**onde** nasceu para estudar, se permaneceu na cidade ⁽¹³⁾**onde** estudou, se voltou pra cidade ⁽¹⁴⁾**de onde** veio, se permaneceu na cidade ⁽¹⁵⁾**aonde** estudou (...)”

Interação V – Texto argumentativo

“(...) construção da memória pesquisando o que funcionava há 30 anos atrás no prédio ⁽¹⁶⁾**na onde** está funcionando hoje a sua escola? (...) podemos estar ampliando a pesquisa (...) verificando ⁽¹⁷⁾**na onde** funciona a prefeitura ou ⁽¹⁸⁾**onde** a biblioteca ou ⁽¹⁹⁾**onde** ficava o museu (...)”

Interação VI – Texto argumentativo

“observar os grupos físicos e os locais ⁽²⁰⁾**onde** as novas gerações interagem, ⁽²¹⁾**onde** fazem suas comunidades de troca: há diferença ou barreira física (...)”

a) **Onde** referente a tempo

Onde referente a tempo, equivalente a **quando**, possui 6 manifestações. A citar:

Interação I – Texto argumentativo

“ (...) esse interesse todos vem desde a infância ⁽¹⁾**onde** eu era apaixonada por Monteiro Lobato”

Interação II – Texto argumentativo

“E ver como o aluno aprende mesmo em situações adversas, por exemplo, a internet é sempre ruim, salvo em *horário muito tarde* ⁽²⁾**onde** tem muita gente dormindo ou ⁽³⁾**onde** tem pouca gente usando”.

Interação III – Texto argumentativo

“ (...) na virada do século ⁽⁴⁾**onde** aconteceu uma abertura cultural bastante significativa (...)”

Interação VI – Texto argumentativo

“ e o principal objetivo será observar os livros didáticos de 30 anos atrás, ⁽⁵⁾**onde** a geração Z não existia e (...) as adaptações ou mudanças dos anos 2000, 2010, 2015, ⁽⁶⁾**onde** gerações Y e Z aparecem como público(...)”.

b) *Onde* como noção

Onde nocional, referente a espaço físico mais ampliado ou abstrato, totalizou 9 ocorrências.

Interação I – Texto argumentativo

(...) por isso acho relevante pesquisa EaD, porque é mais difícil estudar a distância ⁽¹⁾**onde** você não vê o professor. (...)

Interação II – Texto argumentativo

“ (...) e pesquisar a manifestação da cultura no Rap, no Funk, ⁽²⁾**na onde** o pobre se expressa.” (...) “ a manifestação significativa da cultura de massa, nas letras das músicas ⁽³⁾**onde** a voz do excluído aparece”

Interação III – Texto argumentativo

“ aplicando questionários ⁽⁴⁾**onde** as perguntas terão respostas “sim” e “não” (...)”

Interação IV – Texto argumentativo

“ é importante a análise detalhada das respostas dos professores, ⁽⁵⁾**onde** vamos estar observando o que pensam do brincar na educação infantil”

Interação V – Texto argumentativo

“o currículo antigo, ⁽⁶⁾**onde** a gente tinha na grade OSPB e educação moral e cívica (...) ⁽⁷⁾**onde** o respeito era trabalhado ”

Interação VI – Texto argumentativo

“ no desenvolvimento, ⁽⁸⁾**aonde** pretendo expandir todos os objetivos, ⁽⁹⁾**aonde** serão apresentados, fundamentando teoricamente”

c) Posse – **onde** por cujo

Onde no sentido de posse foi o que apresentou menor número de ocorrências, totalizando apenas três:

Interação I – Texto argumentativo

“Preservar a cultura é sempre importante (...) Principalmente dos índios ⁽¹⁾**onde** a cultura foi roubada”.

Interação II – Texto argumentativo

“(...) fazer um levantamento do acervo da biblioteca popular itinerante ⁽²⁾**aonde** o maior objetivo é preservar a cultura local”. (...) “ as crianças ⁽³⁾**onde** a cultura e o gosto pela leitura foram instigados desde cedo (...)”

Ao final da primeira etapa, destacamos que o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é favorável para a coleta de ocorrências tanto de **onde**. Sendo o “*TCC projeto*” o local mais produtivo. A partir disto, traçamos novos critérios com a finalidade de propiciar uma observação mais detalhada do objeto de análise para a segunda fase da pesquisa:

- a) Separaremos o objeto de pesquisa nos itens **onde** e **aonde**, que serão observados e categorizados separadamente;
- b) O aparecimento da expressão **na onde** levanta a necessidade de observar o uso das preposições que antecedem **onde**;
- c) Identificaremos os fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes e/ou condicionantes na utilização de **onde** x **aonde**.

3.2 ETAPA CONSTITUTIVA DO CORPUS

A segunda etapa, chamada de Etapa Constitutiva do Corpus, foi realizada com maior rigor acadêmico, com delimitação de critérios extralinguísticos e linguísticos para a separação e posterior análise dos dados.

O corpus de pesquisa efetivo desta segunda etapa foi construído a partir de dados retirados de 40 textos produzidos unicamente em “**Argumentos do TCC projeto**”. Tal delimitação tomou por base as indicações de produtividade obtidas na etapa explanatória e o fato de tais textos serem os que apresentam registros mais monitorados.

A seleção dos informantes desta pesquisa considerou como fatores extralinguísticos: sexo, faixa-etária e curso.

TABELA 5 - CODIFICAÇÃO - FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

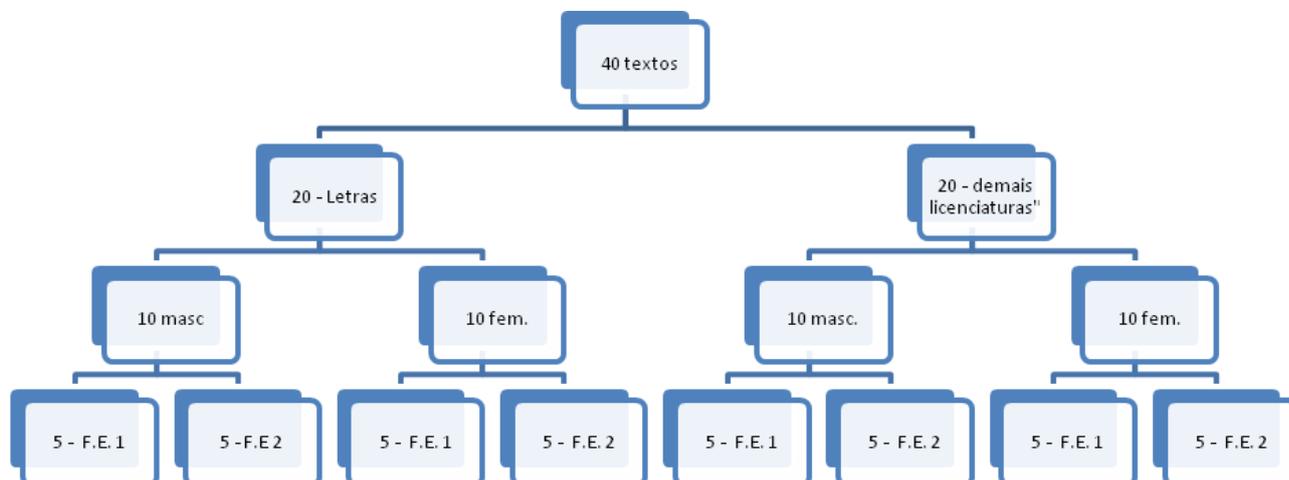
Variável	Classificações	Símbolo
Sexo	Masculino	M
	Feminino	F
Faixa-etária	De 20 a 35 anos	F1
	Mais de 50 anos	F2
Curso	Letras	L
	Outras licenciaturas ¹⁸	O

FONTE: REIS (2017)

¹⁸ Sob o título de “outras licenciaturas”, estão os dados dos informantes de Pedagogia, Geografia, História, Filosofia e Sociologia.

A figura 6 indica um panorama geral da constituição do corpus desta etapa:

FIGURA 6- CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: ETAPA EXPLANATÓRIA



FONTE: REIS (2017)

Para traçar o panorama de utilização de **onde** em contraposição com **aonde**, direcionamos o pensamento sobre dois questionamentos:

- **Onde** e **aonde** são usados nos mesmos contextos ou se encontram em distribuição complementar?
- Que fatores são determinantes para a seleção de uso de **onde** x **aonde**?

Para possibilitar a observação e análise dos fatores extralinguísticos, todos os dados foram transcritos fielmente – incluindo inadequações de registro formal; para manter o sigilo dos informantes, todos foram etiquetados usando os símbolos, já informados anteriormente, seguindo a ordem: curso, sexo, faixa-etária.

Com os informantes selecionados, todos os dados de **onde** e **aonde** foram categorizados, considerando as seguintes classificações de referência do item, já apresentadas nos estudos de Kersch (1996):

- referência a espaço físico;
- referência a tempo;
- referência a espaço físico mais ampliado ou mais abstrato ou com valor nocional;
- referência a posse;

- outros casos não categorizados.

Observou-se que, para que pudéssemos realizar uma análise contrastiva, seria necessário separar os dados em bases paralelas: uma para **onde**, outra para **aonde**. Fizemos a separação obedecendo às mesmas classificações de referência.

Sequencialmente, buscamos observar qual o tipo de frase encontrado nos dados:

- Afirmativa;
- Interrogativa.

O próximo passo foi analisar a presença x ausência de preposições antecedendo o item. Consideramos as seguintes categorias:

- Sem preposição;
- Com preposição de;
- Com preposição em;
- Com preposição para.

O comportamento diferenciado de **onde** precedido de preposição “em” nos levou a uma nova separação da base de dados: passamos, então, trabalhar com três constituições paralelas: uma para **onde**, outra para **aonde** e uma terceira para **na onde (em+a+onde)**, sempre obedecendo à classificação proposta por Kersch (1996).

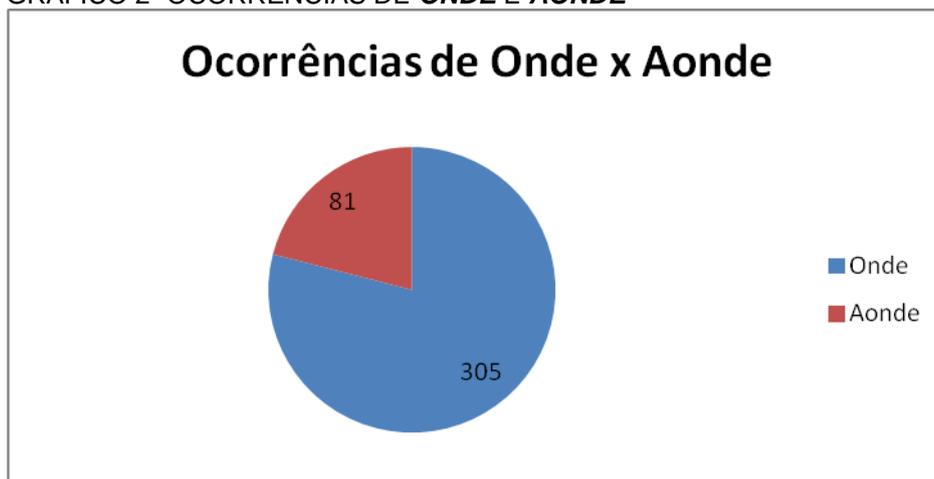
E, por fim, buscamos classificar a função dos itens analisados. Para tanto, optamos em separá-los nos seguintes grupos:

- Advérbio;
- Pronome relativo;
- Conectivo;
- Outros

Detalhamento dos dados

A segunda etapa desta pesquisa nos indicou um total de 386 ocorrências de “**onde**” e “**aonde**”, sendo aproximadamente 68% de **onde** e 32% de **aonde**, conforme demonstração gráfica de números absolutos:

GRÁFICO 2- OCORRÊNCIAS DE **ONDE** E **AONDE**



FONTE: REIS (2017)

A partir do corpus constituído, passamos a realização da triagem dos dados de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos previamente selecionados.

Onde e aonde: fatores linguísticos

Os fatores linguísticos selecionados para observar a utilização de **onde** e **aonde** no interior da sentença foram os seguintes: tipos de frase e utilização ou não de preposição.

a) Tipo de frase

O contexto de ocorrência dos itens pesquisados analisado não favorecia a realização de perguntas, uma vez que se tratava de textos dissertativos com o intuito de fundamentar a escolha temática a ser desenvolvida no trabalho de conclusão de curso. Assim, observamos que apenas 4% de **onde** e 7 % de **aonde** foram usados em frases interrogativas, sejam diretas ou indiretas.

b) Preposições

Buscamos analisar de maneira mais detalhada as ocorrências de “**onde**”, observando a existência ou não de preposições. Categorizamos, então, as 305 ocorrências em 4 grupos, conforme os exemplos nos indicam:

O **grupo 1** se refere às ocorrências sem preposição, como em (26):

(26) Os laboratórios de informática **onde** os alunos fazem as pesquisas são bem equipados. (LMF1)

O **grupo 2**, às ocorrências de preposição **em**, com ou sem vogal, formando a composição na (em+a) ou no (em+o):

(27) Faremos um levantamento histórico **na onde** os museus de enquadram. (HHF1)

O **grupo 3**, se refere à preposição **de**, com ou sem vogal:

(28) E me pergunto de **onde** pode sair tanta criatividade. (PMF2)

O **grupo 4** faz referência a utilização de **onde** junto à preposição **para**:

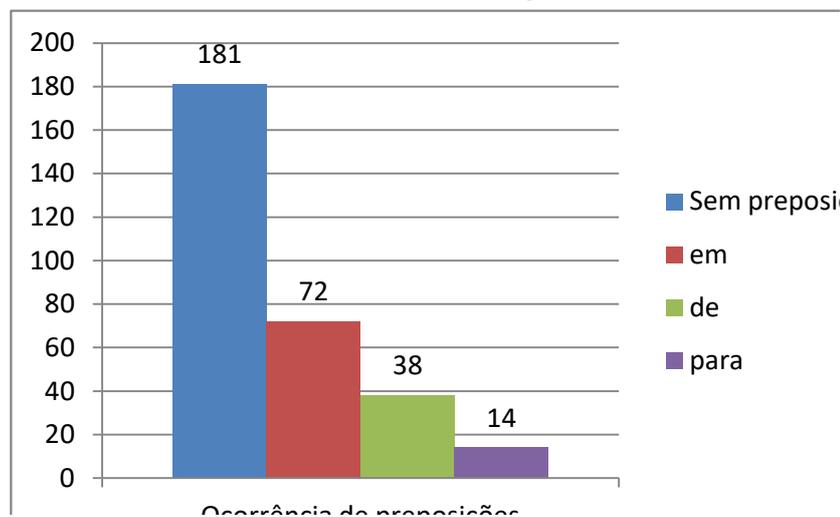
(29) (...) ver para **onde** desejam ir em seu futuro. (FMF1)

Deixamos de lado, momentaneamente, as ocorrências de **aonde** por partirmos da premissa de que essa forma constitui-se a partir da combinação de [a] preposição + [**onde**], o que dá a **onde** a ideia de movimento.

Os dados nos indicaram duas questões relevantes, conforme demonstra o gráfico (3):

- a) O maior número de sentenças é realizado sem a utilização de preposição;
- b) **Onde** precedido por preposição “em” apresenta um número expressivo de ocorrências, todas na forma de **na onde**.

GRÁFICO 3 - OCORRÊNCIA DE PREPOSIÇÃO



FONTE: REIS (2017)

A partir das preposições usadas, verificamos se elas foram ou não requeridas pela regência da sentença. Nesse aspecto de análise, tivemos os seguintes números:

- a) Das 38 ocorrências de **de+onde**, todas estabelecem uma relação de proveniência e são usadas de acordo com a prescrição da regência verbal. Destaca-se que, do total de ocorrências, 4 foram da forma **donde**, 12 de **da+onde** e 22 de **de+onde**. E os verbos utilizados foram: sair; ir e vir.
- b) Das 14 ocorrências de **para+onde**, todas foram requeridas pelo verbo **ir**.
- c) As ocorrências de **em+aonde**, todas na forma de **na onde (em+a+onde)**, apresentam um contexto diferenciado de utilização em comparação às demais preposições: há uma divisão entre sentenças cuja preposição **em** foi requerida, como em (30) e (33), e sentenças cujo uso não foi requerido, como em (31) e (32).

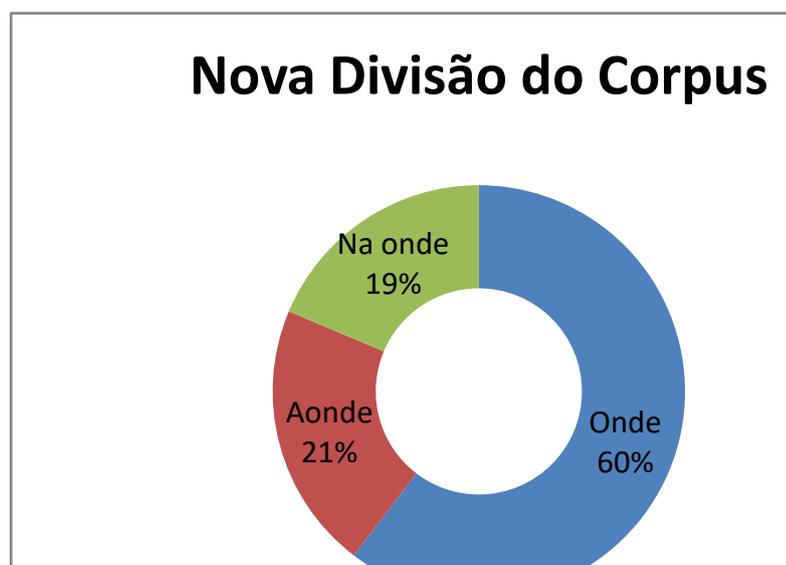
Vejamos alguns exemplos:

- (30) (...) nosso foco é a transformação **na onde** queremos chegar.
- (31) (...) fica rápido porque eles trabalham **na onde** moram.
- (32) (...) deixar vivo o pensamento **na onde** podem recordar os objetivos.
- (33) (...) ficamos **na onde** todos se hospedam.

Destacamos os verbos e nomes com maior utilização: morar, trabalhar, estudar, ficar, transformação, pensamento.

A partir da constatação de relevância das sentenças com a preposição “em”, optamos pela redivisão do corpus em **onde**, **aonde**, **na onde (em+a+onde)**.

GRÁFICO 4 - NOVA DIVISÃO DO CORPUS



FONTE: REIS (2017)

Em números absolutos, dentro dos 40 textos TCC projeto, temos 233 ocorrências de **onde** (sem preposição ou com a utilização das preposições **de** e **para**), 81 ocorrências de **aonde** e 72 ocorrências de **na onde**, totalizando as 386 ocorrências.

É essa divisão de dados que passará a ser adotada nas próximas análises.

4 ANÁLISE DOS DADOS, DISCUSSÃO TEÓRICA E PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

Com o objetivo de observar em que contexto **onde**, **aonde** e **na onde** são mais utilizados, analisamos os dados a partir da proposta de usos conviventes, considerando tanto para “**onde**”, “**aonde**” e **na onde** 5 categorias:¹⁹

¹⁹ Cf já mencionado, as categorias utilizadas foram baseadas em estudos anteriores como Kerch (1996), e Souza (2003) e adaptadas para o corpus atual

- a) **onde/aonde/na onde** espaço físico – sem referente anterior (equivalente a em que);
- b) **onde/aonde/na onde** espaço físico – com referente anterior (equivalente a em que);
- c) **onde/aonde/ na onde** referente a tempo (equivalente a quando);
- d) **onde/aonde/ na onde** como noção (sem referência a espaço físico ou com referência a espaço físico mais ampliado ou abstrato);
- e) **onde/aonde/ na onde** referente a posse (equivalente a cujo);
- f) outros casos de **onde/aonde/ na onde** (diferentes dos categorizados).

Analisaremos separadamente **onde**, **aonde** e **na onde** a partir de exemplos retirados do corpus e apresentaremos para “**onde**” um contrastivo com a pesquisa de Souza (2003). Para “**aonde**” e **na onde**, faremos uma apresentação inédita sem contrastivo a outras pesquisas, visto não termos encontramos referencial anterior.

Ao lado de cada exemplo, para seguir fielmente o feito de Souza (2003), apresentaremos a transcrição de eventuais substituições de **onde/aonde/na onde**.

Ao final da análise, apresentaremos um quadro resumido das ocorrências e seus referenciais numéricos com o objetivo de observar se **onde**, **aonde** e **na onde** seguem uma proposta de uso convivente em todos os contextos ou se encontram-se em distribuição complementar na língua.

4.1 COMO REFERENTE A ESPAÇO FÍSICO

De acordo com Souza (2003), **onde** em uso referente a espaço físico, pode facilmente ser substituível por “em que”. No corpus de pesquisa encontramos um total de 151 ocorrências, sendo 68 de **onde** espaço físico, 47 ocorrências de **aonde**, sendo 4 sem referência anterior e 36 de **na onde**, sendo 3 sem referência anterior.

Vejamos exemplos desses dados com suas respectivas substituições.

(34) (...) a sala é na escola **aonde** todo o grupo foi ontem. (PHF2) / *A sala é na escola [no lugar] em que todo o grupo foi ontem (...)*

(35) (...) a estrada de terra **onde** a escola fica é de difícil acesso. (SMF1) / *a estrada de terra em que a escola fica é de difícil acesso.*

(36) (...) analisarei o bairro **onde** faziam todas as atividades (LMF1) / *analisarei o bairro em que faziam todas as atividades.*

Em (34), (35), e (36) **onde** retoma um SN espaço físico concreto, respectivamente $_{SN}$ [escola], $_{SN}$ [estrada de terra] $_{SN}$ [bairro] e, assim como os dados apresentados por Souza (2003), a substituição por **em que** se mostrou viável.

As sentenças com **aonde** e **na onde** parecem se comportar de maneira semelhante. Observemos os exemplos do corpus e a tentativa de substituição:

(37) (...) as maquetes **aonde** o aluno materializará a teoria (GMF1) / *as maquetes em que o aluno materializará a teoria.*

(38) (...) construção da memória pesquisando o que funcionada há 30 anos atrás no prédio **na onde** está funcionando hoje a escola. (HFF1) / *construção da memória pesquisando o que funcionada há 30 anos atrás no prédio em que está funcionando hoje a escola.*

(39) (...) organização e pasta **na onde** se guarda a vida escolar do aluno (PFF2) / *organização e pasta em que se guarda a vida escolar do aluno*

Em (37), (38), e (39) **aonde** e **na onde** também retomam um SN espaço físico concreto, respectivamente $_{SN}$ [maquetes], $_{SN}$ [prédio] $_{SN}$ [pasta] e a substituição por EM QUE se mostrou factível sem alteração de significação.

4.2 COMO REFERENTE A TEMPO

Assim como a testagem realizada por Souza (2003) ao tratar dos dados da fala de Salvador, apresentaremos **onde** referente a tempo em perfeita substituição por **quando**.

O **onde** com valor temporal assume a função de anáfora e se refere a uma expressão temporal ou a elementos que são colocados na linha do tempo da narrativa.

Vejamos a aplicação nas sentenças (36) e (37) e suas respectivas representações de substituição:

- (40) (...) foi na virada do século **onde** aconteceu uma abertura cultural bastante significativa (MMF2) / (...) foi na *virada do século* **quando** aconteceu uma abertura cultural bastante significativa.
- (41) (...) nos anos 80 **onde** criança era criança (PFF2) / (...) nos *anos 80* **quando** criança era criança.

Em (40) **onde** retoma a expressão [virada do século], localizando-o um espaço de tempo numa linha de narrativa temporal e em (41) retoma a expressão temporal [anos 80], também fazendo um recorte de tempo em um espaço amplo e maior. **Aonde** e **na onde** parecem apresentar um comportamento semelhante a **onde**. Vejamos as sentenças de (42) a (43):

- (42) “ (...) o difícil mesmo é ser honesto sempre nos momentos **na onde** ninguém vê você, **onde** você passa despercebido.” (SMF2) / (...) o difícil mesmo é ser honesto sempre nos momentos **quando** ninguém vê você, **onde** você passa despercebido
- (43) (...) a pergunta irá fazer com que o pesquisado volte no tempo de criança **aonde** tinha muitos sonhos (PFF2)/ (...) a pergunta irá fazer com que o pesquisado volte no tempo de criança **quando** tinha muitos sonhos
- (44) (...) no momento do chamado bug do milênio, **aonde** muitas informações foram perdidas (HMF2) / (...) no momento do chamado bug do milênio, **quando** muitas informações foram perdidas.
- (45) (...)“ tenho muita saudade dos amigos e das brincadeiras de criança **na onde** todos brincávamos na rua sem medo e ate escurecer. Hoje meus filhos brincam é na sala de casa!” (SMF2) / (...) *tenho muita saudade dos amigos e das*

*brincadeiras de criança **quando** todos brincávamos na rua sem medo e ate escurecer. Hoje meus filhos brincam é na sala de casa!”*

Em (42), (43) e (44) **aonde** e **na onde** possuem um referencial explícito e retomam o período de tempo por ele designado. Já em (45) o referencial está implícito na sentença, e é esse referencial implícito que é retomado por **na onde**.

No corpus analisado, encontramos 75 ocorrências de **onde**, 10 de **aonde** e 13 de **na onde**, todas testadas de forma positiva na substituição por **quando** e na manutenção do sentido da sentença.

4.3 COMO REFERENTE A ESPAÇO FÍSICO AMPLIADO OU NOÇÃO

Souza (2003) afirma que o **onde** com valor de noção diz respeito ao conceito de **onde** espacial num domínio mais abstrato, ou seja, é usado para fazer a localização de situação, sentimentos, situações ou um espaço físico ampliado.

Assim como o **onde** espaço físico, o de valor nocional ou com espaço físico ampliado também poderá ser facilmente substituível por “em que”.

As ocorrências de **onde** com valor nocional ou com referência a espaço físico abstrato somam 64. Vejamos as sentenças (46), (47) e (48)

(46) (...) Na fundamentação teórica, **onde** vou estar tratando das principais formas do brincar na educação infantil (PFF1) / (...) *Na fundamentação teórica, em que vou estar tratando das principais formas do brincar na educação infantil .*

Em (46), **onde** retomar o _{SN}[fundamentação teórica], que é um espaço físico não concreto, um espaço ampliado em que se poderá tratar das principais formas do brincar.

(47) (...) existir um plano de carreira **onde** o professor possa se mirar (PFF2) / (...) *existir um plano de carreira em que o professor possa se mirar.*

Em (47), **onde** retoma o espaço físico ampliado _{SN}[plano de carreira] em que o professor pode de mirar.

(48) A manifestação significativa da cultura de massa, nas letras das músicas **onde** a voz do excluído aparece (SMF2)/ *A manifestação significativa da cultura de massa, nas letras das músicas **em que** a voz do excluído aparece*

O _{SN}[letras das músicas] é retomado por **onde** na sentença (44) como um local abstrato em que [a voz do excluído aparece].

Observamos, a seguir, o comportamento de **aonde** e **na onde**, que somam, respectivamente, 18 e 20 ocorrências.

(49) (...) no desenvolvimento do tema **aonde** ficarão mais claros os objetivos (...) (LMF2) / (...) no desenvolvimento do tema **em que** ficarão mais claros os objetivos (...)

(50) (...) na esperança **na onde** o povo se apegava para reconstruir. (LFF2) / (...) *na esperança **em que** o povo se apegava para reconstruir.*

(51) (...) e pesquisar a manifestação da cultura no Rap, no Funk, **na onde** o pobre se expressa” (SMF2) / *e pesquisar a manifestação da cultura no Rap, no Funk, em que o pobre se expressa.*

4.4 REFERENTE A POSSE

O **onde** com valor de posse é facilmente substituível por **cujo**. Nessa troca, muitas vezes, fica mais visível a ideia de posse expressa na sentença.

No corpus analisado, 18 ocorrências de **onde** com valor de posse foram encontradas.

(52) (...) comunidade escolar **onde** a direção foi presente, parece ser bem mais preparada. (FMF1) / (...) *comunidade escolar **cuja** direção foi presente, parece ser bem mais preparada.*

(53) (...) Jogos como o Pokemon Go **onde** o uso será para explorar territórios geográficos (GMF1)/ (...) *Jogos como o Pokemon Go **cujo** uso será para explorar territórios geográficos*

(54) Um projeto maior **onde** a restauração da quadra se enquadraria nele. (HMF1)/ *Um projeto maior **cuja** restauração da quadra se enquadraria.*

A ideia de posse também é expressa por meio da utilização de **aonde** e **na onde**. No corpus, encontramos um total de 4 ocorrências de **aonde** e 2 de **na onde**.

- (55) O uso de jogo **na onde** o objetivo é de fixação de conhecimento. (MMF1)/ *O uso de jogo **cujo** objetivo é de fixação de conhecimento.*
- (56) Pensar a escola **aonde** o fim último é o aluno. (PMF2) / Pensar a escola **cujo** fim último é o aluno.
- (57) Apresentar o novo projeto escolar **onde** o foco é o aluno e não o conteúdo. (PFF1)/ *Apresentar o novo projeto escolar **cujo** foco é o aluno e não o conteúdo*

4.5 NÃO CATEGORIZADOS

Além dos casos apresentados, encontramos 12 ocorrências que não se encaixam nas categorias propostas e, por essa razão, receberam, a priori, o título de *não categorizados*. São 8 ocorrências de **onde**, 3 de **aonde** e 1 de **na onde**.

Como exemplo dessas sentenças, temos as orações de (58) a (63), que, como veremos, não se encaixam nem em referencial de espaço (seja físico ou ampliado), nem temporal, tampouco de posse, produzindo, algumas vezes, sentenças agramaticais na tentativa de substituição²⁰ pelos referentes mencionados por Souza (2003).

- (58) Os textos escritos são ótimas fontes de consulta, **onde** devem ser levados em consideração.

Os textos escritos são ótimas fontes de consulta, **em que devem ser levados em consideração.*

Os textos escritos são ótimas fontes de consulta, **quando devem ser levados em consideração.*

Os textos escritos são ótimas fontes de consulta, **cujo devem ser levados em consideração.*

- (59) Elas nos dão ânimo e felicidade, **na onde** temos perspectiva pra melhorar e levantar todos os dias.

Elas nos dão ânimo e felicidade, **em que temos perspectiva pra melhorar e levantar todos os dias.*

²⁰ Para espaço físico, usamos a substituição **em que**; para tempo, **quando** e para posse, **cujo**.

*Elas nos dão ânimo e felicidade, **quando** temos perspectiva pra melhorar e levantar todos os dias.

*Elas nos dão ânimo e felicidade, **cujo** temos perspectiva pra melhorar e levantar todos os dias.

(60) Todos os pais se mostraram esforçados, **aonde** ser universitário é uma alegria.

*Todos os pais se mostraram esforçados, **em que** ser universitário é uma alegria.

*Todos os pais se mostraram esforçados, **quando** ser universitário é uma alegria.

* Todos os pais se mostraram esforçados, **cujo** ser universitário é uma alegria.

(61) Eu penso em sair da minha cidade, **onde** penso que ser professor é um bom investimento de um futuro melhor, **onde** dar mais conforto pra minha família.

*Eu penso em sair da minha cidade, **em que** penso que ser professor é um bom investimento de um futuro melhor, **em que** dar mais conforto pra minha família.

*Eu penso em sair da minha cidade, **quando** penso que ser professor é um bom investimento de um futuro melhor, **quando** dar mais conforto pra minha família.

*Eu penso em sair da minha cidade, **cujo** penso que ser professor é um bom investimento de um futuro melhor, **cujo** dar mais conforto pra minha família.

(62) (...)O aluno relatou que só tinha a agradecer a professora **onde** eu não conhecia quase nada e agora já sei escrever meu nome.

* O aluno relatou que só tinha a *agradecer a professora* **em que** eu não conhecia quase nada e agora já sei escrever meu nome.

* O aluno relatou que só tinha a *professora*, **quando** eu não conhecia quase nada e agora já sei escrever meu nome.

* O aluno relatou que só tinha a *professora* **cuja** eu não conhecia quase nada e agora já sei escrever meu nome.

(63) A pesquisa foi bem feita, **onde** eu acredito que será um sucesso.

*A pesquisa foi bem feita, **em que** eu acredito que será um sucesso.

*A pesquisa foi bem feita, **quando** eu acredito que será um sucesso.

*A pesquisa foi bem feita, **cujo** eu acredito que será um sucesso.

Os dados não categorizados serão retomados posteriormente, quando analisaremos a função desempenhada pelos itens. Em números absolutos, o corpus está categorizado da seguinte maneira:

TABELA 6- CONTITUIÇÃO DO CORPUS - NÚMEROS ABSOLUTOS

	ESPAÇO FÍSICO	NOÇÃO	TEMPO	POSSE	SEM CATEGORIA	TOTAL
<i>onde</i>	68	64	75	18	8	233
<i>aonde</i>	47	18	10	4	3	81
<i>na onde</i>	36	20	13	2	1	72
	151	102	98	24	12	386

FONTE: REIS (2017)

De posse do número total de ocorrências, analisamos o percentual de sentenças construídas em observância aos preceitos da gramática normativa.

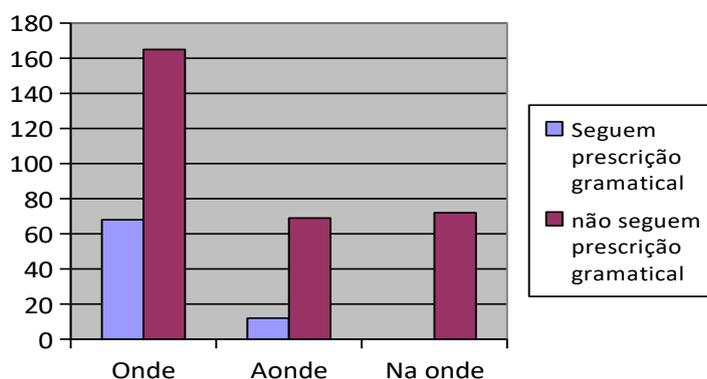
Nos casos de ***onde***, a norma padrão nos indica que este somente deve ser usado fazendo referência a um local físico em que se está ou se passa algum fato. Seguindo esse parâmetro, 68, do total de 233 ocorrências, são adequadas.

No que diz respeito a ***aonde***, que, segundo a regra, deve transmitir a ideia de ***a que lugar*** ou ***para que lugar***, usados sempre com verbos de movimento, como ir, vir, voltar, regressar, retornar, sair, subir, levar etc., 12 ocorrências, de um total de 81, se enquadram ao padrão gramatical.

A expressão ***na onde*** não é descrita pela gramática, motivo pelo qual nenhuma das ocorrências se enquadra no que rege a gramática normativa.

Conforme nos indica o gráfico, o maior número de ocorrências não obedece aos critérios normativos de utilização.

GRÁFICO 5- OCORRÊNCIAS DOS ITENS X NORMA PADRÃO



FONTE: REIS (2017)

4.6 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

A partir da análise realizada e dos dados detalhados no quadro resumo, verificamos se os fatores extralinguísticos **curso**, **idade**, **sexo** possuem alguma relevância quanto à utilização maior ou menos de determinado item e quanto ao fato de realizá-los obedecendo às normas gramaticais.

Para conseguir essa verificação, aplicaremos uma análise de contraste entre cada fator extralinguístico X número de ocorrências de: **onde** como retomante a espaço físico concreto (68 ocorrências); **aonde** com verbos de movimento, transmitindo a ideia de a que lugar (12 ocorrências), e **na onde**, no total de suas ocorrências (72).

a) Curso

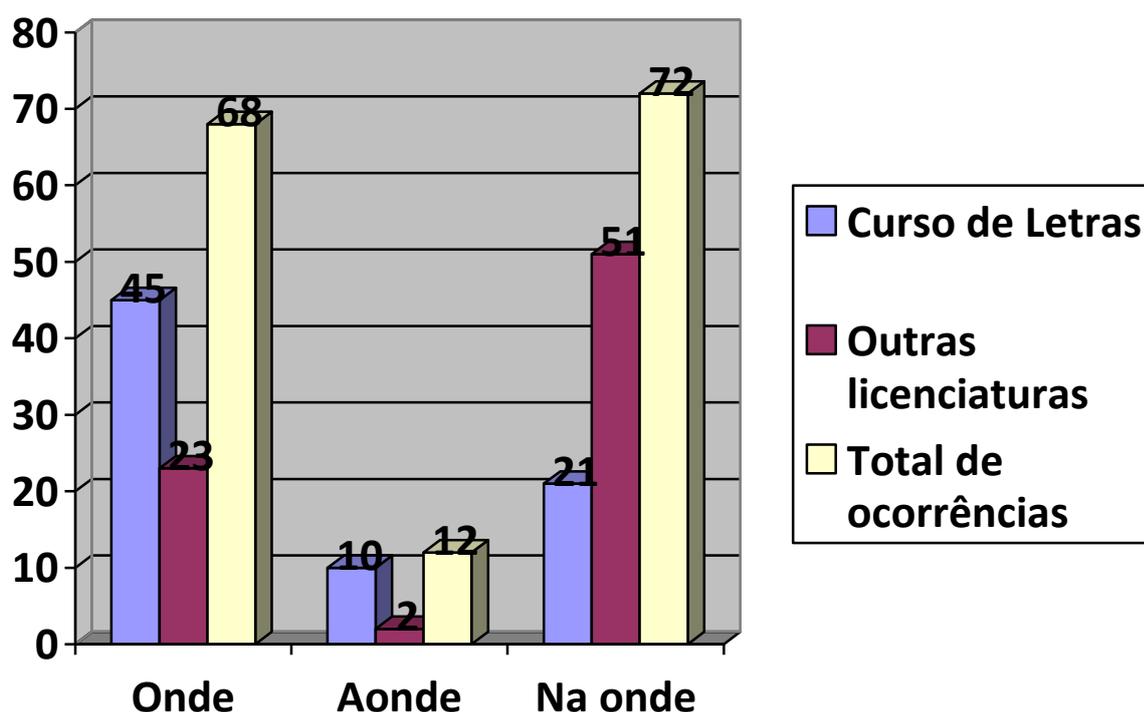
Com a finalidade de responder ao questionamento se o curso de Letras apresentaria um comportamento distinto dos demais cursos quanto ao uso de **onde**, **aonde** e **na onde**, investigamos se o fator extralinguístico “curso” se mostra relevante na manutenção de uso canônico de **onde**. O que verificamos foi que, de fato, das 68 ocorrências, 45 foram realizadas por acadêmicos de Letras, enquanto as demais licenciaturas foram responsáveis por 23 ocorrências.

O mesmo ocorre com o item **aonde**. Das 12 ocorrências que seguem às normas gramaticais e, 10 foram realizadas por estudantes do curso de Letras.

No que diz respeito ao uso de **na onde**, também percebemos que o curso de Letras se mantém mais próximo às tradições gramaticais: como nenhuma das utilizações do item obedecem às normas, vemos que o curso de Letras possui o diferencial de apresentar um menor uso do item, se comparado aos demais cursos.

Vejamos a comparação numérica desta análise no gráfico a seguir:

GRÁFICO 6 - OCORRÊNCIAS X CURSOS



FONTE: REIS (2017)

A hipótese inicial, portanto, foi confirmada: em Letras temos uma maior manutenção do uso canônico de **onde**.

b) Idade

Aplicamos nessa variável a mesma divisão de corpus utilizada na variável curso, ou seja, trabalhamos com: 68 ocorrências de **onde**, retomando espaço físico concreto; 12 ocorrências de **aonde** com verbos de movimento e 72 ocorrências de **na onde**.

A faixa-etária 2 se mostrou um pouco mais conservadora quanto às indicações da norma padrão, apresentando maior uso de **onde** e **aonde** e menos uso de **na onde**:

TABELA 7- FAIXA-ETÁRIA X USOS DE **ONDE, AONDE, NA ONDE**

	Onde	Aonde	Na onde
Faixa-etária 1	25	5	58
Faixa-etária 2	43	7	14

FONTE: REIS (2017)

Os dados podem ser um pequeno indício de que os mais jovens estejam à frente da implementação do uso de uma variante não canônica. Entretanto, para qualquer afirmação mais precisa, necessitaríamos de uma maior amplitude de análise.

c) Sexo

A variável **sexo** nos indicou que homens e mulheres utilizam-se das três formas, entretanto o sexo feminino tem maior tendência em obedecer à gramática normativa:

TABELA 8 - SEXO X USOS DE **ONDE, AONDE, NA ONDE**

	Onde	Aonde	Na onde
Masculino	37	6	49
Feminino	41	6	23

FONTE: REIS (2017)

Os números absolutos e os percentuais de ocorrência são indicativos de que homens jovens estariam à frente da implementação de algum tipo de mudança linguística, fazendo maior uso das variantes não-padrão. Para confirmações, tais dados poderão ser usados em futuras análises com pesos relativos em pesquisas de cunho variacionista.

5 FUNÇÃO DOS ITENS **ONDE, AONDE, NA ONDE**

Analisando as 386 ocorrências de **onde/ aonde/ na onde**, observamos que os dados podem ser divididos em três grandes grupos, quanto à função que

desempenham: advérbios, pronomes relativos, outras categorias que parecem funcionar como conectivos. Vejamos na tabela 4 um resumo explicativo do descritivo de tais valores aplicados aos itens.

TABELA 9 - COMPARATIVO DE FUNÇÕES

Sentença	Descritivo semântico	Função
Ela estuda aonde você foi ontem.	Onde é indicativo de espaço físico, sem referente a termo anterior.	Advérbio
Fomos à biblioteca verificar e o livro estava onde o aluno tinha deixado.	Onde é referente a espaço físico, retomando um termo anterior.	Pronome relativo
Existir um <u>plano de carreira</u> onde o professor possa se mirar (PFF2)	Onde é indicativo de espaço abstrato, espaço nocional. Substituível por em que, no qual.	
(...)“ tenho muita saudade dos amigos e das brincadeiras de criança na onde todos brincávamos na rua sem medo e ate escurecer. Hoje meus filhos brincam é na sala de casa!” (SMF2)	Onde retomando tempo. Substituível por quando.	
Pensar a escola aonde o fim último é o aluno. (PMF2)	Onde realizando relação de posse. Substituível por cujo.	
Em Licenciatura em Letras existem áreas variadas, onde não se consegue ser hábil em todas.	Onde estabelecendo conexões entre ideias.	Conectivo

FONTE: REIS (2017)

Dentro do corpus analisado, as ocorrências dos itens com valores de advérbio foram apenas em sentenças de referência a espaço físico. Das 151 ocorrências de **onde/ aonde/ na onde** espaço físico, encontramos:

TABELA 10 - OCORRÊNCIA **ONDE, AONDE, NA ONDE** EM FUNÇÃO DE ADVÉRBIO

Advérbios			
Onde	aonde	Na onde	Total de ocorrências
0 (0%)	4 (58%)	3 (42%)	7

FONTE: REIS (2017)

Vejamos os exemplos:

- (64) Ela estuda **aonde** você foi ontem.
- (65) (e uma das perguntas foi) **aonde** você pretende terminar a faculdade?
- (66) Os alunos se esconderam **aonde** dava.
- (67) O tempo todo perguntavam **na onde** seria a próxima visita.
- (68) O computador foi colocado **na onde** todos podiam acessar.
- (69) (...) e ser homenageado **aonde** comecei a carreira.
- (70) O celular e toda tecnologia e todo esforço do professor terão que ser colocados **na onde** todos possam ver e valorizar.

As referências são ainda mais claras quando substituímos o advérbio por expressões equivalentes. Como todas as ocorrências apresentam um advérbio de lugar, optaremos pela expressão equivalente “lugar em que”.

- (64a) Ela estuda **no lugar em que** você foi ontem.
- (65a) (e uma das perguntas foi) **em que lugar** você pretende terminar a faculdade?
- (66a) Os alunos se esconderam **no lugar que** dava.
- (67a) O tempo todo perguntavam **em que lugar** seria a próxima visita.
- (66a) O computador foi colocado **no lugar em que** todos podiam acessar.
- (69a) (...) e ser homenageado **no lugar em que** comecei a carreira..
- (70a) O celular e toda tecnologia e todo esforço do professor terão que ser colocados **no lugar em que** todos possam ver e valorizar.

Até aqui, nos parece viável a tese norte desta pesquisa de que **onde** parece ocupar na língua lugares mais abstratos, perdendo espaço nas referências mais concretas para as formas mais inovadoras – **aonde/ na onde**.

Em nossa linha de pensamento, itens usados em função de advérbio apontariam para a referência mais concreta e itens em função de conectivos, a mais abstrata. Os itens em função de pronome relativo seriam distribuídos escalonados, obedecendo à seguinte ordem:

Advérbio > Pronome Relativo com referência a espaço físico > Pronome relativo referente a espaço abstrato ou com valor nocional > Pronome relativo referente a tempo ou posse > conectivo

Para que seja possível registrar os graus dentro da trajetória de abstração progressiva, recorreremos à criação de marcações de medição que começam em [++++concreto] e terminam em [- - - concreto]. Assim, teremos:

Advérbio [++++ concreto] > Relativo com referência a espaço físico [+++ concreto] > referente a espaço abstrato ou com valor nocional > [++ - - concreto] > Pronome relativo referente a tempo ou posse [+ - - concreto > Conectivo [- - - concreto]

Dentro desse pensamento e dessa linha de abstração, retomamos a hipótese de trabalho que diz que **onde** passou a ocupar um lugar cada vez mais à direita na escala enquanto **aonde** e **na onde** estariam ocupando os locais cada vez mais à esquerda.

Seguiremos com a análise das ocorrências de **onde/ aonde/ na onde** como pronomes relativos e como conectivos com a finalidade de comprovar ou recusar tal hipótese.

Retomaremos os dados separados como “**não categorizados**” para iniciar nosso processo de análise. As ocorrências não se enquadram nem como advérbio, nem como pronome relativo, mas todas funcionam na língua como conectivos, estabelecendo conexões entre ideias. A relação conetiva é o polo que, em nossa tese, consideramos como mais abstrato de nossa linha. Esse polo apresentou os seguintes números:

TABELA 11 - OCORRÊNCIAS DE **ONDE, AONDE, NA ONDE** EM FUNÇÃO DE CONECTIVO

Conectivos			
Onde	aonde	Na onde	Total de ocorrências
8	3	1	12

FONTE: REIS (2017)

As 12 ocorrências de **onde/aonde/na onde** funcionam, de certa forma, como elementos de coesão de ideias. Vejamos, a seguir, alguns exemplos para testagem das representações conectivas.

Em (71) e (72), observamos, respectivamente, que **onde** e **na onde** apresentam carga semântica explicativa/ consecutiva, algo semelhante à expressão “**por isso**”:

- (71) Os textos escritos são ótimas fontes de consulta, **onde** devem ser levados em consideração. / *Os textos escritos são ótimas fontes de consulta, **por isso** devem ser levados em consideração.*
- (72) Elas nos dão ânimo e felicidade, **na onde** temos perspectiva pra melhorar e levantar todos os dias./ *Elas nos dão ânimo e felicidade, **por isso** temos perspectiva pra melhorar e levantar todos os dias*

O mesmo acontece em (73), com uma substituição possível por **então**:

- (73) *A pesquisa foi bem feita, **onde** eu acredito que será um sucesso. /A pesquisa foi bem feita, **então** eu acredito que será um sucesso.*

Já em (74) observamos **aonde** funcionando como um elemento coesivo aditivo, semelhante a **e** :

- (74) *Em Licenciatura em Letras existem áreas variadas, **aonde** não se consegue ser hábil em todas. / Em Licenciatura em Letras existem áreas variadas, **e** não se consegue ser hábil em todas.*

Não nos aprofundaremos na classificação ou descrição dos itens utilizados como elementos de coesão de ideias. Deixaremos apontado, entretanto, com a finalidade de indicar caminhos para ampliar este estudo no futuro.

Percentualmente, temos:

TABELA 12 - PERCENTUAL DE OCORRÊNCIA DOS CONECTIVOS

	Conectivo
--	-----------

	[----concreto]
Onde	67%
aonde	25%
Na onde	8%

FONTE: REIS (2017)

Mesmo com esta análise prévia, é possível dizer que os dados parecem corroborar a generalização de que **onde** estaria ocupando posições cada vez mais abstratas, enquanto **aonde/ na onde** estariam sendo usados para referências mais concretas.

Verificaremos, a seguir, a utilização de **onde/ aonde/ na onde** com função de pronome relativo, separando as ocorrências desse valor sintático dentro da escala de gradação de concreto e abstrato.

Como temos 12 ocorrências de conectivos e 7 ocorrências de advérbio, do total de 386 ocorrências, 367 são de **onde/ aonde/ na onde** com função de pronome relativo, sendo:

TABELA 13 - OCORRÊNCIA DOS PRONOMES RELATIVOS

Pronomes relativos			
Onde	aonde	Na onde	Total de ocorrências
225	74	68	367

FONTE: REIS (2017)

Para comparar a utilização à escala de abstração proposta, será preciso desmembrar e analisar as ocorrências:

- a) Pronome relativo retomando espaço físico – utilização concreta, nomeada de [+++concreto]

TABELA 14 - PRONOMES RELATIVOS COMO REFERENTE A ESPAÇO FÍSICO

onde	aonde	na onde
68	47	34

FONTE: REIS (2017)

- b) relativo com valor nocional – utilização intermediária entre concreto e abstrato. Nomeada de [++ - - concreto]

TABELA 15 - PRONOMES RELATIVOS COMO REFERENTE A VALOR NOCIONAL

onde	aonde	na onde
74	16	19

FONTE: REIS (2017)

- c) **Onde** relativo com valor temporal ou possessivo – utilização abstrata nomeada de [+ - - concreto]

TABELA 16 - PRONOME RELATIVO COMO REFERENTE A TEMPO E POSSE

onde	aonde	na onde
83	11	15

FONTE: REIS (2017)

A tabela 17 nos apresenta a compilação dos dados apresentados:

TABELA 17 - COMPARATIVO PERCENTUAL DE OCORRÊNCIA DE **ONDE**, **AONDE**, **NA ONDE** EM FUNÇÃO DE PRONOMES RELATIVOS

	Relativo [+++concreto]	Relativo [+---concreto]	Relativo [+---concreto]
Onde	30%	33%	37%
aonde	65%	22%	13%
Na onde	51%	28%	21%

FONTE: REIS (2017)

Percentualmente, temos: 30% **onde** Relativo [+++concreto], 33% de **onde** Relativo [+---concreto] e 37% de **onde** Relativo [+---concreto]

Para **aonde**, o percentual de utilização é: 65% **aonde** Relativo [+++concreto], 22% de **aonde** Relativo [+---concreto] e 13% de **aonde** Relativo [+---concreto]

Para **na onde**, o percentual de utilização é: 51% **na onde** Relativo [+++concreto], 28% de **na onde** Relativo [+---concreto] e 21% de **na onde** Relativo [+---concreto]

Na análise de **onde/ aonde/ na onde** com função de pronomes relativos, encontramos, novamente, indícios de que seja possível propor a generalização de que **onde** parece estar se especializando para fazer referência a noções mais abstratas na língua, enquanto **aonde** e **na onde** referenciam as mais concretas.

De posse da análise quantitativa dos dados, apresentaremos a discussão qualitativa dos dados. Retomaremos os conceitos elencados como importantes ao longo da revisão bibliográfica e apresentaremos os contrapontos e argumentos que possam nos encaminhar para a conclusão desta etapa. Ao longo do capítulo, trabalharemos com as prescrições de uso indicados pela gramática normativa para **onde** e **aonde**, com os indicativos de processo de gramaticalização de um item linguístico e com as análises qualitativas que possibilitem afirmar ou refutar as hipóteses iniciais deste trabalho.

1 GRAMATICALIZAÇÃO

O processo de gramaticalização envolve vários níveis linguísticos, sendo possível abordá-lo a partir de níveis gramatical, lexical, semântico e discursivo. Neste estudo, nos propomos a mapear e analisar o possível processo de gramaticalização do vocábulo **onde**.

De acordo com Castilho (1997) a gramaticalização deve ser entendida como

(...) o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. CASTILHO (1997, p.31)

Ao longo do processo de gramaticalização, ainda de acordo com o mesmo autor, podem ser identificados os seguintes estágios: (i) sintatização, (ii) morfologização, (iii) redução fonológica, (iv) estágio zero, fase que reinstaura todo o processo.

Neste estudo, consideraremos a hipótese de encontrar traços de recategorização e de semantização. Tomaremos por base os estudos de Lima e Coroa (2013) para embasar a análise de nossos dados.

1.1 A RECATEGORIZAÇÃO

De forma resumida, a gramaticalização ocorre quando um item lexical assume um novo status como um item gramatical ou, ainda, quando um item gramatical se torna ainda mais gramatical, podendo, inclusive, mudar de categoria sintática. A

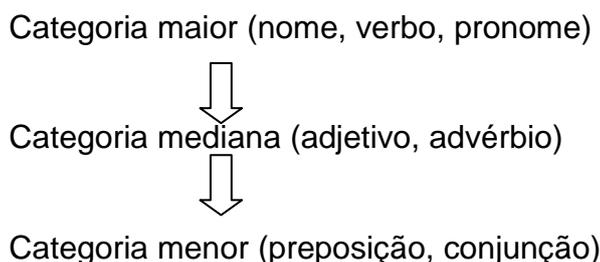
essa mudança dá-se o nome de recategorização. De acordo com Castilho (1997, p. 32), “a sintatização de um item lexical é (i) sua recategorização: uma ‘classe de palavra X’ passa a ‘classe de palavra Y’; (ii) sua categorização funcional: categorias sintagmáticas recebem propriedades argumentais e de adjunção na sentença”.

Assumiremos, a partir de Castilho (1997), que um item lexical, ao passar por um processo de gramaticalização, sofre alterações em suas propriedades gramaticais. Esse fato desencadeará um processo de recategorização gramatical, e/ou categorização funcional.

A gramática normativa, fruto da tradição gramatical, tem por característica a apresentação das classificações de palavras em classes fechadas, com traços regulares. Entretanto, os critérios usados para definição de uma categoria ou classe gramatical tem sido alvo de muitas críticas. Para os estudos linguísticos de base funcional, as classes de palavras apresentam certa flexibilidade quanto às características dos integrantes de uma mesma classe. De acordo com Oliveira (1997), o núcleo de uma categoria é formado por um vocábulo de características prototípicas, entretanto, é bastante comum encontrar outros vocábulos, que pertencem ao mesmo grupo, mas que possuem características distintas. Estes se situam mais à margem da categoria, mais distante do núcleo. Diz-se, então, que estas ocupam um espaço intercategoriaal ou mesmo que ocupam um espaço de migração de uma categoria para outra.

A classificação de **onde** como um advérbio, por exemplo, é bastante problemática. Autores como Ilari (2009), Neves (2003) e Perini (2002) afirmam de forma enfática que, tradicionalmente, os itens que integram a classe dos advérbios possuem diferenças tanto em aspectos morfossintáticos quanto em aspectos semânticos e isso é bastante problemático. De acordo com Perini (2002 p.338), há de se questionar se realmente “existe uma classe dos advérbios”. É uma dificuldade, segundo o autor, incluir em uma mesma classe itens tão distintos como: “não, rapidamente, completamente, muito”.

Segundo Hopper e Traugott (1993), quando um item parte do léxico para a gramática, há uma tendência em perder propriedades morfológicas e sintáticas que serviam, anteriormente, para identificar a forma como integrante de uma determinada categoria gramatical. Os autores indicam um **continuum** de recategorização dos itens lexicais em processo de gramaticalização:



De acordo com Hopper e Traugott (1993 p.103), quando um item passa por um processo de gramaticalização, há uma tendência de este perder propriedades que o identifiquem como integrante de uma determinada categoria gramatical. No capítulo 2 desta tese, observamos que não há uma unanimidade na classificação de **onde** pelas gramáticas normativas da Língua Portuguesa. Tal fato já nos indica a característica multifuncional que o vocábulo apresenta e a eventual dificuldade de enquadrar todos os seus traços e comportamentos em uma categoria fechada e prototípica.

De acordo com o **continuum** proposto por Hopper e Traugott (1993), os pronomes constituem uma categoria maior que precede os advérbios. Essa relação de antecendência se comprova na descrição diacrônica de **onde**, que teve por origem um pronome e, ao longo do percurso da gramaticalização, adquiriu outras propriedades funcionais e semânticas.

Não temos registros exatos de quando exatamente **onde** passa de uma categoria para outra, entretanto, de acordo com Bomfim (1993), já é possível observar uso conjuncional e uso pronominal de **onde** (pronomes interrogativo, relativo e demonstrativo) numa fase remota do português.

Bomfim (1993), Kersch (1996), Mattos e Silva (1989), Oliveira (1997), Pires de Oliveira (1998), entre outros, já comprovaram, com seus estudos, as características multifuncionais de **onde** e é em função dessas características que indicamos a existência também de um caráter multicategorial de **onde**. Para falar a respeito dessa multicategorização, podemos nos apoiar na abordagem categorial prototípica, de Taylor (1995) e nas concepções de Hopper (1991) e de Givón (2001). Oliveira (1997) apresenta, de forma resumida, o pensamento desses três autores:

podemos admitir que, numa dada classe, encontram-se membros situados em pontos distintos em relação ao eixo categorial básico, de acordo com o número de traços compartilhados pelos mesmos.

Assim, encontramos constituintes que de modo mais visível representam essa classe; em geral, são itens mais freqüentes e identificados pela comunidade linguística como pertencentes à categoria. Por outro lado, podemos registrar também termos que, por conta da perda de traços categoriais, tendem a ocupar posição periférica ou marginal em relação ao padrão, situando-se praticamente no limite ou na interseção com outra classe. Neste segundo caso, como Hopper (1991), podemos falar em decategorização, em relação à perda de traços da categoria fonte, e recategorização, em termos da incorporação de traços da categoria alvo, com a identificação de processo de gramaticalização, de acordo com Givón (2001). (OLIVEIRA, 1997, p.75)

Castilho (1997), quando trata do processo de recategorização dos pronomes, indica que estes possuem características fundamentalmente dêiticas. Ao longo do processo de gramaticalização, o caráter dêítico vai se perdendo e as formas passam a apresentar características anafóricas. Segundo o autor, por meio do processo de abstratização do valor dêítico, as formas sofrem deslocamento de um lugar no mundo biossocial para uma identificação de lugar no discurso.

De acordo com Nascentes (1953 apud Castilho 1997, p.41) “os pronomes relativos estão perdendo suas propriedades pronominais, com uma severa redução de seu quadro, restringindo sua atuação gramatical à de uma conjunção sem papel funcional”. Partindo dessa afirmação, Castilho (1997) discorre acerca de **que**

que está passando por outras formas de generalização de uso, operando como conjunção aditiva / temporal / condicional / comparativa, como nestes exemplos de Marroquim 1945: “*eu tomei pula vareda, qui (= e) quando caí no engano tinha andado meia légua*” / “*eu não sei qui ele veio*” (= quando), “*se o olhar fosse alfinete e que (=se) desse alfinetada, tu ficava furadinha, que (= que nem) só renda de almofada*”. CASTILHO(1997, p. 41)

Analisando a utilização do item **onde** podemos indicar que o percurso da gramaticalização item dêítico – item anafórico é facilmente observável: enquanto em alguns usos interrogativos encontramos valores exclusivamente dêítico-locativos, em outros usos, como nos pronominais relativos, **onde** assume um valor anafórico. Conforme encontramos em (69) e (70):

(75) **(Na) onde** estão postadas as notas? (OMF2)

(76) Nas referências bibliográficas **onde** colocamos todos os livros pesquisados.
(LMF1)

Enquanto em (69) vemos **onde** em um uso tipicamente locativo, em (70) conseguimos observar um valor anafórico, retomando o referente “referências bibliográficas”.

Na observação de nossos dados, podemos reiterar as afirmações já postas de que não é possível uma classificação estanque, em uma categoria fechada para **onde**. Verificamos, sim, um contínuo de categorias ao longo do qual **onde** trafega. Essa multicategorização colabora com a proposta desta tese, de que, no português brasileiro, ao se gramaticalizar, **onde** passou a desempenhar papéis linguísticos com referências mais abstratas, deixando as referências mais concretas para **aonde** e **na onde**.

1.2 SEMANTIZAÇÃO

O processo de semantização²¹ é a alteração semântica pela qual um item passa durante o seu processo de gramaticalização. Castilho (1997, p. 60) define esse processo como sendo

a alteração por que passam os itens em sua utilização gramatical ou discursiva. Acompanhando sua recategorização gramatical, os itens podem ser ressemantizados, sofrer alterações na direção de seu escopo ou em sua abrangência fórica, e assim por diante. Parece-me inadequado retratar tais casos como fenômeno de “dessemantização”. Não há perdas, há modificações de sentidos.

Os embasamentos provindos da vertente funcionalista de estudos indicam que o sistema linguístico, em todos os níveis (gramatical, semântico ou pragmático) estão sempre em constantes adaptações, devido às necessidades comunicativas dos usuários da língua. É o que nos afirmam, por exemplo, Furtado da Cunha e Votre (1998 p.65): “língua é tida como uma estrutura maleável, emergente, uma vez que está sujeita às pressões do uso e se constitui de um código não inteiramente arbitrário”.

²¹ A semantização é encontrada na literatura também sob outros rótulos: semantic bleaching, por Givón (1975), semantic depletion, por Lehmann (1982), semantic weakening por Guillaume (1964) e Guimier (1985), desemantization por Heine e Reh (1984), generalization or weakening of semantic content por Bybee e Pagliuca (1985), abstratização por Neves (1997).

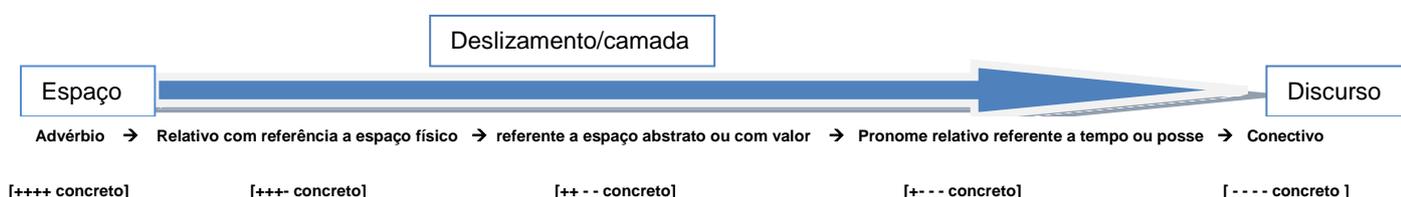
É a partir desse conceito de maleabilidade linguística que acreditamos que o sistema semântico de uma língua se construa e reconstrua, constantemente, buscando as renovações necessárias para suprir as necessidades comunicativas do falante. Nesse sentido, Hopper (1991, p.22), em um dos cinco princípios da gramaticalização que apresenta, traz o conceito de estratificação ou camada (*layering*) que diz que, no interior de um domínio funcional amplo “novas camadas emergem continuamente. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas. Votre (1996) amplia o sentido do princípio exposto por Hopper (1991) afirmando que o sentido de camada:

contempla a idéia de persistência do sentido fundante e associa-se a sobreposição/aposição, de modo que pode haver casos em que dois significados estão apostos, mas um não tem, rigorosamente falando, traços nítidos do significado-fonte. O significado novo guarda apenas uma leve associação não explícita com o original, sobretudo nos processos de discursivização do significado, em que o mesmo se torna genérico, vago, empalidecido. (VOTRE, 1996 p. 38)

Quando observamos o comportamento de **onde** é possível postular a ocorrência do deslizamento semântico via camadas que, neste caso, parte de uma categoria mais concreta (**onde** com referencial concreto) para uma camada mais abstrata (**onde** conectivo), com sentido vazio, assim como o modelo de deslizamento proposto por Heine; Claudi; Hünemeyer,(1991) que indica o caminho **espaço**→**discurso**.

Nessa proposição de deslizamento, através do qual itens lexicais (do universo biossocial) passam a integrar uma categoria gramatical (do universo textual), consideramos o processo de transferência em que o sentido de **onde** espaço no universo biossocial é usado metaforicamente como **onde** noção de espaço no discurso.

A proposição de deslizamento **espaço**→**discurso** é amplamente observável nos exemplos utilizados ao longo desta tese e confirmam a veracidade da trajetória de abstração progressiva de **onde**, indicada como um dos objetivos de comprovação desta tese, conforme resume a imagem:



Fonte: REIS (2017)

1.3 DISCURSIVIZAÇÃO

A mudança discursiva de **onde** está ligada ao processo de semantização, pois passa por ela em sua trajetória. Na proposta de deslizamento **espaço→discurso**, exposta em Heine; Claudi; Hünemeyer (1991), podemos observar que os itens linguísticos que têm como função a orientação locativa no universo biossocial (dêiticos espaciais, como **onde, lá, aqui**), podem passar a marcar posições no universo discursivo: são os chamados **marcadores discursivos**.²²

De acordo com Martelotta e Rêgo (1996, p. 241), “é comum os dêiticos espaciais serem usados para indicar pontos do texto já mencionados (anáfora) ou ainda por mencionar (catáfora)”. Segundo os mesmos autores, numa escala posterior/final de abstratização, os itens podem vir a fazer parte de um grupo de operadores argumentativos, que se caracterizam:

- I- do ponto de vista sintático, por terem um funcionamento gramatical mais regular e servirem para a organização interna da língua;
- II- do ponto de vista semântico, por sofrerem um esvaziamento no potencial de referenciação dêitica e fórica, chegando, em alguns casos, a ficar plenamente vazios, e
- III- do ponto de vista do discursivo, por servirem para o encadeamento lógico do texto e para construção das estratégias argumentativas (cf. Martelotta, 1996, p. 194)

Os marcadores discursivos são itens linguísticos usados num contexto discursivo com a finalidade de reorganizar o discurso, quando suas restrições de linearidade se perdem, e com a finalidade de preencher o vazio comunicativo causado por essa perda. Eles podem desempenhar diversas funções, que estão

²² Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 61) enumeram os seguintes nomes que aparecem na literatura: marcadores discursivos (Risso; Silva; Urbano, 1995), marcadores conversacionais (Marcuschi, 1991), pontuantes (Vicent; Votre; Laforest, 1993), bordões (Marques, 1993).

relacionadas de forma direta ou indireta, às preocupações do emissor no momento da fala, em relação ao seu discurso ou à recepção do ouvinte.

Martelotta, Votre e Cezário (1996) indicam as seguintes funções aos marcadores discursivos:

- a) Marcar hesitações ou reformulações.
- b) Modalizar o discurso, marcando insegurança ou não comprometimento do falante em relação ao que fala.
- c) Marcar mudanças de direção comunicativa, que podem se manifestar, por exemplo em aberturas de concessões em relação ao dito.
- d) Criar reticências.
- e) Retomar referentes já mencionados, fazendo-os tópicos para o que vai ser dito em seguida.
- f) Marcar plano discursivo de fundo.
- g) Preencher vazios causados por pausas para calcular as informações subseqüentes. (MARTELOTTA, VOTRE, CEZÁRIO, 1996 p. 62-67)

Pelas características e funções que possuem, é comum que os marcadores discursivos sejam mais comuns na fala vernacular que na escrita, por menos monitorada que esta seja. Assim, não é possível verificar no corpus a implementação ou não da trajetória da discursivização. Deixamos, entretanto, este apontamento para que possa servir de base para ampliação desta pesquisa formando um corpus com dados de fala.

2 **ONDE, AONDE, NA ONDE E A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO**

Como já apresentado anteriormente, não há entre os normativistas um consenso quanto à classificação morfológica de **onde** em uso na chamada norma padrão. Assim, em nossos estudos, essa questão antecede às discussões de norma padrão x norma culta ou de prescrições da gramática normativa x estudos da gramática descritiva, pois, para que possamos fazer tal discussão, é preciso que fixemos o ponto de partida da análise.

Para **onde**, partiremos da classificação apresentada por Cegalla (2002) em contrapartida às constatações observadas em nossos dados. Enquanto o autor, em conjunto com boa parte das gramáticas normativas e gramáticas escolares, indica que **onde** pode ser classificado ora como advérbio ora como um relativo, nossos dados nos mostram uma possibilidade de análise partindo de três categorias distintas: advérbios, pronomes relativos e conectivos.

De acordo com Cegalla (2002), a classe dos advérbios apresenta duas subclassificações: nominais e pronominais. Essa divisão é feita de acordo com a natureza da palavra. O **onde** aparece dentro da subcategoria “pronominal”, como advérbio relativo e como advérbio interrogativo. A forma adverbial do vocábulo interrogativo não será nosso alvo de discussão, mesmo porque, no corpus de análise, tal forma não se mostrou estatisticamente produtiva, o que não possibilita uma análise detalhada. Todas as vezes em que o informante necessitou construir esse tipo de estrutura, recorreu às formas **aonde (58%)** e **na onde (42%)**.

Nosso embate concentrou-se nas utilizações classificadas por Cegalla (2000 p. 175) como “Pronome Relativo” e que devem sempre estar relacionados a um antecedente. Segundo o autor, **onde**, usado para indicar lugar, será sempre equivalente a **em que, no qual**. Em nenhuma gramática pesquisada, seja normativa ou escolar, **aonde** é referenciado como possibilidade de uso. A única menção a **aonde** é feita por Bechara (2010), que afirma haver uma tendência na língua de usar indistintamente as formas **onde** e **aonde**, mas que a gramática normativa indica que **onde** deverá ser usado junto a ideias de “repouso”, já **aonde** junto a ideias de movimento. O item **na onde** não aparece em nenhuma menção.

Partindo desses pressupostos retomados acima, tomaremos por indicações gramaticais as seguintes máximas da norma padrão:

- a) O pronome relativo **onde** deve ser sempre usado como adjunto adverbial de lugar;
- b) **Aonde** não deve ser usado para se referir a lugar, mas apenas no sentido de localização quando o verbo que o acompanha transmitir a ideia de movimento;
- c) **Na onde** não é uma forma válida, portanto, não deve ser usada.

Ao longo das análises propostas nesta tese, observamos que o comportamento dos dados não corrobora o que indica a norma padrão, uma vez que esta indica o uso de **onde** unicamente como referente a lugar físico concreto. O que vemos, na verdade, é uma tendência de uso de **onde** como referencial mais abstrato e o lugar de referente mais concreto sendo ocupado pelas novas **formas aonde** e **na onde**. Nos exemplos (71), (72) e (73) observamos **aonde** e **na onde** fazendo referência a dois locais físicos, respectivamente, [maquetes] e [pastas] e **onde**

sendo usado como forma de retomar a ideia de tempo, portanto, um uso de referência mais abstrata:

- (77) (...) vamos propor a construção das maquetes **aonde** o aluno materializará a teoria. (OMF1)
- (78) (...) e no armário velho, guardadas as pastas **na onde** se guarda a vida escolar do aluno. (OFF2)
- (79) (...) apresentar as brincadeiras de roda e contação de histórias, muito conhecida nos nos anos 80 **onde** criança era criança de verdade. (LFF2)

Esse fato também refuta a afirmação de Bechara (2010) quanto ao aparente uso indistinto das formas: há, sim, uma normatização de uso, que não é a mesma prescrita para a norma padrão, mas que se encontra em crescente implementação pelo falante da língua portuguesa brasileira, conforme demonstram os percentuais de nossos dados.

Dentro do total de ocorrências de **onde**, o menor percentual de uso é o uso canônico, ou seja, o referente à local físico concreto. Apenas 30% dos dados de **onde** correspondem a essa utilização. Vejamos alguns exemplos:

- (80) Era uma casa **onde** não tinha espaço pra estudar. (OFF2)
- (81) (...) no campinho **onde** todos se divertiam sem preconceito (LMF1)
- (82) A informação (...) constava no mural da escola **onde** fizemos estágio. (LFF2)

Em 70% das ocorrências do relativo **onde**, a utilização não é canônica de adjunto adverbial de lugar [físico/concreto]. Tais como:

- (83) As observações foram feitas só em setembro **onde** terminei o curso. (OMF2)
- (84) O recreio da escola que durava 15 minutos infinitos de bullying e era 15 minutos **onde** tudo acontecia. (LFF1)
- (85) (...) guarda na memória (...), num espaço quase que intocável **onde** guardamos todas as recordações. (OFF2)

Em (83), **onde** é usado como referente a um espaço de tempo [setembro]. Observamos o mesmo uso em (84), em que **onde** faz referência a [15 minutos]. Já

em (85), **onde** retoma um espaço físico ampliado ou abstrato [um espaço intocável] que, por sua vez, retoma [memória].

Ademais, ao contrapormos o uso à linha de abstração proposta para a tese, observamos que quanto mais o vocábulo se afasta do uso canônico indicado para esse relativo, mais o percentual de uso aumenta.

Onde com referência a espaço físico, nomeado em [+++- concreto], é o que tarjamos de uso canônico e apresenta 30% das ocorrências; **onde** com referência a espaço físico ampliado ou nocional é que nomeamos de [++- concreto] e possui 33% das ocorrências; já o pronome relativo com referente relacionado a tempo ou posse, que nomeamos de [+---concreto], soma 37% das ocorrências.

Os dados de **onde** encontram-se em uma crescente no sentido de uma referenciação mais abstrata e, por conseguinte, um afastamento do uso canônico.

30% [+++- concreto] → 33% [++- concreto] → 37%[+ - - concreto]

Em contrapartida, os maiores percentuais de uso de **aonde** e de **na onde** ocorrem, justamente, no contexto de referencia a espaço físico, ou seja, o que chamamos em nossa hipótese, de [+++concreto]. São 65% das ocorrências de **aonde** e 51% das ocorrências de **na onde** a integrarem esses grupo. Vejamos alguns exemplos retirados do corpus:

- (86) Na escola **aonde** fomos visitar. (LMF1)
- (87) Os computadores **na onde** tentavam fazer seus trabalhos (OFF2)
- (88) (...) sete bibliotecas **aonde** fomos bem recebidos (OMF1)
- (89) A quadra poliesportiva **na onde** todos se confraternizavam (LFF1)
- (90) O colégio **aonde** é o lugar de bullying por natureza (OFF1)

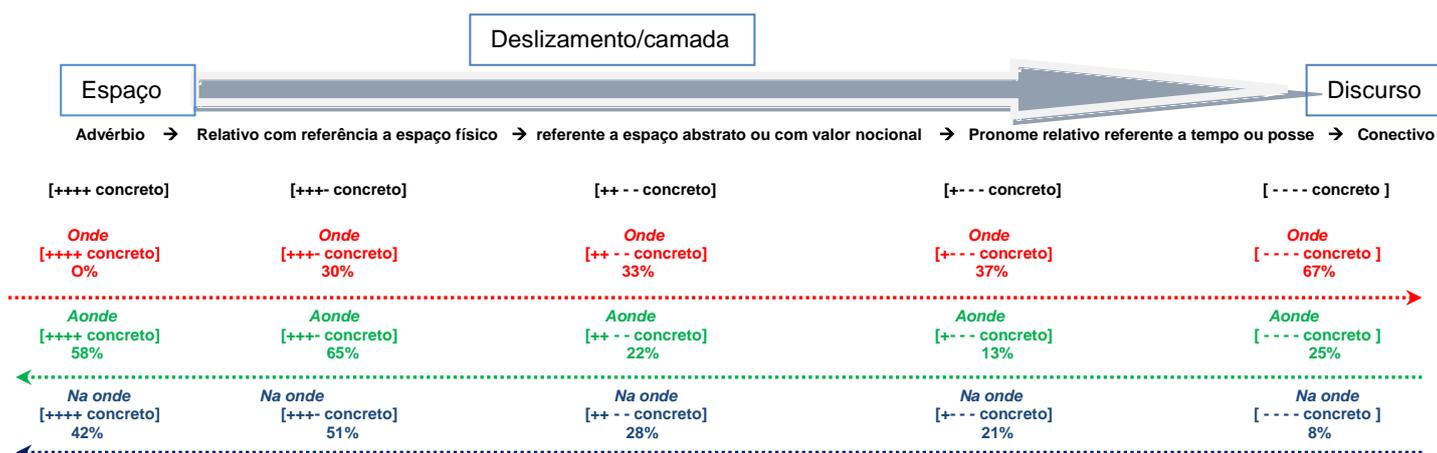
Em verdade, **aonde** e **na onde** apresentam crescimento de uso em sentido inverso a **onde**. Ou seja, quanto mais concreto o contexto de referência, maior o uso:

65% [*aonde* +++- concreto] ← 22% [*aonde* ++- concreto] ← 13% [*aonde*+- - concreto]

51% [*na onde* +++- concreto] ← 28% [*na onde* ++- concreto] ← 21% [*na onde*+- - concreto]

O que observamos é, na verdade, um deslizamento de camadas funcionais de **onde** – de uma referência mais concreta para uma mais abstrata – e o surgimento de novas formas – **aonde** e **na onde** – ocupando as camadas deixadas pela forma **onde**.

Vamos retomar a ilustração de deslizamentos e camadas **espaço** → **discurso**, feita a partir dos conceitos de Heine; Claudi; Hünemeyer (1991) e incorporar a ela as nomenclaturas das camadas, indicadas da trajetória de abstração progressiva, proposta nesta tese, em conjunto com os percentuais obtidos na análise dos dados, para cada uma das camadas:



Fonte: REIS (2017)

A ilustração deixa clara a trajetória de deslizamento de **onde** para as camadas mais próximas ao discurso, sendo usado, cada vez mais, como retomante de referencial abstrato. Na contramão desse deslizamento, encontram-se as formas **aonde** e **na onde**, que deslizam cada vez mais para a esquerda, ocupando os espaços de referência mais concreta, deixados por **onde**.

Conforme já mencionado, não foi possível classificar todos os dados de **onde**, **aonde**, **na onde** utilizando os rótulos de advérbio e pronomes relativos. Num primeiro momento, esse grupo de dados foi chamado de **outras categorias**, em seguida, verificamos que todas as ocorrências poderiam ser descritas sob o rótulo

de **conectivos**, que se caracterizam por serem elementos de coesão textual que são usados com a função de proporcionar a boa articulação das frases e do encadeamento de ideias a fim de apresentar um texto claro.

Em nosso corpus, encontramos 8 ocorrências do conectivo **onde**, 3 ocorrências de **aonde** e 1 ocorrência de **na onde**, o que corresponde, respectivamente, a 67% 25% e 8% do total de ocorrências da categoria. Por ser um número baixo de ocorrências, optamos em verificar como , então, os textos se articulavam quanto ao uso de conectores. Para isso, contamos com o auxílio do programa *wordsmith tool* e fizemos um levantamento dos 5 principais conectivos usados pelos estudantes nos textos de origem do corpus analisado, ou seja, TCC projeto. Nosso objetivo era constatar se, de alguma forma, o conectivo **onde** se mostrava relevante. Na extração dos dados, por meio da WordList, criamos uma lista de palavras por ordem de frequência. Em um primeiro momento, muitas conjunções apareceram na lista. Tínhamos, então, o seguinte cenário:

- 1- E;
- 2- Mas;
- 3- Porém;
- 4- Que;
- 5- Portanto.

Na primeira tentativa de análise, em função da baixa ocorrência, não foi possível visualizar o aparecimento das formas pesquisadas. Para tentarmos refinar os dados e observar a ordem de aparecimento dos vocábulos **onde**, **aonde** e **na onde**, optamos em programar o sistema de refinamento de dados, de modo a realizar uma releitura dos dados de forma a agrupar todas as ocorrências de conjunções sob o rótulo único de **conjunções**. Assim, todas as ocorrências de **mas**, **porém**, **a fim de (que)**, **portanto**, **logo**, **contudo**, **entretanto etc.** passaram a integrar apenas uma ordem nas ocorrências. Com esse comando, as conjunções deixaram de ser consideradas em ocorrências isoladas, liberando as posições para que pudéssemos ampliar a lista de conectivos frequentes e verificar quais outras palavras ajudaram na articulação do texto. Nesse novo cenário, temos a seguinte lista de frequência:

- 1- Conjunções (+de 400 ocorrências)
- 2- Que (+ de 180 ocorrências)

3- O qual/ os quais/ a qual/ as quais (27 ocorrências)

4- **Onde** (8 ocorrências)

5- Cujo/ cujos/ cuja/ cujas (6 ocorrências)

Selecionamos, então, todos os contextos de ocorrência de **onde** conectivo e fizemos uma análise da função que eles desempenham em cada oração. Vejamos a síntese das ocorrências de **Onde**:

TABELA 18 - **ONDE** CONECTIVO E SUAS FUNÇÕES

Função de uso	Exemplo
Substituindo conclusivo	Os textos escritos são ótimas fontes de consulta, onde devem ser levados em consideração.
Substituindo conclusivo	A pesquisa foi bem feita, onde eu acredito que será um sucesso
Substituindo um aditivo	O TCC está estruturado, onde acho que descrevo todos os passos de coleta de dados
Vazio semântico ²³	Os relatos verbais dos idosos são ricos e todos foram unânimes em escolher esse público, onde julgo importante e relevante. (...) Penso que ser professor é um bom investimento de um futuro melhor, onde dar mais conforto pra minha família é a meta.
Substituindo um explicativo	[e quando me disseram] Eu só tenho a agradecer a professora onde eu não conhecia quase nada e agora já sei escrever meu nome. Eu penso em sair da minha cidade, onde penso que ser professor é um bom investimento de um futuro melhor
Substituindo um adversativo	O projeto está concluído, onde acho importante ressaltar que não finalizei a coleta dos dados e precisarei de mais tempo para a repostagem.

FONTE: REIS (2017)

Apesar de não aparecerem na lista de frequência, buscamos averiguar e pormenorizar as utilizações de **aonde** e **na onde** como forma de conexão de ideias. Encontramos: 3 ocorrências de **aonde** e 1 ocorrência de **na onde**.

²³ A classificação de vazio semântico é, por vezes, controversa: poderemos, em alguns casos, encontrar recursos interpretativos que nos façam considerar funções ao item linguístico.

Selecionamos, então, os contextos de ocorrência com a finalidade de realizar a mesma análise: observar a função que cada um desempenha nas orações. Vejamos a síntese:

TABELA 19 - **AONDE E NA ONDE** CONECTIVO E SUAS FUNÇÕES

Função de uso	Exemplo
Substituindo um aditivo	(Por que continuar? Porque...)Elas nos dão ânimo e felicidade, na onde temos perspectiva pra melhorar e levantar todos os dias.
Substituindo um explicativo	Todos os pais se mostraram esforçados, aonde ter filho universitário é uma alegria.
Substituindo um explicativo	Investir em cultura, em livros aonde sei que será de grande valia.
Substituindo um adversativo	Em Licenciatura em Letras existem áreas variadas, aonde não se consegue ser hábil em todas.

FONTE: REIS (2017)

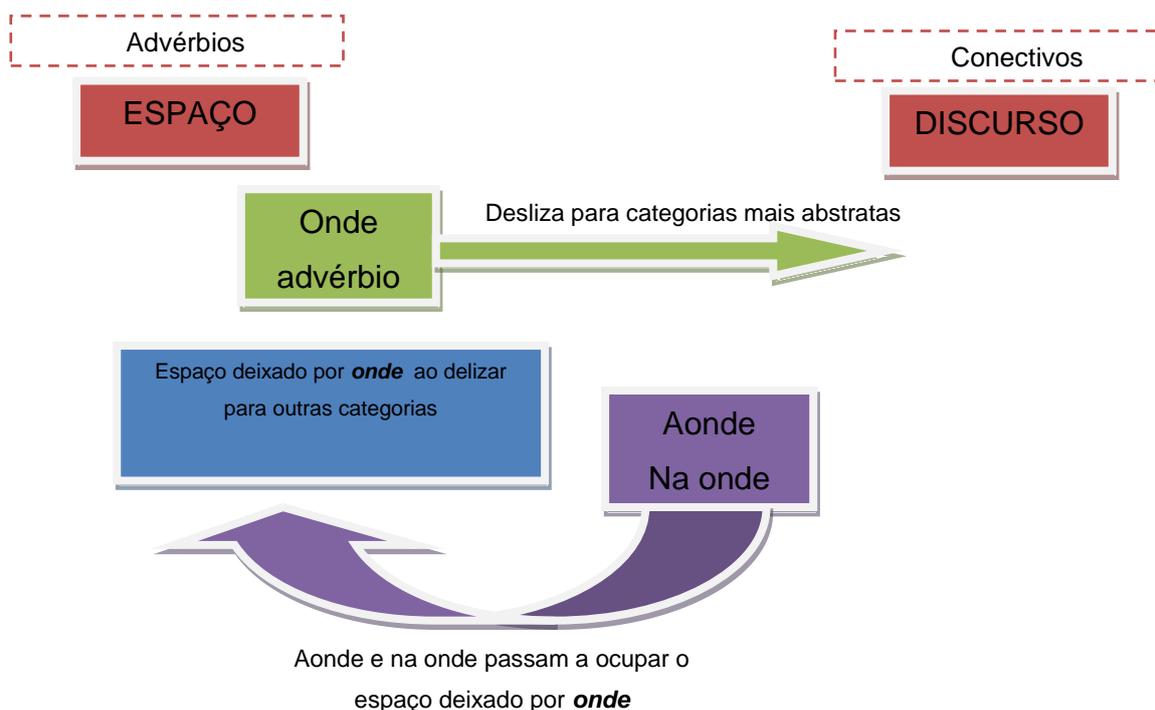
Não ampliaremos aqui os estudos relacionados aos conectivos e suas funções de uso. Deixamos, entretanto, registrados esses dados para que a temática seja abordada em estudos futuros, nos quais o corpus será ampliado e os itens analisados em detalhe com a finalidade de observar seus usos, funções e representatividade.

2.1 RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, demonstramos a impossibilidade de classificar **onde** a partir de uma categoria fechada e ressaltamos a existência de um contínuo de categorias ao longo do qual o item **onde** trafega. A observação do deslizamento que ocorre a partir dessa possibilidade de multicategorização colabora para a proposta desta tese de que, no português brasileiro, o item **onde** deslizou das categorias de referência mais concreta para as mais abstradas, deixando, nesse processo, um espaço que tem sido preenchido pelos itens **aonde** e **na onde**, que mostram tendência a desempenhar papéis linguísticos com referências mais concretas.

Nosso foco de discussão foi a utilização de **onde** classificada por Cegalla (2000 p. 175) como “Pronome Relativo”, entretanto, apresentamos também as ocorrências e as análises do item em função de advérbio e de conectivo. Para facilitar a observação, resumimos as explicações em duas representações gráficas: uma para advérbio e conectivo e outra para pronome relativo.

Analiseemos a representação a respeito dos advérbios e dos conectivos:

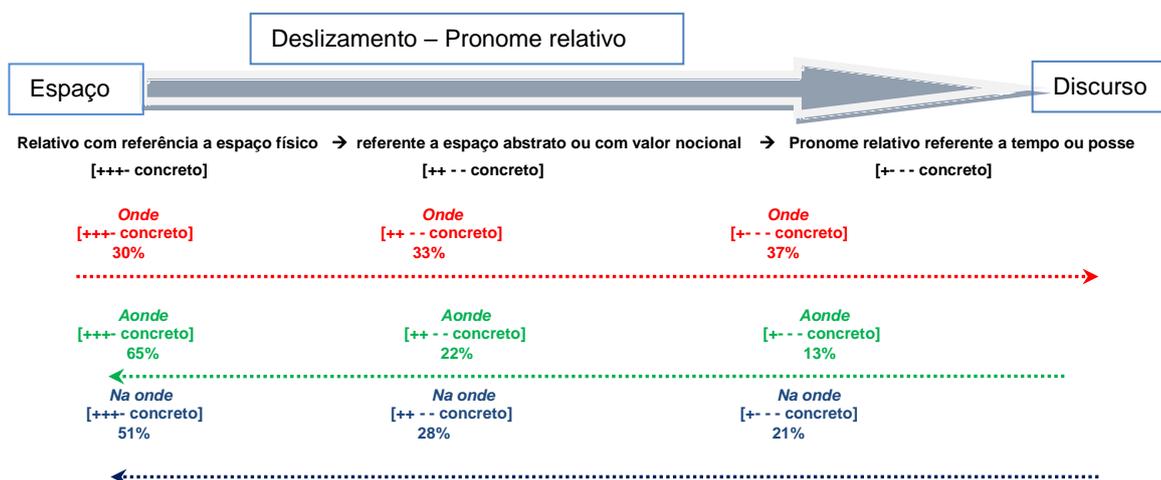


Conforme já mencionado anteriormente, não há registro nos dados de utilização de **onde** como advérbio, todas as vezes que o falante fez uso dessa função, utilizou como recurso os itens **aonde** e **na onde**. Observamos, entretanto, um deslizamento de **onde** para outras funções linguísticas. O espaço deixado por esse deslizamento tem sido preenchido pelos itens **aonde** e **na onde**. Já no que diz respeito aos conectivos, o que observamos é justamente a utilização em maior número do item **onde**, fruto, justamente, do deslizamento categorial das referências concretas para as mais abstratas.

Já no que diz respeito aos pronomes relativos, em nossa proposta de linha de abstratização verificamos a classificada em três grupos, de acordo com uma proposta progressiva: relativo com referência a espaço físico [-+++concreto], referente a espaço abstrato ou com valor nocional [++-- concreto] e pronome relativo referente a tempo ou posse [+--- concreto]. Dentro do grupo de pronomes relativo acontece também um deslizamento de camadas: **onde** tem tendência a ocupar as

categorias de menor referência concreta enquanto **aonde** e **na onde** ocupam o espaço deixado por ele nas categorias mais concretas.

Vejamos em detalhes na representação:



Assim, é importante afirmar que tanto em uma análise sistêmica, observando **onde** em suas três funções, quanto em uma análise específica, observando o item apenas na classificação de pronome relativo, é possível identificar o deslizamento de categorias em que **onde** se desloca dos referenciais mais concretos para os referenciais mais abstratos. É possível, ainda, verificar o processo de implementação das formas **aonde** e **na onde** nos espaços deixados no processo de deslocamento de **onde**.

CONCLUSÃO

A língua é sistematicamente variável e mutante (Tarallo, 1990; Weireich; Labov; Herzog, 1968), assim, em razão das necessidades comunicativas do falante, novas formas e novos usos surgem na língua de forma constante. É um caminho comum às inovações estabelecidas na língua oral se encaminharem para a escrita, fazendo com que usos gramaticalmente consagrados abram caminho para usos de variantes vernaculares.

A proposta inicial desta tese foi descrever o uso de **onde**, **aonde** e **na onde**, observando se as três formas se encontram em usos conviventes em todos os contextos ou se desempenham funções distintas na língua, tendo uma ou outra forma se especializado em alguma função ou contexto. Buscamos evidenciar que **onde** se encontra em um processo de variação e mudança linguística no português brasileiro, tendo passado a dividir espaço com **aonde** e **na onde**, em contextos diversos, porém, específicos.

A hipótese trabalhada foi a de que, ao se gramaticalizar, **onde** passou a desempenhar na língua portuguesa brasileira, papéis linguísticos com referências mais abstratas, deixando as referências mais concretas para **aonde** e **na onde**. Traçamos dois grandes objetivos a serem alcançados: o primeiro foi indicar uma possível proposta de escala de referente concreto x abstrato, que foi nomeada de **trajetória de abstração progressiva**. Trabalhamos com três classificações para os itens: advérbios, pronomes relativos e conectivos, justapostas com as classificações de referências (espaço físico concreto, abstrato, temporal, posse) já indicadas nos estudos de **onde** e adotadas nesta tese para os estudos de **onde**, **aonde** e **na onde**. O segundo objetivo desta pesquisa foi constatar se os fatores sociais selecionados foram, de alguma forma, relevantes na seleção de uso de uma das formas linguísticas e, assim, responder à dúvida se a utilização das formas **onde**, **aonde** e **na onde** pelos acadêmicos de Letras é distinta ou não da forma de uso dos acadêmicos das demais licenciaturas, no que tange à manutenção do uso canônico das formas.

As gramáticas prescritivas, tal como sugere Cegalla (2000), indicam esse processo como uma forma de degeneração linguística, entretanto, estamos, na verdade, de frente a um processo linguístico natural e universal. Para apresentarmos os contrapontos desta tese, partiremos de uma afirmação de Cipro Neto; Infante (2003) acerca da utilização de **onde** como um relativo universal:

Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar **onde** como relativo universal, um verdadeiro “cola-tudo”. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho linguístico pouco eficiente procura “falar difícil”. Surgem então frases como:

Vai ser um jogo muito difícil, muito disputado, **onde** nós vamos tentar mais um resultado positivo.

Vivemos uma época muito difícil, **onde** a violência gratuita é dominante.

Não me alimentei bem, dormi mal, **onde** hoje não consegui uma boa marca.

A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, **onde** a classe média não pode mais comprar como antes.

Na língua culta, escrita ou falada, **onde** deve ser limitado aos casos em que há indicação de **lugar físico**, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que, no qual* (e suas flexões *na qual, nos quais, nas quais*) e, nos casos de idéia de causa/efeito ou de conclusão, *portanto*: Vivemos uma época muito difícil, **em que (na qual)** a violência gratuita impera. A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados,

portanto (por isso) a classe média não pode mais comprar como antes. (CIPRO NETO; INFANTE, 2003, p. 423-424).

De acordo com as afirmações dos autores, **onde** deveria ser usado unicamente como referente a lugar físico. Qualquer outra forma de uso caracterizaria um falante com desempenho linguístico duvidoso.

Nosso banco de dados foi formado por informantes que representam a norma culta urbana vigente no Brasil: universitários, do polo urbano, com manifestações de grau moderado de monitoração estilística. Conforme garante os indicadores da indentificação do perfil do estudante pesquisado, os informantes fazem parte dos grandes centros urbanos, alguns cursando a primeira, outros a segunda graduação, mas todos com ao menos $\frac{1}{4}$ do curso finalizado. A renda familiar, em sua maioria, está acima de 4 salários mínimos, o que insere a massa dos informantes na categoria classe média.

Nossos dados apresentam uma vasta utilização de **onde**, como referente a espaço físico, a espaço abstrato, como referente temporal, possessivo e, ainda com um uso discursivo/conectivo. Todas as manifestações, como já mencionado, foram realizadas por informantes que, neste estudo, são representantes da Norma Culta Urbana, por conseguinte, não integram um possível grupo estigmatizado como com

“desempenho linguístico pouco eficiente”. Concomitante ao uso desse item, os falantes indicaram que outras duas formas estão inseridas no vocabulário e que possuem espaço bastante delimitado: **aonde** e **na onde**.

A partir das realizações de **onde**, **aonde** e **na onde**, observamos que as três formas se encontram em todos os contextos na língua. Porém, é possível identificar a implementação de um processo de especialização dos itens em funções distintas. Os dados mostram a existência de uma distribuição complementar em processo de implantação na língua: uma tendência de uso ainda não perfeitamente estabelecida, mas que pode ser observada de forma bastante acentuada.

A forma **onde** aparece com maior frequência na língua nos referenciais mais abstratos (relativo temporal ou conectivo, por exemplo). As referenciações mais concretas, como local físico, têm apresentado tendência de uso das formas inovadoras **aonde** e **na onde**.

Os dados de **onde** mostram em crescimento no sentido de uma referenciação mais abstrata: 30% de ocorrências de **onde** [+++- concreto] → 33% de **onde** [+++ concreto] → 37% de **onde** [+ - - concreto], o que, em nossa proposta de *trajetória de abstração progressiva*, indica que o item **onde** se encontra cada vez mais à direita do gráfico.

No sentido inverso, e buscando justamente ocupar os espaços deixados por **onde**, encontram-se **aonde** e **na onde**, cuja tendência de uso é crescente no sentido de uma referenciação mais concreta.

65% [**aonde** +++- concreto] ← 22% [**aonde** +++ concreto] ← 13% [**aonde**+ - - concreto] e 51% [**na onde**+++- concreto] ← 28% [**na onde**+++ concreto] ← 21% [**na onde**+--- concreto]

Vemos, portanto, que o uso de **onde**, **aonde** e **na onde** não acontece de forma indiscriminada, mas obedece a uma relação lógica organizada. As manifestações não representam ausência de conhecimento ou de domínio linguístico do falante, mas um processo de implementação de uma variante linguística.

Em **onde**, encontramos o que Hopper (1991, p.22) conceituou como “estratificação ou camada (*layering*) e exemplos práticos de que, quando isso ocorre “as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas”. Ao observarmos o deslizamento de camadas funcionais de **onde** – de uma referenciação mais concreta

para uma mais abstrata – e o surgimento de novas formas – **aonde** e **na onde** – ocupando as camadas deixadas pela forma **onde**, comprovamos a existência de uma multicategorialidade e multifuncionalidade de **onde**.

Em relação aos aspectos semânticos de **onde**, o item segue uma trajetória de um sentido mais concreto para um sentido mais abstrato. Do ponto de vista das categorias, afirmamos que as classificações de advérbio e de pronome relativo são insuficientes para acoplar a multifuncionalidade do item. Na verdade, devido justamente a sua característica multifuncional, não é possível classificá-lo em uma categoria fechada. É preciso considerar a possibilidade de que **onde** se insira em categorias diversas e de variados graus de semelhança/diferença dos itens prototípicos dessas categorias. As categorias de **onde** são dependentes de suas funções na orações. Há, por força do uso, a ocorrência do deslizamento desse item entre as diversas camadas categoriais.

Como a classificação de **onde** como advérbio é bastante problemática e duvidosa, esse caso não foi alvo de discussão nesta tese, mas deverá ser levantado em estudos futuros propondo uma discussão de categoria, fazendo-se uma contraposição entre advérbio x advérbio relativo.

O segundo objetivo desta pesquisa era verificar se algum dos fatores extralinguísticos era significativo na seleção de determinada forma linguística e, especificamente, se, no que tange à manutenção das regras da norma padrão, a utilização das formas **onde**, **aonde** e **na onde** pelos acadêmicos de Letras era distinta ou não da forma de uso dos acadêmicos das demais licenciaturas.

Em relação à manutenção da norma padrão, comprovamos que o curso de Letras possui um comportamento diferenciado das demais licenciaturas, tendo uma maior manutenção dos usos canônicos.

Analisamos todas as sentenças com o item **onde** em uso da única forma aceita pela norma padrão: como referente a espaço físico concreto. De um total de 68 ocorrências, 45 foram realizadas pelos acadêmicos de Letras, o que corresponde a quase 67% das ocorrências.

Observamos também as sentenças cujo uso de **aonde** estavam de acordo com a norma padrão. De um total de 12 ocorrências, 10 foram realizadas no curso de Letras. O que soma, aproximadamente, 84% das ocorrências.

No que diz respeito ao uso de **na onde**, na norma padrão, não há registro ou indicação de utilização. E, dentre os cursos de licenciatura, o curso de Letras é o apresenta menor percentual de uso: apenas 29%.

Na junção da análise de todos os dados, conseguimos afirmar que nossa hipótese é verdadeira, ou seja, **onde** está em processo de gramaticalização na língua portuguesa brasileira e se encontra em processo de deslocamento das referências mais concretas para as mais abstratas. Nesse processo de deslocamento, e nas camadas que estão sendo deixadas por **onde**, encontramos o estabelecimento de uso das formas **aonde** e **na onde**. Embora os itens **onde**, **aonde**, **na onde** apareçam em todos os contextos analisados, numa aparente forma de uso convivente, verificamos a implementação progressiva de uma distribuição complementar de uso, em que **onde** está alocado cada vez mais à esquerda da escala de abstração, usado como relativo a tempo, posse ou mesmo no uso conectivo, e **aonde** e **na onde** estão alocados cada vez mais à direita, ocupando os espaços de referentes mais concretos, deixados por **onde**, como relativo a espaço físico concreto, abstrato e até mesmo com uso adverbial.

Esta tese não esgota os estudos de **onde**, **aonde**, **na onde** em seus usos de contextos concretos ou abstratos. É preciso desdobrar o objeto de análise para que possa compor pesquisas de relevância com a finalidade de responder aos questionamentos deixados em aberto nesta pesquisa. Entre eles, destaco cinco: a necessidade de compor um corpus com dados de fala para contrapor aos dados da escrita e possibilitar a verificação da implementação ou não da trajetória da discursivização de **onde**; a possibilidade de discussão ampliada acerca da classificação problemática e duvidosa de **onde** como advérbio, fazendo contraposição entre advérbio e advérbio relativo; uma pesquisa exclusivamente sobre a forma **na onde**, em que se considerará seu processo de surgimento e implantação na língua partindo da hipótese de que tal formação é a junção de **em+aonde**, em que **aonde** passa a ser vista como um item já gramaticalizado, não sendo mais indentificada a preposição **a** da origem **a+onde**; a ampliação da pesquisa rastreando a trajetória de implementação das formas latinas em outras línguas, como espanhol e francês, e contrapor com os caminhos percorridos no português brasileiro e, por fim, ampliar o estudo inédito realizado nesta tese e contrastar os itens **onde**, **aonde**, **na onde** em textos de ambientes virtuais distintos, o que nos indicaria intersecções distintas nos três contínuos de Bortino-Ricardo

(2005), e traçar paralelos entre a utilização destes e a proposta de ***trajetória de abstração progressiva***.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1997
- ANTILLA, Raimo. **An introduction to historical and comparative linguistics**. New Cork: Macmillan, 1972
- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole. 2004.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- _____. **Gramática Escola da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010
- BOMFIM, Eneida do Rêgo Monteiro. **Varição e mudança no português arcaico: o caso de u e de onde**. Palavra, Rio de Janeiro, 1993.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CAMARA JUNIOR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CAMBRAIA, C. N. Sobre as origens do “aonde” na língua portuguesa. In: COHEN, M. A.; RAMOS, J. (Org.) **Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança linguística**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 41-66
- CAMPBELL, Lyle. **Some gramaticalizacón changes in Estonian and their implications**. [S.l.], 1991
- CASTILHO, A. T. de. **A gramaticalização. Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia. v. 19, mar. 1997.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 42.ed. São Paulo: Nacional, 2000.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2003.
- COELHO, S. M. **Uma análise funcional do onde no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística Geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1987. [1952]
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. Iconicity in syntax. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.342-365.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- FURTADO da CUNHA, M. A.; VOTRE, S. A linguística funcional no contexto da linguística aplicada. In: PASSEGGI, L. (Org.). **Abordagens em linguística aplicada**. Natal: EDUFRN, 1998. p. 55-82.

GUIBOURG, Ricardo. **El fenómeno normativo: acción, norma y sistema; la revolución informática; niveles del análisis jurídico**. Buenos Aires : Astrea, 1987. Col. Filosofía y derecho, 14.

GIVÓN, T. From discourse to syntax : grammar as a processing strategy. In: GIVON, T. (Ed.). **Syntax and semantics**. New York: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C.;LIMAHERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). **Introdução à Gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization : a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. (Org.). **Gramática do português falado: a ordem**. v. 1. São Paulo: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1990. p. 63-141.

KAHR, Joan Casper. **The renewal of case morphology: sources and constraints**. Stanford, 1976.

KERSCH, D. F. **A palavra onde no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996

KURYLOWICZ, Jerzy.**The evolution of grammatical categories**. Munich, 1975 [1965]

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage . In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. **Clause combining in grammar and discourse** . Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1982.

MACHADO, Dinamara. **Perspectivas de docência de interação na educação superior: Ambiente Virtual TELEDUC**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.

MACHADO, D.; REIS, P.C. **AVA NA Educação Superior: Perspectivas de Docência e Interação**. XX Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná (CELLIP), Londrina, 2011, Anais do XX Seminário CELIP, p.178 – 194.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A Visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO da CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 17-28.

MARTELOTTA, M. E.; RÊGO, L. Gramaticalização de lá. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 237-250

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

MARTINO, Agnaldo. **Português esquematizado**. São Paulo: Saraiva, 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1989.

MEILLET, A. Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Honoré Champion, 1948[1912].

- NARO, A.; BRAGA, M. L. **A interface sociolinguística/gramaticalização**. Gragoatá, 9, p.125-134, 2000.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
 _____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.
 _____. **Guia de uso do português: confrontando regras e usos**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.
 _____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. **Erros e problemas de linguagem**, Clássica Editora, 1989
- OLIVEIRA, Leonor de Araújo Bezerra. **A trajetória de gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista**. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- PEREIRA, Eduardo. **Gramática histórica**. São Paulo: Secção de Obras d’ “O Estado de S. Paulo, 1919.
- PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves et al. (Org.). **Linguística e Literatura: ensaios**. Salvador: Quarteto, 2004.
- PERINI, M. A. et al **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PIRES de OLIVEIRA, R. Os caminhos do ‘onde’: uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna. In: CABRAL, L. G.; GORSKI, E. (Org.). **Linguística e ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna**. Florianópolis: Insular, 1998. p. 147-164.
- POGGIO, Rosauta Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. Salvador: EDUFBA, 2003.
- REIS, Paula Cristina. **Comunicação empresaria**. Curitiba: Universidade Positivo,, 2014.
- ROCHA LIMA. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX**, Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SOUZA, E. H. P. M. de. **A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2003.
- TARALLO, F. L. **Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-Pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 189-218.
- VOTRE, S. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**.

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 27-43

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundation for theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

ZILLES, A. M. S. ; KERSCH, D. F. . Onde: prescrição, proscrição, descrição e ensino. In: Ana Maria Stahl Zilles; Carlos Alberto Faraco. (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1ªed.São Paulo: Parábola Editorial, 2015, v. , p. 145-190.